



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JULIANA ALMENDRA BLUME

THE LAND OF THE FEAR:
SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS
MANIPULADAS POR DONALD TRUMP NA CAMPANHA
PRESIDENCIAL DE 2016

JULIANA ALMENDRA BLUME

**THE LAND OF THE FEAR:
SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS
MANIPULADAS POR DONALD TRUMP NA CAMPANHA
PRESIDENCIAL DE 2016**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. André Azevedo da Fonseca

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Blume, Juliana Almendra .

THE LAND OF THE FEAR: : SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS MANIPULADAS POR DONALD TRUMP NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2016 / Juliana Almendra Blume. - Londrina, 2019.
137 f.

Orientador: André Azevedo da Fonseca.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Donald Trump - Tese. 2. Mitos - Tese. 3. Arquétipos - Tese. 4. Mitocrítica - Tese. I. Azevedo da Fonseca, André . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Juliana Almendra Blume

Título: "THE LAND OF THE FEAR: SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS MANIPULADAS POR DONALD TRUMP NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2016"

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Azevedo da Fonseca (Orientador)
UEL/CECA-NIC

Prof. Dr. José Miguel Arias Neto
UEL/CLCH-HIS

Prof. Dr. Rodolfo Rorato Londero
UEL/CECA-NIC

Londrina, 21 de maio de 2019.

**Aos meus pais, Ivan e Cecília, e minha
irmã, Mariana, pelos ensinamentos,
cuidados e apoio incondicional.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador André Azevedo da Fonseca pela inspiração e tranquilização nos momentos de insegurança, sempre positivo e oferecendo espaço e liberdade para que eu trouxesse minhas visões para o trabalho.

Aos professores e secretário do programa de mestrado em Comunicação da UEL, que ajudaram a tornar este trabalho possível: Alberto Klein, Márcia Buzalaf, Miguel Contani e Valter Mazieri. Aos membros da banca de qualificação que contribuíram para o bom desenvolvimento do trabalho, Rodolfo Londero e Rozinaldo Miani.

Obrigada a todos que participaram de conversas animadas sobre minha pesquisa, que contribuíram com ideias, indicações de leituras e de autores. Agradeço aos inúmeros amigos norte-americanos, que não só me acolheram neste objeto de pesquisa que é relativo à querida pátria deles, como também discutiram com entusiasmo as mitologias americanas e explicaram exaustivamente aspectos culturais experimentados por eles. Agradeço às amigas de infância Tatiana Kawakami, que ofereceu uma enorme ajuda na revisão no trabalho final, e Sophia Zaia, que me incentivou em inúmeros momentos. Agradeço também aos parceiros de trabalho Cláudia Lopes e Marcelo Ribeiro, pelo apoio, troca de ideias e abertura de espaço para que eu focasse na reta final da pesquisa. À querida Maria do Céu Formiga, que compartilhou comigo um pouquinho de seus vastos conhecimentos sobre psicologia e conceitos junguianos.

“Os rostos sofredores de homens e mulheres esgotados estendiam-se para eles, implorando não tanto ajuda – já haviam ultrapassado essa fase –, mas uma explicação. Apenas alguma coisa que diminuísse aquela perplexidade” (Markus Zusak)

BLUME, Juliana Almendra. **The land of the fear**: símbolos arquetípicos e mitologias políticas manipuladas por Donald Trump na campanha presidencial de 2016. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

Donald Trump é um empreendedor de diversos ramos, desde o setor imobiliário até o de entretenimento, que se tornou o 45^o presidente dos Estados Unidos. A trajetória nas disputas prévias do partido e os resultados das eleições de 2016 surpreenderam especialistas em política e criaram um modelo a ser seguido por candidatos de outros países. Trump manipulou uma verdadeira mitologia em torno de sua imagem e conseguiu explorar anseios importantes do eleitorado. O objetivo desta pesquisa é analisar os símbolos arquetípicos manipulados pelo então candidato em seus dois principais comícios. Para isso, empregamos a mitocrítica de Gilbert Durand. Observamos que Trump utilizou três grandes temas míticos em sua campanha: o complô, o apocalipse e o herói. No contexto da crescente desigualdade social nos Estados Unidos, suas narrativas conquistaram o apoio da camada mais autoritária e impactada pelo imaginário da perda Sonho Americano.

Palavras-chave: Trump. Campanha. Mitos. Arquétipos. Mitocrítica.

BLUME, Juliana Almendra. **The land of the fear:** archetypal symbols and political mythologies manipulated by Donald Trump in 2016's presidential campaign. 2019. 137 p. Dissertation (Master's degree in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

Donald Trump is a multi-industry entrepreneur who has worked from real estate to entertainment and became the 45th president of the United States of America. His trajectory in the primaries and the results of the 2016 elections surprised political experts. This created a pathway to be followed by candidates from other countries. Trump manipulated a mythology around his image and was able to exploit important anxieties of his support base. The objective of this research is to analyze the archetypal symbols manipulated by the candidate at two rallies. In order to do that, we have employed Gilbert Durand's mythocriticism. We have observed that Trump used three great mythical themes in his campaign: the conspiracy, the apocalypse and the hero. In the context of growing social inequality in the United States, his narratives won the support amongst those drawn to a more authoritarian message and those most affected by the loss of the American Dream imagery.

Key words: Trump. Campaign. Myths. Archetypes. Mythocriticism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.I.	Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos da América FBI – <i>Federal Bureau of Investigation</i>
GOP	<i>Great Old Party</i>
ISIS	<i>Islamic State of Iraq</i>
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais
LGBTQ	Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Queer
NAFTA	<i>North American Free Trade Agreement</i>
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
SDO	<i>Social Dominance Orientation</i>
TMT	<i>Terror Management Theory</i>
TS	<i>Transportation Security Administration</i>
VA	<i>Veterans Administration</i>
WWE	<i>World Wrestling Entertainment</i>

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	UM SHOWMAN NA POLÍTICA.	18
1.1	O P ERFIL DE A POIADORES DE T RUMP	30
1.2	O N ACIONALISMO E STADUNIDENSE	36
1.3	R EJEIÇÃO AO E STABLISHMENT	39
2	MITOS POLÍTICOS, APELO ÀS ORIGENS E A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO	43
2.1	O “O UTRO ” COMO O POSTO DE “N ÓS ”	49
2.2	I NIMIGO E O M ITO DO C OMPLÔ	51
2.3	E RA DE O URO E O H ERÓI S ALVADOR	57
2.4	O S A RQUÉTIPOS DO F ORA-DA-LEI , G OVERNANTE E DO I NOCENTE	61
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO	64
3.1	A C RISE	66
3.2	O S I NIMIGOS	77
3.3	O H ERÓI	79
3.4	A E RA DE O URO	87
	CONCLUSÕES	89
	REFERÊNCIAS	92
	ANEXOS	99
	ANEXO A – Anúncio de candidatura de Donald Trump	100
	ANEXO B – Tradução do anúncio de candidatura de Donald Trump	110
	ANEXO C – Aceite da nomeação do Partido Republicano	121
	ANEXO D – Tradução do aceite da nomeação do Partido Republicano	129

INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais de qualquer país são terreno fértil de estudos em diferentes áreas, das ciências políticas à psicologia. As eleições gerais dos EUA são especialmente importantes, já que o país é uma superpotência econômica e cultural que costuma impor seu modo de vida e sua ideologia, influenciando politicamente outras nações. A cada quatro anos, os olhos de pesquisadores do mundo todo se voltam para este evento, com questionamentos que buscam compreender fenômenos de comunicação e de comportamento.

Uma campanha política é construída e planejada cuidadosamente para atuar no imaginário social dos eleitores e conduzir o candidato ao sucesso. Em termos práticos, o objetivo é convencer a maioria da população votante de que aquele determinado candidato é a melhor opção de liderança para aquele país. Apesar de a política contemporânea parecer pertencer ao terreno da lógica e da razão, há muitos outros elementos subjetivos em jogo. Narrativas míticas associadas à política causam fortes respostas emocionais que levam à tomada de decisão. Muitas vezes, as “crenças implícitas” (FITZDUFF, 2017) dos eleitores sobre determinado candidato são construídas de forma inconsciente.

Raramente o público-alvo das propagandas políticas tem todos os recursos para analisar profundamente as estruturas dessas mensagens. Por isso, não pode refletir com racionalidade sobre as emoções despertadas a partir do consumo dessas informações. Considerando o sucesso surpreendente da eleição de Trump, que pegou adversários de surpresa e deixou a maioria dos analistas perplexos, observamos que a análise a partir das referências das mitologias políticas propõe abordagens capazes de oferecer hipóteses explicativas originais para compreender este fenômeno da comunicação política.

O objetivo deste trabalho é identificar os símbolos e arquétipos manipulados por Donald Trump nos anos de 2015 e 2016 para guiar sua narrativa da campanha presidencial. Para isso, buscamos os símbolos arquetípicos empregados em seus principais pronunciamentos para construir uma narrativa capaz de provocar paixões e ódios e mobilizá-los a seu favor. O método utilizado neste trabalho é a mitocrítica, de Gilbert Durand (2004). A mitocrítica admite que

toda época é dominada, de forma explícita ou implícita, por um ou mais mitos que expressam os desejos, medos e terrores de um grupo. Portanto, é possível estudar quais mitos animam os movimentos políticos em uma sociedade. “A política e a vida cívica não foram poupados do massivo fenômeno mitológico das liturgias reforçadas pelo poder midiático” (DURAND, 2004). Segundo Durand (2004), o reaparecimento repentino de mitos no campo da pesquisa causa “explosões míticas” que “aceleram a história”. A mitocrítica é a busca por estes mitos através da coleta de vestígios da presença do mito e da avaliação das mudanças do mito (BORBA; JARDIM, 2012). O mito pode ser identificado porque ele é redundante, ele se repete em ritmos obsessivos em um discurso. Esses mitos podem ser “atualizados, potenciais, latentes ou reprimidos”, e são compostos por mitemas – o menor elemento significativo de um mito. Durand apoiou-se no modelo da psicanálise para criar a mitanálise: enquanto a psicanálise estuda o indivíduo, a mitanálise estuda a sociedade para apreender quais grandes mitos orientam os momentos históricos.

A abordagem metodológica acontece em três momentos: o levantamento dos temas redundantes; o exame das situações, personagens e cenários; e a detecção das diferentes lições do mito e sua relação com outros mitos da mesma época – a mitocrítica sempre explora o discurso com enfoque nas preocupações sócio-histórico-culturais. A identificação de um mito acontece a partir de um jogo de mitemas, que podem atuar de forma “patente” ou “latente” (DURAND, 1985). Esses mitemas podem ser palavras avulsas ou pequenas frases que são simbolicamente ricas. Para analisar os símbolos, temos como apoio três dicionários: Dicionário de Símbolos de Herder Lexicon (2002), Dicionário de Símbolos – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1996) e o Dicionário de Simbologia, de Manfre Lurker (2003). Para analisar os arquétipos, utilizamos os modelos de Raoul Girardet (1987), no campo da história cultural; e de Margaret Mark e Carol Pearson (2017), no campo do marketing e da Comunicação; relacionando-os também, com aportes da psicologia social, a partir das observações de psicólogos que estudaram a carreira política de Trump. O estudo dos mitemas e mitos inclui a análise da narrativa para que ela seja estudada em suas partes e também em sua totalidade, mas diferencia-se da análise de discurso propriamente dita – que trabalha com a desmontagem do texto e análise semântica e sintática para investigar marcadores de discurso como pessoa, local e

tempo para se compreender a visão do emissor e como um discurso foi montado (MANHÃES, 2015).

O campo específico deste estudo está situado a partir da perspectiva da mitologia política que movimentou parte da sociedade estadunidense durante a campanha política de Donald Trump. Girardet (1987) descreve como grandes efervescências mitológicas acontecem em momentos de crise, de mudanças ou de ruptura social. Os mitos oferecem uma explicação para estes momentos, distorcem visões de mundo e orientam a ação da sociedade. Apesar de o campo da política parecer muito racional e lógico, as estruturas narrativas que mobilizam a imaginação dos eleitores estão baseadas em subjetividades, “incluindo aquelas oferecidas por experiências míticas e religiosas” (FONSECA, 2018, p. 153). Assim, nem sempre os atores sociais são conscientes de suas intenções. Narrativas arcaicas continuam influenciando a visão de mundo dos indivíduos e, conseqüentemente, mobilizando suas ações políticas. Muitas narrativas políticas reproduzem jornadas mitológicas em que heróis salvadores combatem conspirações demoníacas enquanto prometem reconduzir a população para uma idade do ouro na terra prometida. “Os mitos políticos, portanto, formam lugares privilegiados em que se constituem os discursos que veiculam os imaginários sociais” (BACZKO, 1985, p. 312).

As eleições estadunidenses acontecem a cada quatro anos desde 1789, sempre nos anos bissextos, sendo que os presidentes podem cumprir no máximo dois mandatos e depois disso não podem ser eleitos como vice-presidentes.

Segundo USA (2019), o ciclo das eleições presidenciais dos EUA acontece da seguinte forma: os candidatos anunciam intenção de concorrer na primavera do ano anterior às eleições – a partir do mês de março no hemisfério Norte. Três meses depois, em junho, começam os debates das primárias e dos cáucus, que continuam até a primavera do ano seguinte. Primárias são eleições para definir qual candidato será escolhido para representar o partido e cáucus são assembleias partidárias. Apesar de as primárias e cáucus acontecerem de formas diferentes, os eventos têm a mesma função, que é permitir que os estados ajudem a escolher os candidatos nominados pelos partidos para as eleições gerais. Diferentes estados têm regras diferentes: enquanto alguns permitem que qualquer cidadão americano com mais de 18 anos vote, alguns só permitem que eleitores registrados

em um partido político votem entre os candidatos daquele partido específico (PRESIDENTIAL, 2019). Entre janeiro e junho do ano das eleições, os estados participam das primárias e dos câucus. Os estados de Iowa e New Hampshire são bastante importantes nesta etapa, por serem os primeiros do país a realizarem o primeiro câucus e a primeira primária, respectivamente. Normalmente os resultados desses eventos dão força para os candidatos que se destacam neles.

Logo em seguida, de julho até o início de setembro do ano das eleições, os partidos organizam suas convenções para escolher seus candidatos. Entre setembro e outubro os candidatos participam de debates presidenciais. O dia das eleições é sempre na primeira terça-feira seguinte à primeira segunda-feira do mês de novembro. No mês de dezembro os delegados depositam seus votos no Colégio Eleitoral, e nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte às eleições o Congresso conta os votos eleitorais. A inauguração presidencial acontece no dia 20 de janeiro (caso seja um domingo, é adiado para o dia 21 de janeiro). Todos os presidentes desde 1852 foram do partido Republicano ou Democrata (USA, 2016).

As eleições dos EUA não funcionam por voto direto da população, e sim por Colégios Eleitorais, que têm peso variado dependendo do número de representantes do Congresso – composto por dois Senadores por estado somado ao número de representantes da Câmara dos Representantes dos EUA, que é proporcional à população de cada estado. A Califórnia tem o maior número de delegados do país, com 55, seguido pelo Texas (38), Nova York (29) e Flórida (29). Os estados menos populosos contam com apenas três delegados, como Alaska, Dakota do Norte e Delaware. Este sistema tem origem na Constituição do país, e foi implementado como um intermediário entre o voto popular e a escolha do presidente pelo Congresso. No país todo há 538 delegados, e o candidato eleito precisa conseguir pelo menos 270 votos para vencer. A Constituição não obriga os delegados a votarem nos mesmos candidatos que a população escolher. Isso significa que em algumas eleições – cinco delas, mais precisamente, incluindo as de 2016 – o candidato vencedor ganhou por voto dos Colégios Eleitorais, e não por voto popular (PRESIDENTIAL, 2019).

As eleições gerais dos EUA em 2016 aconteceram em um cenário bastante singular: a política pareceu se confundir com um *reality show* quando entrou nesta corrida uma celebridade e *businessman* sem nenhuma experiência na

política e com posicionamentos nada comedidos sobre assuntos internacionais delicados. Até conquistar a presidência, Trump nunca havia exercido cargo político ou cargo de liderança militar (BERENSON, 2015), característica até então inexistente entre presidentes eleitos nos EUA. Trump atraiu o público com seu *status* de celebridade, suas falas politicamente incorretas (GASS, 2015) e com promessas polêmicas e vagas, sem grandes explicações de como as tornariam realidade. Algumas delas foram construir um muro em toda a extensão da fronteira Sul dos Estados Unidos, e fazer com que o governo mexicano pagasse a conta; outra foi impedir que muçulmanos sem cidadania dos EUA – 19% da população mundial – entrassem no país mesmo detendo vistos (PLUMER, 2016). A vitória do candidato naquelas eleições já é considerada um divisor de águas na política mundial, uma vez que os países estão conectados e são influenciados de forma decisiva pelos Estados Unidos. As técnicas utilizadas pela equipe de campanha de Trump têm sido imitadas por outras equipes de marketing político de vários países. Donald Trump começou a ser chamado de “Fenômeno Trump” (PORTER, 2016) antes mesmo de ter vencido as eleições.

A motivação pessoal por trás desta pesquisa se deu em 2015, quando o anúncio da candidatura de Trump apresentou uma campanha claramente conservadora e isolacionista. Isso representava uma guinada radical que se distanciava do movimento em direção à tolerância, à inclusão das minorias e à globalização tal como observado de forma geral no Ocidente no final do século XX e início do século XXI em um cenário pós-Guerra Fria e de fortalecimento de blocos econômicos. No início, esses pronunciamentos nacionalistas e com fortes traços de autoritarismo pareciam exagerados e até caricaturados, uma fala arriscada e que poderia não ter encontrado apoio no eleitorado cada vez mais integrado globalmente pela cultura e economia através das facilidades de transporte, relaxamento das fronteiras, movimento de capital e da comunicação global facilitada pela internet. Conforme as primeiras pesquisas de aprovação do candidato foram mostrando que sua fala não só entrava em consonância com a opinião de uma enorme parcela da população dos EUA, mas também que ele estava despontando como principal candidato do Partido Republicano, o Fenômeno Trump foi se tornando cada vez mais interessante do ponto de vista acadêmico. Isso gerou o interesse em pesquisar questões como “qual narrativa de Trump encontra consonância em tantas pessoas,

e por que agora?”. Algumas possíveis chaves de interpretação foram encontradas na obra *Mitos e Mitologias Políticas*, de Girardet (1987), e quanto mais analisávamos se os pronunciamentos pareciam compatíveis com os modelos propostos pelo historiador francês, mais eles pareciam se encaixar perfeitamente. Logo depois começamos a observar a adoção de estratégias semelhantes por candidatos e líderes políticos de outros países, da América do Sul à África, passando pela Europa, o que confirmou a importância de estudos desta natureza.

O *corpus* da presente pesquisa foi constituído a partir da análise dos dois pronunciamentos mais significativos de Donald Trump na campanha à presidência da república nos Estados Unidos de 2016, considerando as redundâncias, as metáforas obsessivas e o próprio desenvolvimento da campanha. O primeiro deles é o anúncio de candidatura de Donald Trump, realizado no dia 16 de junho de 2015, na *Trump Tower* na cidade de Nova York (chamado neste trabalho de “Anúncio”); o segundo é o discurso de aceite de candidatura como único representante do Partido Republicano, na Convenção Nacional Republicana, na cidade de Cleveland, Ohio, no dia 21 de julho de 2016 (chamado aqui de “Aceite”). Estes dois pronunciamentos oferecem a síntese do imaginário que Trump propagou amplamente para legitimar sua representatividade, assim como para mobilizar o imaginário dos eleitores.

Ao analisar as narrativas míticas e os símbolos arquetípicos manipulados nesses pronunciamentos, nos concentramos em um conjunto de questões: quais mitologias foram utilizadas para conferir sentido aos problemas a serem superados pelos EUA? Como o inimigo foi retratado? Como os mitos da cultura norte-americana foram manipulados nesta campanha?

No primeiro capítulo efetuamos uma revisão bibliográfica para compreender a dramaturgia que Trump encenou durante a sua vida de empresário, de figura midiática e de candidato. Observamos que sua habilidade em identificar os medos e desejos de seus eleitores favoreceu uma campanha baseada na Teoria da Gestão do Terror (TMT, na sigla em inglês) para ativar o autoritarismo latente do público e aumentar a neurose quanto aos inimigos internos e externos. Sua profunda experiência no mundo do entretenimento ofereceu ferramentas que permitiram que ele tirasse vantagem até da atenção negativa que as mídias promoviam de seus

escândalos pessoais e empresariais. Seus próprios comícios se tornaram verdadeiros “Festivais de Identidade” (REICHER; HASLAM, 2017) que elevavam a autoestima do público.

No segundo capítulo efetuamos a discussão teórica para compreender os conceitos de símbolos, mitos e mitologias políticas. Vimos em que medida o “estereótipo” e a construção da imagem do “Outro” tiveram papel importante na visão do mundo descrita por Trump. Os inimigos externos – ou “sombras” – são personagens tradicionais dos mitos da conspiração ou do complô, tradicionalmente manipulados para mobilizar ódios e legitimar expurgos e exclusões. De crises econômicas, políticas (internas e externas) ou culturais surge a necessidade de um líder forte para conduzir o povo de volta à segurança dos tempos “de antes”, da idade de ouro.

No terceiro capítulo efetuamos a análise de seus pronunciamentos, observando que as crises dos Estados Unidos apontadas por Trump são, principalmente, nas áreas econômica e de segurança, sendo que a segunda inclui o terrorismo, imigração ilegal e violência urbana. Os inimigos externos, segundo Trump, são a China, o Japão e México, enquanto os inimigos internos são a grande mídia, a classe política, que incluiu o então presidente Barack Obama. Os imigrantes foram descritos com uma qualidade líquida, como se fossem uma inundação ou *tsunami* que só pode ser contido com um muro, uma barragem. Os inimigos internos foram classificados por Trump como incompetentes e corruptos. Já o herói ideal apontado por ele é de um vencedor, um ótimo negociador, uma pessoa onisciente, um construtor de sucesso, um *outsider* da política, alguém que não tem piedade ou paciência com injustiças. Ele resgata crianças, é a voz dos fracos, liberta cidadãos do crime, restaura a lei e ordem do país para reestabelecer a paz e salvar os cidadãos americanos da destruição iminente.

1 UM SHOWMAN NA POLÍTICA

Desde o início da corrida eleitoral de Donald Trump em junho de 2015, muitos pesquisadores de áreas como Psicologia, Ciências Políticas, Relações Internacionais, Ciências Sociais, Antropologia e Linguística, entre muitas outras, têm se dedicado a estudar esta campanha que tanto diferenciou-se do padrão anterior dos candidatos à presidência dos Estados Unidos. Sua vitória enquadra-se no conceito de “Cisne Negro” (TALEB, apud HENRIQUES, 2017), em que um evento é completamente inesperado, traz grandes consequências, e apenas em retrospectiva parece ser explicável. Este capítulo efetua uma revisão bibliográfica para compreender o Fenômeno Trump no contexto da corrida eleitoral estadunidense de 2016.

A campanha política singular que tanto influenciou “marqueteiros” ao redor do mundo foi ponto culminante de uma jornada que começou duas gerações antes de Donald Trump, com o nascimento e crescimento do império imobiliário da família Trump e a incursão do atual presidente no mundo do entretenimento, das marcas e das imagens, no final do século XX. Esta longa trajetória começou 100 anos antes, na Europa: tanto os avós paternos, Friederich Trumpf e Elizabeth Christ, quanto a mãe de Donald Trump, Mary Ann MacLeod, emigraram para os Estados Unidos por motivos econômicos, entre 1885 e 1929. Seu avô paterno, Friederich Trumpf, partiu sozinho para os EUA aos 16 anos porque a morte do pai dele deixou sua família em dificuldades financeiras. No novo país, ele morou com uma irmã mais velha e trabalhou como barbeiro em Nova York; abriu hospedagens e armazéns para os mineradores do estado de Washington e, aos 36 anos, já com cidadania estadunidense e com o novo sobrenome Trump, visitou sua família na Alemanha. Retornou aos Estados Unidos com sua noiva, que não adaptou-se ao novo país e quis voltar para a terra natal em 1904. O pedido de repatriação lhe foi negado pelo governo alemão, por ele ter evadido o serviço militar obrigatório quando era mais jovem. Assim, ele recebeu um aviso que deveria deixar a Alemanha dentro de 60 dias.

Alguns meses depois do retorno do casal à Nova York, nasceu Frederick Christ Trump, pai do atual presidente americano e mais conhecido como

Fred Trump. Quando Fred tinha 12 anos, seu pai Friederich morreu da Gripe Espanhola de 1918, mas deixou para os três filhos vários terrenos e pequenas propriedades no condado de Queens, região de Nova York que estava sendo urbanizada (BERMÚDEZ, 2018). Ali foi plantada a semente do império imobiliário da família Trump. Com a ajuda da mãe Elizabeth e de investidores, Fred continuou comprando terrenos e construindo casas e apartamentos.

Já a mãe de Donald Trump, Mary Anne, chegou da Escócia em 1929, com 17 anos, e declarou-se “doméstica” no porto de entrada. Ela casou-se com Fred Trump em 1936, e o casal viveu no condado de Queens, na cidade de Nova York. O negócio imobiliário herdado de Fred cresceu nas décadas de 1940 e 1950, com a explosão imobiliária do pós-guerra e com a ajuda de inúmeros empréstimos e subsídios federais para investimentos em moradia. Fred construiu mais de 27 mil apartamentos na região do Queens (DONALD, 2018).

Donald nasceu em 14 de junho de 1946, na cidade de Nova York. Aos três anos de idade, já embolsava US\$200 mil por ano (valor atual) de rendimentos da empresa do pai. Ele alcançou seu primeiro milhão de dólares aos oito anos e, aos 17, já era dono parcial de um conjunto de 52 apartamentos (BARSTOW et al, 2018). Kursou a Academia Militar de Nova York dos 13 aos 18 anos, e se formou no ensino médio em 1964. Estudou na Universidade de Fordham em Nova York e depois transferiu-se para a Escola de Administração Wharton, na Filadélfia, para estudar negócios imobiliários. Neste momento ele já comprava casas para investir na reforma e revender, e nos finais de semana ajudava seu pai na construtora. A formatura do ensino superior aconteceu em um momento intenso da Guerra do Vietnã (1955-1975), e Donald Trump conseguiu evitar uma convocação para servir no conflito por conta de uma carta de liberação de seu médico, que dizia que ele tinha osteocondroma no tornozelo (EDER; PHILIPPS, 2016). A partir de 1968, ele pode então dedicar-se exclusivamente ao trabalho ao lado do pai.

Uma longa investigação conduzida por uma equipe do *New York Times* – e contestada pelo advogado de Donald Trump – concluiu que Fred Trump o ajudou com US\$413 milhões (valor atual) ao longo da vida (BARSTOW et al., 2018). Já Trump afirmou em várias entrevistas que o pai “fez um pequeno empréstimo de US\$1 milhão” no início da carreira (equivalente US\$6.8 milhões atuais) e que cobrou

juros sobre o valor (DIAMOND, 2015). O império de Donald Trump chegou a valer US\$10 bilhões, segundo ele mesmo em 2015, com hotéis, arranha-céus, cassinos, linhas aéreas e campos de golfe ao redor do mundo – apesar de a empresa de dados para mercado financeiro *Bloomberg* estimar este valor em US\$2,8 bilhões. “Tanto pai quanto filho eram mestres em manipular o valor de seus ativos, fazendo com que eles parecessem valer muito ou pouco dependendo de suas necessidades” (BARSTOW et al., 2018). A denúncia do *New York Times* descreve Fred e Donald Trump como especialistas da manipulação da realidade conforme lhes era conveniente, dependendo se o momento era de declaração de imposto de renda, pedido de investimento ou empréstimo, de compra ou venda de imóveis.

Mesmo no final da década de 1980 e início de 1990, quando vários cassinos de Trump e sua linha aérea *Trump Shuttle* declararam falência, Fred Trump, aos 85 anos, tinha o que o BARSTOW et al. (2018) chamou de “rede de segurança” para injetar mais dinheiro nos negócios do filho, de forma extremamente discreta e possivelmente ilegal (BARSTOW et al 2018), para evitar o imposto do estado de Nova York de 55% sobre doações e heranças. Donald Trump também conseguiu um empréstimo de US\$65 milhões de bancos para reinvestir em seus negócios.

Apesar de ter recebido tanta ajuda do pai, Trump construiu uma marca ao redor da imagem de *self-made billionaire* – ou bilionário que cresceu do zero, sem ajuda externa. Esta marca é tão poderosa que gerou milhões de dólares em livros, programas de TV, cursos de negócios imobiliários e outros contratos de licença de uso. Além de Trump não ter crescido do zero, seu sucesso financeiro é resultado de três gerações de investimentos imobiliários, começando com seu avô Friederich. Mas Trump foi pioneiro em sua família ao lucrar enormes somas também com a imagem e com a marca dele. Enquanto o dinheiro de Fred Trump pagou pela construção da *Trump Tower*, “Donald Trump a usou como cenário tanto do *O Aprendiz* quanto de sua campanha presidencial” (BARSTOW et al, 2018, tradução nossa). O vídeo de abertura da primeira temporada do *reality show*, em 2004, mostrava as principais propriedades de Trump, seu avião, helicóptero e cassinos. “Nem tudo foi fácil. Há 13 anos, tive sérios problemas. Eu devia milhões de dólares, mas lutei e venci. Usei meu cérebro, minha capacidade de negociação e resolvi tudo [...]. Converti o nome Trump em uma marca de máxima qualidade” (APPRENTICE,

2018), dizia Trump com a música “*For the Love of Money*” de The O’Jays tocando ao fundo na abertura original. Um ponto importante desta imagem é que ele nunca revela os detalhes da origem ou tamanho de seu patrimônio. Isso ajuda a explicar por que ele foi o primeiro candidato de um partido principal em 40 anos de eleições gerais nos Estados Unidos a não liberar sua declaração de imposto de renda.

Seus casamentos foram intensamente noticiados e os dois primeiros divórcios foram explorados exaustivamente pela imprensa sensacionalista. Seu primeiro casamento foi em 1977 com a modelo checa Ivana Zelnickova, com quem teve três filhos: Donald Jr., Ivanka e Eric. Ivana separou-se de Trump em 1990, e ele casou-se com a modelo Marta Maples em 1993. O casal teve uma filha, Tiffany, e separou-se em 1997. Trump casou-se com a atual primeira dama Melania Knauss em 2005, e teve com a ex-modelo eslovena o filho Barron William em 2006. Melania foi a segunda primeira-dama estrangeira dos EUA e a primeira que não tem como língua materna o inglês. Já Trump é o segundo presidente americano a ser divorciado; o primeiro foi Ronald Reagan (GORE, 2016). Naturalmente, essas informações foram exploradas pela imprensa, de modo a trazer mais visibilidade para Trump. Veremos, no decorrer do trabalho, como ele aprendeu a transformar notícias negativas em dividendos eleitorais.

Justamente durante a explosão dos programas de *reality TV*, nas décadas de 1990 e 2000, Trump começou a envolver-se com o *World Wrestling Entertainment* (WWE), estilo de luta teatral semelhante ao *catch* – ou luta-livre, tal como foi traduzido no Brasil. Ele patrocinou as finais do evento nos anos de 1998, 1999 e 2007, e teve algumas participações em que tinha brigas ensaiadas com o dono do WWE, Vince McMahon, para delírio do público. Esta experiência com o WWE também influenciaria enormemente a narrativa de sua campanha política de 2015 e 2016, conforme mostraremos no decorrer do trabalho. De 1996 a 2015, foi dono dos direitos do *Miss Universo* nos EUA em parceria com o canal *NBC*. De 2004 a 2015, apresentou os *reality shows* *O Aprendiz* e *O Aprendiz de Celebridade*, da *NBC*, que também serão discutidos com maior profundidade posteriormente, por terem ajudado a construir a imagem dele como um possível presidente dos Estados Unidos.

O primeiro ensaio para concorrer à presidência dos EUA foi bastante tímido e aconteceu em outubro de 1987, em uma reunião semanal de rotarianos em New Hampshire, quando Ronald Reagan era presidente. Então com 41 anos, Trump era registrado pelo partido Democrata, mas mudou seu registro para o Republicano. Ele foi incentivado pelo ativista republicano Mike Dunbar a dirigir-se a 500 pessoas. Os fãs que estavam fora do restaurante seguravam placas com os dizeres: “*Trump in 88*”, “*Trump for president*” e “*Vote for an en-TRUMP-eneur*” (KRUSE, 2016). Em seu discurso de meia hora, ele afirmou que não seria candidato naquelas eleições, mas que os EUA estavam prestes a virar um “desastre”, estavam “sendo chutados por aí”, e outros países estavam “rindo de nós” (KRUSE, 2016). Esta linha narrativa foi exatamente a mesma utilizada mais tarde, em 2016. Apenas os inimigos externos apontados por ele é que mudariam. Um mês antes do discurso de New Hampshire, ele havia investido US\$94.801 em espaço publicitário no *New York Times* para publicar uma carta aos leitores, alertando-os sobre países que estariam abusando dos EUA, como Japão, Irã e Arábia Saudita. “Cobre impostos dessas nações ricas, não dos EUA. Dê um fim às nossas dívidas, reduza nossos impostos, deixe a economia dos EUA crescer livremente do custo de defender aqueles que podem nos pagar pela defesa” (TRUMP, apud KRUSE, 2016, tradução nossa). Ele não participou politicamente das eleições de 1992 e 1996, já que estava envolvido com a recuperação financeira de seus cassinos e sua marca era vista negativamente.

A primeira tentativa mais séria de candidatura feita por Trump foi em 1999, nas eleições à presidência de 2000. Em outubro daquele ano ele anunciou a criação de um comitê de exploração presidencial para estudar uma possível campanha. Em janeiro de 2000 ele lançou o livro “A América que merecemos”, que focava em comércio exterior, dívidas domésticas e um sistema único de saúde. Na época, ele era eleitor registrado do Partido Republicano, mas retirou seu registro e uniu-se ao Partido da Reforma, tentando uma nomeação sob orientação de Roger Stone. A dupla trabalhara em parceria desde o início da década de 1990, quando Stone era lobista dos cassinos de Trump. A candidatura foi abandonada rapidamente em fevereiro de 2000, sem passar desta fase exploratória inicial. Em 2001 Trump alterou seu registro de eleitor do Partido da Reforma para o Democrata; em 2009 voltou para o Partido Republicano; em 2011 identificou-se como “sem partido” e, em 2012, retornou ao *Great Old Party (GOP)* – como também é chamado

o Partido Republicano. Nas eleições de 2004, 2008 e 2012 Trump continuou testando as águas com declarações sobre outros países tirando vantagem dos EUA e alimentando o *Birther Movement*, acusação já desbancada de que o então presidente Barack Obama não teria nascido nos EUA e portanto não poderia ter sido eleito presidente do país. No início de 2011 ele passou vários meses fazendo campanhas extraoficiais e apareceu nas pesquisas nacionais com boa aceitação, apesar de ter perdido popularidade ao redor do mês de maio daquele ano. Logo depois, ele anunciou que trabalhar com negócios era sua maior paixão e que ele não estava pronto para deixar o setor privado (KUCINICH, 2011).

Apenas em março de 2015 ele entrou na corrida eleitoral com seriedade. Stone foi conselheiro de Trump novamente nos primeiros meses da campanha, até agosto de 2015, e continuou apoiando o candidato até sua eleição no mês de novembro de 2016. Trump e sua equipe lançaram um comitê exploratório em março de 2015 e em maio do mesmo ano anunciaram um grupo de liderança em New Hampshire, estado importante no cenário eleitoral por sediar a primeira primária presidencial das eleições (PAGE, 2015). Sua campanha foi lançada oficialmente em 16 de junho de 2015. Nos meses iniciais ele não descartou uma candidatura por um partido independente; mas em setembro de 2015 comprometeu-se com o conservador Partido Republicano, em busca de maior visibilidade e maiores chances de sobreviver à dura corrida eleitoral americana (COSTA, 2015), já que todos os presidentes eleitos desde 1852 foram Democratas ou Republicanos. Foi confirmado pelo Partido Republicano como candidato oficial no dia 21 de julho de 2016 (TRUMP, 2016), superando a expectativa de muitos especialistas e leigos, que o encaravam como piada improvável (CATANESE, 2016; NAVARRO, 2016).

Nos primeiros 13 meses de candidatura, Trump conquistou sucesso não previsto por cientistas políticos e eliminou todos os outros dez pré-candidatos de seu partido na corrida eleitoral. A jornada de Trump pode ter parecido à primeira vista caótica, absurda e sem planejamento; mas seus resultados e a consistência narrativa desde o final dos anos 1980 mostram que ele entrou na corrida eleitoral com um plano em mente e uma estratégia que foi mantida entre os meses que separaram o primeiro discurso, de junho de 2015, daqueles realizados nas semanas finais de corrida eleitoral, no segundo semestre de 2016.

Dois fatores foram decisivos para o sucesso e singularidade de Trump na corrida eleitoral: o primeiro é que ele foi celebrado por não pertencer ao mundo da política e por questionar suas regras; e o segundo fator foi ter perdido as “primárias invisíveis” do Partido Republicano e ainda assim ter conquistado a nomeação.

Donald Trump, mesmo como *outsider* da política, não sofreu com o modelo da “descoberta, escrutínio e declínio” (SIDES; VAVRECK, 2014) – fenômeno comum entre candidatos que, por não pertencerem ao meio político, têm rápida ascensão nas pesquisas, o que leva à grande cobertura pela mídia, à descoberta de informações negativas sobre o candidato e à consequente queda nas pesquisas de popularidade. Trump, ao contrário, era um velho conhecido das mídias, que há anos exploravam sua vida pessoal, suas intrigas matrimoniais e suas polêmicas empresariais. Por isso, no seu caso, mesmo as informações negativas acabaram ajudando na campanha (MANZA; CROWLEY, 2017). Ao mesmo tempo, o público sentia que já o conhecia. Portanto, conhecê-lo ainda mais como político não representou um grande investimento de energia por parte dos eleitores, já que ler mais sobre Trump ou ouvi-lo falar era encarado como entretenimento e lazer. Nas campanhas políticas, “quando os custos [cognitivos] marginais de novas informações excedem o ganho potencial dessas informações, eleitores param de prestar atenção” (LAU; REDLAWSK, apud MACWILLIAMS, 2017, p. 131, tradução nossa). No caso dos apoiadores de Trump, o custo cognitivo de prestar atenção nele era muito pequeno em relação ao ganho de acessar essas informações eleitorais.

Para Hall, Goldstein e Ingram (2016), o passado midiático de Trump forneceu um tipo de licença especial que permitiu que ele se comportasse de forma até então considerada inaceitável nos palanques. Enquanto isso, os outros candidatos, do meio político tradicional, continuavam vulneráveis aos códigos de etiqueta: “a política normal tem limites semióticos que o entretenimento não tem” (HALL; GOLDSTEIN; INGRAM, 2016, tradução nossa). Se candidatos nas eleições anteriores caíam no desgosto dos eleitores por causa de simples expressões faciais espontâneas fora do comum, Trump podia gesticular de forma exagerada e fazer caretas à vontade, justamente porque aqueles gestos aliados ao seu *timing* cômico o aproximavam daquela modalidade de familiaridade com o ídolo que a indústria de

entretenimento oferece ao seu público. O estilo político comediante de Trump trouxe um valor visual para a política do século XXI, e suas piadas permitiram que temas considerados tabus fossem abordados sem quebrar as normas sociais.

Segundo Kellner (2016), o conceito de espetáculo político na mídia alcançou o apogeu com a popularização de canais de notícia 24 horas e da Internet no final da década de 1990. Este efeito, caracterizado pela interrupção do fluxo habitual de informações e pela captação permanente de atenção do público, teria aumentado ainda mais com a proliferação de redes sociais na Internet, como YouTube, Twitter, Instagram e Facebook. Tanto Kellner (2016) quanto Hall, Goldstein e Ingram (2016) concordam que a política do século XXI orientada pela mídia e para o visual favoreceram a ascensão de Trump, já que ele é um reconhecido mestre do espetáculo da mídia. Kellner (2016) aponta que Obama também obteve sucesso em suas campanhas por saber mesclar política e performance em espetáculos de mídia. Mas o sucessor superou a espetacularização. “Trump representa os excessos visuais e a hipérbole do século XXI” (HALL; GOLDSTEIN; INGRAM, 2016, tradução nossa). Trump também não poderia existir sem uma mídia saturada do “*fast capitalism*” (AGGER, 1989, apud COMOR, 2011) – o estágio do capitalismo acelerado pós-fordismo que depende da velocidade das redes de comunicação e da digitalização, a tecnologia que melhor combina com o pensamento pós-moderno por alterar representações e criar simulacros (COMOR, 2011). Sua existência também foi possível graças à espetacularização midiática da política, fenômeno que se desenvolveu intensamente no decorrer da década de 1990 e que se consolidou na era das redes sociais. Enquanto Obama revolucionou sua campanha com o Facebook, Trump destacou-se pelo uso do Twitter, usando a plataforma de modo particularmente agressiva. “O Twitter permite que Trump defina sua marca e mobilize aqueles que a consomem ou a apoiam” (KELLNER, 2016, tradução nossa). Uma de suas estratégias durante a campanha foi disparar dezenas de tuítes polêmicos nos dias em que não participava de comícios e eventos oficiais, para manter a mídia e os usuários das redes sociais engajados. Por tudo isso, para Hall, Goldstein e Ingram (2016, tradução nossa), “no momento em que Trump deixar de falar e fazer esquisitices, ele vai evaporar”.

Como vimos anteriormente, o longo caminho que levou Trump ao cargo de presidente dos Estados Unidos em 2016 começou a ser trilhado nos anos 1980 e 1990, quando ele cresceu nos negócios e no entretenimento e já opinava com bastante frequência sobre a política do país. Kellner (2016) argumenta que o crescimento de Trump como homem de negócios e celebridade durante os anos 1980 foi impulsionado com a desregulamentação e capitalismo selvagem da administração de Ronald Reagan. “Trump é um populista autoritário nos moldes de Reagan e Margaret Thatcher. Como Reagan, ele vem da indústria do entretenimento e foi uma celebridade popular quando ele anunciou sua candidatura” (KELLNER, 2016, p. 20, tradução nossa). O autor também aponta que Trump importou sua linguagem de um ambiente de negócios altamente competitivo de Nova York e sabe muito bem como usar a mídia para ter sucesso no “hipercapitalismo midiacêntrico” (KELLNER, 2016, p. 5). Os símbolos e usos políticos da memória coletiva nas campanhas de Ronald Reagan e de todos os candidatos republicanos que tentaram disputar as eleições de 2016 foram examinados por Plant (2015), que concluiu que Reagan seria visto como um fetiche do partido Republicano, simbolizando otimismo e um novo patriotismo, em busca de credibilidade com os eleitores republicanos. Trump também usufruiu desta mitologia, começando pelo slogan “*Make America Great Again*”, que é muito semelhante ao “*Let’s make America Great Again*” utilizado por Reagan em 1980.

Kellner (2016) calcula que toda a atenção que Trump recebeu em sua candidatura representou 46% do tempo de cobertura da mídia entre os onze candidatos republicanos; que, segundo estimativa do *Market Watch*, em junho de 2016, significou o equivalente a US\$3 bilhões de cobertura da mídia grátis. Enquanto isso, Clinton recebeu o equivalente a US\$1,1 bilhão de cobertura grátis (FITZDUFF, 2017). Na época, Trump explicou, provavelmente corretamente, que ele conseguia todo esse tempo de mídia porque trazia audiência para as empresas de comunicação de massa. O sucesso da campanha de Trump foi tamanho que ele cativava a audiência nos meios de comunicação no mundo todo, mesmo que de forma negativa. Hall, Goldstein e Ingram (2016) apontaram que outros artistas-políticos, como Reagan, usaram o entretenimento para atrair a atenção da mídia; mas ao contrário de Trump, não conseguiram tirar proveito também da atenção negativa.

O envolvimento de Trump no *World Wrestling Entertainment* (WWE) nas décadas de 1990 e 2000 ajudou a moldar sua campanha. Ele patrocinou as finais do evento (*WrestleMania*) em 1998 e 1999, que aconteciam no prédio ao lado do Trump Plaza, em New Jersey. Firmou parceria também com o evento em 2007. Neste tipo de luta muito semelhante ao *catch*, cada competidor tem um apelido que costuma incluir um adjetivo, como *The Animal* (O Animal), *The Bad Guy* (O Cara Mau) e *The Viper* (A Víbora). Além disso, também usa gestos específicos que funcionam como uma marca-registrada do lutador. Hall, Goldstein e Ingram (2016) argumentam que Trump trouxe da luta-livre profissional as táticas de apelidar os oponentes e usar gestos e caretas para imitá-los de forma pejorativa, fazendo caricaturas gestuais para criar espetáculo e alavancar a campanha. Alguns desses apelidos foram *Crooked Hillary* (Hillary Desonesta), *Low Energy Jeb* (Jeb Baixa Energia), *Lyin' Ted* (Ted Mentiroso) e dezenas de outros para oponentes nos EUA e do exterior, e até para jornais e canais de notícias. Nos Estados Unidos, o *catch* é um espetáculo excessivo com natureza política, “representa uma espécie de combate mitológico entre o Bem e o Mal” (BARTHES, 1982, p. 19) e trabalha com as ideias de justiça, punição e dor. A experiência de apresentador de finais da WWE parece ter influenciado fortemente os comícios do então candidato Trump, que pediu repetidamente pela punição de “*Crooked Hillary*” (Hillary Desonesta) por sua controversa decisão de usar um servidor privado para comunicações oficiais que deveriam ser feitas com servidores federais.

A frase-assinatura “*You are fired!*” (Você está demitido!), do programa de *reality TV* *O Aprendiz*, também tem origem no WWE. Ela já era utilizada pelo dono da empresa WWE, Vince McMahon, desde 1990. Já Trump começou a usá-la apenas em 2004 em *O Aprendiz*. Foi justamente este programa com *ethos* capitalista que contribuiu para a disseminação de sua imagem de líder eficaz entre seus apoiadores. “*O Aprendiz* forneceu uma pedagogia Trumpiana de como ter sucesso em um mundo de negócios capitalista agressivo, ilustrando que táticas agressivas, altamente competitivas e algumas vezes amorais são necessárias para vencer e ter sucesso” (KELLNER, 2016, p. 8, tradução nossa). Trump assediava os participantes, mostrando respeito apenas pelos vencedores. “Além disso, a série criou uma persona pública que serviu muito bem para ele quando começou a campanha para a presidência” (FITZDUFF, 2017). O cenário do

programa também foi importante para o imaginário dos seus apoiadores, pois remete ao Salão Oval da Casa Branca. “A mesa de carvalho, a luz vinda de cima, a bandeira americana no fundo e os conselheiros [...] conjuram uma imagem de Trump como pseudo-presidente” (SETOODEH, 2016, apud FITZDUFF, 2017, tradução nossa).

Estas e outras participações de Trump na área do entretenimento foram responsáveis pelo grande apoio que ele recebeu desde seu anúncio da candidatura em 2015. Este anúncio foi feito após anos de ensaios e estudos sobre o potencial de acolhimento do público. Conforme detalhado anteriormente, Trump começou a explorar a possibilidade de concorrer ao cargo ainda na década de 1990 (TRUMP, 1999) e foi conhecido por opinar frequentemente sobre a política do país entre as décadas de 1980 e 2010. Foi provavelmente o “mito do *Birtherism*” que chamou atenção da extrema direita para Trump, ainda no primeiro mandato de Obama, em 2011 (PARKER; EDER, 2016). Nesta alegação, já desbancada, Trump acusava Obama de não ter nascido nos Estados Unidos e, portanto, de não poder ocupar a função de presidente daquele país (KELLNER, 2016).

Levantar questionamentos sobre a certidão de nascimento do presidente – e até ameaçar enviar uma equipe de investigadores para o Havaí – serviu à sua função, elevar o perfil político de Trump, e soubesse ele ou não na época, oferecer a ele a fundação rudimentar em que ele construiu sua campanha de 2016. (PARKER; EDER, 2016, tradução nossa).

O segundo fator de diferenciação do sucesso de Trump foi ter perdido a “Primária Invisível” e mesmo assim ter conseguido a nomeação do partido. Também conhecida como *Money Primary* (Primária do Dinheiro) – o período em que os candidatos mais fortes do partido levantam fundos para as primárias e ganham apoio de líderes políticos, de doadores e do próprio partido –, é nesta etapa da corrida eleitoral em que a maioria dos candidatos abandona a tentativa por não conseguir o apoio necessário. “Trump inequivocadamente perdeu a ‘primária invisível’ [...]. Por qualquer definição, o sucesso de Trump na primária desafia o que achávamos que sabíamos sobre a importância dos bastidores dos partidos e da dinâmica da primária” (MANZA; CROWLEY, 2017, p.4).

Para Manza e Crowley (2017), conseguir ser indicado pelo partido foi uma vitória de Trump muito mais significativa do que vencer as próprias eleições gerais. Os autores apontam que Trump não mobilizou os fatores que são classicamente associados como indispensáveis em uma campanha política: dinheiro, apoio, organização do campo e disciplina da mensagem. Os comentaristas da mídia conservadora se opuseram à nomeação de Trump e se recusaram a apoiá-lo. “O triunfo de Trump nas primárias do GOP aconteceu acima de tudo por um motivo simples: um grupo decisivo de eleitores republicanos desconsideraram a oposição de literalmente toda a elite do partido e votaram nele” (MANZA; CROWLEY, 2016, p.4, tradução nossa). Para MacWilliams (2016) foi a falta de alinhamento da elite do Partido Republicano nas eleições de 2016 que permitiu que os eleitores comuns tomassem essa decisão. Ele leva em consideração a teoria de que “o partido decide” (COHEN, apud MANZA; CROWLEY, 2017, p.4), mas aponta que as eleições de 2016 foram ímpares. “O jeito ditador de Donald Trump e sua mensagem não são um evento único na política americana contemporânea, mas seu sucesso face à oposição forte e persistente das elites do partido, certamente é” (MACWILLIAMS, 2016). Para o autor, a elite do Partido Republicano não conseguiu se alinhar e exercer influência na escolha do indicado por conta do “excepcional número de candidatos”, e quem acabou decidindo foram os eleitores autoritários, atraídos pelas mensagens de nós-versus-eles da retórica autoritária de Trump. Para MacWilliams (2016), esta é a “primavera do autoritarismo nos Estados Unidos”.

O autoritarismo está fortemente ligado ao medo e à ameaça (MACWILLIAMS, 2016; PETTIGREW, 2017; FITZDUFF, 2017). Por isso, Trump explorou os temores (reais ou imaginários) já existentes nos apoiadores: medo do terrorismo islâmico, de imigrantes, de sair em desvantagem econômica e medo da ineficiência governamental. A retórica racista, islamofóbica e xenofóbica de Trump “joga com a tradição violenta e racista dos EUA que ativa o medo e raiva de outras raças” (KELLNER 2016 p.24, tradução nossa). Cohen et al (2017) afirmam que a estratégia política de Trump foi fortemente baseada na TMT ao mencionar frequentemente ameaças à vida física e ao modo de vida americano, e assim aumentar em seus apoiadores o acesso a pensamentos relacionados à morte, que por sua vez aumentam a procura por um líder carismático que promete a segurança física, econômica e até segurança de *status* de potência mundial.

1.1 O PERFIL DOS APOIADORES DE TRUMP

Rothwell e Diego-Rosell (2016) analisaram dados de 132.815 adultos americanos entre julho de 2015 e outubro de 2016, e processaram, com a ajuda de algoritmos de aprendizagem de máquina, o impacto de 52 variáveis na probabilidade binária de uma pessoa ter sido a favor de Trump. Entre elas estavam a etnia, religião, nacionalidade, idade, gênero, saúde, renda, tipo de ocupação, nível educacional e o endereço de residência. O perfil de quem apoiou Trump tendia a ser homem, cristão não-mórmon, heterossexual, com mais de 40 anos e não-hispânico. Pessoas com essas características eram 35% daquelas que favoreceram Trump. O eleitorado de Trump tinha renda média de US\$73 mil por ano e 15 anos de educação, portanto era considerado relativamente privilegiado.

Enquanto os eleitores de Trump tinham em média 0,28 menos anos de escolaridade que o Republicano médio, eles tinham 0,84 mais anos de educação que o adulto americano médio. No quesito saúde, chamou atenção a alta relação entre a dependência financeira de auxílios governamentais por conta de problemas de saúde e o apoio a Trump. Por outro lado, o desemprego foi um previsor fraco de apoio ao político.

O fator renda estava entre as 20 variáveis mais importantes de apoio, mas contradisse o argumento repetido constantemente (STOP, 2016) durante a campanha de que a população mais pobre estaria por trás do sucesso de Trump. Eleitores de Trump tinham renda anual US\$9 mil menor que o eleitor republicano médio, mas US\$17 mil maior que o americano médio (ROTHWELL; DIEGO-ROSELL, 2016). Um estudo de Manza e Crowley (2017) confirmou os resultados de Rothwell e Diego-Rosell (2016) ao analisar duas pesquisas de opinião de janeiro de 2016 e de maio de 2016, ou seja, imediatamente antes do primeiro cáucus no dia 1º de fevereiro de 2016 (sistema que elege delegados em Iowa e Nevada e que marca a primeira disputa da temporada presidencial primária dos EUA) e imediatamente depois da votação para as primárias nos 26 estados que realizaram a votação até 3 de maio de 2016. O resultado foi que o “Trumpenvolk” (OLIVER; RAHN apud MANZA; CROWLEY, 2017, p. 5) – o eleitorado de Trump – tinha maior educação e renda do que os eleitores comuns das primárias estaduais.

Uma das contribuições mais valiosas do estudo de Rothwell e Diego-Rosell (2016) foi a desconstrução da ideia de que os estadunidenses mais afetados pela globalização foram favoráveis a Trump, ou seja, aqueles que viviam perto da fronteira com o México. Pelo contrário, a probabilidade de apoiar Trump crescia conforme aumentava a distância geográfica em relação ao México. Aqueles que tinham empregos nas categorias ocupacionais que têm maior participação de imigrantes, como agricultura, indústria e construção não estavam entre as variáveis mais importantes para determinar tendência de apoio ao candidato. Isso sugere que a exposição à diversidade étnica era mais baixa entre os apoiadores de Trump. Pettigrew (2017) confirma estas conclusões de Rothwell e Diego-Rosell (2016): nas cidades norte-americanas que antes não registravam a presença de imigrantes e que observaram um aumento recente de 150% da diversidade acabaram tendo 67% de votos para Trump, mesmo cidades que estavam com crescimento de número de empregos.

Manza e Crowley (2017) concluíram que os trabalhadores brancos que estavam angustiados com a perda de estabilidade econômica e oportunidades foram a porcentagem mais significativa dos apoiadores de Trump. Irwin e Katz (apud REICHER; HASLAM, 2017) explicam que os eleitores de Trump não eram pobres, mas viviam em regiões com problemas econômicos de longa data. “Um elemento em comum para grande parte de seus apoiadores é que eles perderam a transição que durou uma geração inteira nos EUA da manufatura para uma economia diversa e focada na informação que está conectada com o resto do mundo” (IRWIN; KATZ apud REICHER; HASLAM, 2017). “Mesmo assim, os resultados são consistentes com a literatura sobre o nacionalismo europeu que atrai a classe média”, dizem estes autores. Fitzduff (2017) diz que a falta de sensação de poder foi previsor muito mais importante de apoio a Trump do que idade, renda, etnia, estudo ou visão dos muçulmanos, dos imigrantes ilegais e a identidade hispânica.

Outro fator importante foi a forma de ver o mundo, apontam Manza e Crowley (2017). A percepção de mundo mais negativa influenciou fortemente no apoio a Trump. Aqueles que achavam que era igualmente difícil escalar a escada econômica em 2016 quando comparado com 1996, viam os outros candidatos republicanos além de Trump mais positivamente, enquanto aqueles que achavam

que era mais difícil escalar esta escada em 2016 tenderam a ter mais sentimentos positivos por Trump do que outros candidatos do mesmo partido.

Quanto ao tipo de personalidade dos apoiadores, Pettigrew (2017) aponta que cinco fenômenos da psicologia social ajudaram a explicar a eleição de Trump: autoritarismo, orientação social dominante (SDO, na sigla em inglês), preconceito, privação relativa e contato intergrupar. MacWilliams (2016) argumenta que os eleitores autoritários, aqueles que exigem a obediência às ordens e que rechaçam o Outro, foram responsáveis pela indicação de Trump para as eleições de 2016. Estudo de 2011 mostrou que 44% dos americanos podiam ser classificados como autoritários, com 19% exibindo autoritarismo “muito alto” (FITZDUFF, 2017). O estudo de MacWilliams (2016) mostrou que eleitores autoritários e com medo de sofrer pessoalmente com atos terroristas tinham maiores chances de apoiar Trump do que apoiar outros candidatos republicanos, já que estas duas características não tiveram efeito nas pesquisas de apoio aos então pré-candidatos do Partido Republicano Ben Carson, Marco Rubio e Jeb Bush. MacWilliams (2017) classifica os apoiadores dos outros pré-candidatos republicanos como “conservadores”, ou aqueles que têm aversão a mudanças, enquanto os apoiadores de Trump seriam “autoritários”, aqueles que têm aversão a pessoas e crenças diferentes. Comentando o trabalho de MacWilliams (2017), Fitzduff (2017) ressalva que as tendências autoritárias não são uma característica de personalidade da pessoa, mas que podem ser facilmente ativadas quando o contexto social ou pessoal do indivíduo torna-se ameaçador de acordo com sua percepção. Outros movimentos observados nos Estados Unidos que tiveram o autoritarismo como ponto central foram o *Know Nothing*, de 1850, o movimento Wallece em 1960 e o *Tea Party*, de 2010 (PETTIGREW, 2017): O *Know Nothing* sonhava em retornar aos Estados Unidos Protestante sem Católicos irlandeses e sem o novo capitalismo (LIEVEN, 2012); o governador do estado do Alabama, George C. Wallace, foi um dos maiores símbolos da segregação entre brancos e negros na região Sul dos EUA (GEORGE, 2019); o *Tea Party* surgiu em 2009 como reação à crise de 2008 e foi uma guinada do populismo americano para a direita. Este movimento, que não é um partido político, representa as ansiedades sociais sofridas pela classe média branca dos EUA e se guia pela Constituição original dos Estados Unidos, sem adaptações modernas (LIEVEN, 2012).

MacWilliams (2016) também defende que é o autoritarismo o responsável pelo bipartidarismo dos EUA, com pessoas mais autoritárias gravitando para o Partido Republicano e as pessoas menos autoritárias escolhendo o Democrata. Henriques (2017) explica que o maior contato com a diversidade é um fator muito importante nesta divisão, que tende a ser entre “tradicionalistas” e “cosmopolitas”. Enquanto o primeiro grupo vive em pequenas cidades ou na zona rural do país e valoriza a cultura local, o segundo vive em grandes cidades e nas costas Leste o Oeste do país, têm maior contato com a diversidade e valoriza a cultura global. Segundo Henriques (2017), os tradicionalistas sentem ressentimento por serem vistos como inferiores, ignorantes, racistas ou hiper-religiosos pelas elites cosmopolitas. “Crucial para entender a ascensão de Trump é que os dois partidos têm alinhamentos diferentes com os valores e visões de cosmopolitas e tradicionalistas” (HENRIQUES, 2017, p. 112). Enquanto o partido Democrata se alinharia com os valores cosmopolitas e teria se tornado cada vez mais uma “instituição cosmopolita”, o Partido Republicano teria uma relação com valores tradicionalistas, com ênfase em valores familiares do Cristianismo e no *American Exceptionalism*. “O que empurra Trump é uma onda de raiva e frustração dirigida ao *establishment* político e intelectual por um grupo de tradicionalistas insatisfeitos que se sentem ignorados, tratados de forma injusta, deixados para trás e traídos” (HENRIQUES, 2017, p. 113, tradução nossa). Trump seria visto como alguém que poderia trazer de volta o senso de identidade dos tradicionalistas e o respeito que eles sentem que merecem.

Pettigrew (2017) lembra que o autoritarismo já é uma característica histórica no Partido Republicano; contudo, Trump teria sido o pioneiro ao dirigir-se ao público com SDO – aquela que valoriza a hierarquia da sociedade de grupos, a dominação sobre grupos de menor *status* e o espírito anti-igualitário. O autor diferencia o autoritarismo da SDO:

Os discursos de Trump, cheios de termos como ‘perdedores’, e ‘desastres completos’, são falas classicamente autoritárias. Sua clara distinção entre grupos do topo da sociedade (brancos), e aqueles ‘perdedores’ e ‘*bad hombres*’ na parte de baixo (imigrantes, negros e latinos) são falas clássicas de SDO. (PETTIGREW, 2017, p. 108, tradução nossa).

O quarto fenômeno da psicologia social citado por Pettigrew (2017) está relacionado à privação parcial, ou a sensação de que a pessoa tem menos do que merece, sentindo também insatisfação com a conquista de grupos considerados por ela como inferiores: os imigrantes. Segundo ele, isso traz frustração porque a dominância social não está funcionando como desejado por este público. Korestelina (2017) também aponta que a privação relativa causa sensação de vitimização e de ser desfavorecido, o que pode tê-los levado a culpar esses grupos étnicos por impedir a realização de seus planos de vida.

Todos esses cinco fenômenos sociais altamente interligados [...] deixam as pessoas vulneráveis a uma sensação intensa de ameaça. Os líderes autoritários sabem há muito tempo que conseguem atrair seguidores ao aumentar a percepção de ameaças para a sociedade e ao oferecer soluções simples (PETTIGREW, 2017, p. 112, tradução nossa).

Este senso de identidade do público-alvo de Trump foi extensivamente trabalhado em seus comícios. Os eventos foram chamados por Reicher e Haslam (2017) de “Festivais de Identidade”, e seriam uma atuação dramática de uma visão particular sobre os EUA. Os comícios eram longos, começando horas antes da chegada do candidato. A demora prepararia os participantes, que acreditariam que Trump era ainda mais importante por fazê-los esperar tanto tempo. Assim, a devoção dos presentes seria criada, e uma sensação de identidade compartilhada por todos os que concordavam em ficar horas em pé aguardando. O público era preparado com “músicas de aquecimento” como *Rocket Man*, de Elton John, *Skyfall*, de Adele, e *It's the end of the world as we know it (and I feel fine)*, do R.E.M (TANI, 2016). Havia também outros atos ritualizados, como a passagem por detectores de metais e raio-x, em um esquema mais rigoroso que de outros candidatos. Os seguranças ficavam de costas para o palco, procurando por confusão e invasores na multidão. O público era convidado a participar desta caçada, orientados pelo sistema de som a gritar “Trump! Trump! Trump!” para alertar os seguranças sobre alguém que estaria exibindo um comportamento suspeito. Vários alarmes falsos aconteciam, aumentando a paranoia de que havia inimigos fora do grupo e também infiltrados nele, em um paralelo ao discurso de Trump, que denunciava que os EUA estavam cercados por todos os lados por inimigos e também infiltrados por eles. A mídia, involuntariamente, se deixava ser parte deste

teatro, confinada em um cercadinho nos fundos do ginásio, longe do local privilegiado que costuma ocupar em outros comícios. Quando Trump criticava a mídia, a multidão se virava para trás e vaiava os jornalistas (REICHER; HASLAM, 2017).

Depois da preparação do clima dos comícios, Trump podia então começar a sua narrativa. Segundo Pettigrew (2017), o Partido Republicano costuma usar o *dog whistle* (apito para cães) para passar mensagens específicas, frequentemente racistas, para grupos de apoiadores específicos, sem chamar atenção da população geral. Um exemplo do *dog whistle* colocado em ação por um representante republicano foi a frase de Geoff Davis, que chamou Obama, então com 47 anos, de “boy”, termo historicamente usado para se referir a homens adultos negros durante a segregação racial nos EUA (PETTIGREW, 2017, LIPPI-GREEN, 2012); e a campanha de McCain que afirmava que Obama havia sido “*disrespectful*” (desrespeitoso) com a governadora Palin – utilizando um termo antigo do Sul do país, relacionado à punição de homens negros que interagiam com mulheres brancas. Trump também chamou seu eleitorado de “maioria silenciosa” – Kellner (2016) lembra que Richard Nixon usou esta mesma frase para se referir a seus seguidores brancos e conservadores que se sentiam marginalizados nas batalhas raciais, políticas e culturais dos anos 1960. “Ou seja, um código que atrai eleitores brancos ofendidos” (KELLNER, 2016, p. 41, tradução nossa). Outras frases utilizadas por Trump que fizeram referência discreta a momentos anteriores da história dos EUA foram “a voz dos homens e mulheres esquecidos”, que alude à Grande Depressão, do governo de Roosevelt, e o slogan “*America First*”, que tem origem no movimento anti-intervenção do começo da década de 1940, para manter os EUA fora da 2ª Guerra Mundial, associado aos antissemitas dos EUA. Trump, porém, não se restringe ao *dog whistle*, e desempenha também a “campanha do berrador” para dominar a atenção de todos. “O resultado foi que a mensagem de Trump foi onipresente. Ela definiu os contornos políticos da campanha de nomeação Republicana. E alcançou e ativou os americanos autoritários que se reuniram com o chamado da trombeta de Trump” (MACWILLIAMS, 2017).

Usando a perspectiva de Erich Fromm, Kellner (2016) compara Trump a Hitler, dizendo que os dois têm o mesmo tipo de personalidade autoritária,

definida por ele como sádica, narcisista, agressiva, destrutiva e vazia de vida, uma pessoa com necessidade de se completar com infinitas aquisições e vitórias. Kellner (2016) também vê nos apoiadores de Trump a mesma raiva e fúria atribuída às massas nazistas por Fromm.

Assim como os seguidores do fascismo europeu em 1930, os apoiadores de Trump têm sofrido privação econômica, alienação política, humilhação e uma variedade de tempos difíceis, e eles parecem estar procurando por um salvador político para ajudá-los com seus problemas e vinganças (KELLNER, 2016, p. 21).

1.2 NACIONALISMO ESTADUNIDENSE

Em um artigo em que se posiciona a favor de Trump, Dodo (2016) não vê a presença do autoritarismo na campanha do candidato, e classifica os quatro pilares de Trump como “patriotismo, nacionalismo econômico, fronteiras fortes, e EUA em primeiro lugar”. O nacionalismo é a ideia de que um povo deve conseguir viver totalmente livre de influência externa e controlar seus territórios e destino (HUTCHINSON; SMITH, apud GRILLO, 2017). A diferença entre o patriotismo e o nacionalismo, segundo Minogue e Kristol (apud LIEVEN, 2012), é que o patriotismo é conservador, um desejo de defender o país como ele está atualmente, “enquanto o nacionalismo é uma devoção por uma noção ideal, abstrata e não realizável do seu país, frequentemente pareado com uma crença em uma missão maior nacional para a humanidade” (LIEVEN, 2012, p.8, tradução nossa). Muitas nações já tiveram ou têm esta visão de que são especiais, que são escolhidos e que têm uma missão, esta não é uma característica exclusiva dos Estados Unidos. Lieven (2012) aponta que o nacionalismo tem um lado mais revolucionário que o patriotismo e que o sentimento nacional estadunidense pende mais para o primeiro que para o segundo, especialmente desde o ataque de 11 de setembro e o governo de George. W. Bush. Se os Estados Unidos em geral tendem ao nacionalismo no início do século XXI, o Partido Republicano tem esta como uma de suas principais características:

Se alguém fosse procurar um nome para os Republicanos que os situariam acuradamente no contexto histórico geral e internacional, sem dúvida este nome deveria ser: os Republicanos deveriam ser renomeados Partido Nacionalista Americano (LIEVEN, 2012, p. 28, tradução nossa).

Grillo (2017) observa que enquanto o nacionalismo nem sempre é definido pela sensação de superioridade racial, na maioria dos casos ele promove antipatia por grupos externos e impulsiona um cenário de conflito violento ou não. Os símbolos e mitos políticos nacionalistas ajudam a dar contorno à identidade do grupo que busca se distanciar de movimentos globais:

Todos os movimentos nacionalistas e étnicos são definidos por um complexo simbólico-mítico, que é um conjunto de narrativas e outros artefatos culturais (mitos de origem, linguagem, cultura em comum, etc) que estabiliza a identidade da nação, critério para ser membro, território, valores, e quem o grupo vê como rivais ou inimigos. (KAUFMAN; SMITH, apud GRILLO, 2017, p. 88)

Grillo (2017) prossegue observando que o nacionalismo nos EUA é um paradoxo: enquanto há uma parcela da população que não interpreta a identidade do país como sendo de uma etnia específica – e sim por valores como a democracia e liberdade –, outros argumentam que o país foi criado para protestantes caucasianos, e não para pessoas de outras religiões ou etnias.

O nacionalismo de qualquer país pode ser dividido em dois tipos: racionalista e simbólico. O primeiro envolve interesses materiais e econômicos, enquanto o segundo envolve respostas emocionais. Grillo (2017) concluiu em estudo com 1.200 pessoas que os apoiadores de Trump são movidos pelo segundo tipo. A política simbólica é cultivada com narrativas hostis e que justificam hostilidades contra outros grupos. “Líderes apresentam narrativas cheias de mitos e símbolos para agitar o público. Essas respostas emocionais, por sua vez, incentivam os indivíduos a seguirem líderes nacionais, apoiar políticas discriminantes, mobilizar e envolver-se em violência” (KAUFMAN, apud GRILLO, 2017). Kaufman (apud GRILLO, 2017) aponta quatro fatores que ajudam no engajamento de grupos em conflitos: predisposições simbólicas, percepção de ameaça, liderança, e organização. As narrativas levam a preconceitos que causam percepção de ameaça, que por sua vez trazem grande apoio popular para a criação de organizações que podem colocar políticas hostis em ação. Mas Grillo (2017) lembra que Trump não criou essas narrativas e predisposições: elas são parte da política americana há muito tempo. O que Trump fez, porém, foi manipular essas narrativas e legitimá-las.

O nacionalismo estadunidense está fortemente ligado ao mito da Excepcionalidade Americana. Muito presente na retórica pós-11 de setembro, este mito é formulado para sustentar a crença de que o país é único, que isso o torna o melhor do mundo e que tem uma missão de compartilhar os ideais de democracia, liberdade e capitalismo com os outros países. De acordo com a pesquisa desenvolvida pela empresa de consultoria Gallup (JONES, 2010), 80% dos americanos concordaram com a alegação de que “os EUA têm um caráter único que o torna o mais grandioso país do mundo”. Investigação feita por James Ceaser (2012) mostra que este conceito foi registrado pela primeira vez no sermão do puritano John Winthrop, que descreveu em 1630 a colônia puritana de Boston como a “cidade na colina” e que o mundo todo teria os olhos voltados para ela, em referência ao versículo Mateus 5:14, que diz: “vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (BÍBLIA, Mateus, 5,14). Abraham Lincoln chamou os EUA de “última melhor esperança para a Terra”. Alexis Tocqueville defendia que a América era superior à Europa e excepcional porque nunca teve a experiência feudal (CEASER, 2012). Ronald Reagan citou Winthrop diversas vezes, e embelezou a “cidade na colina” chamando-a de “cidade reluzente na colina”, em 1989. Mas nenhum desses indivíduos usou o termo “Excepcionalidade”, que tornou-se mais popular a partir de 2009 (Caesar, 2012), nos dois mandatos de Barack Obama, quando questionou-se se ele acreditava na Excepcionalidade Americana ou não. Dodo (2016) reconhece que as quatro características listadas por ele fazem parte do mito da Excepcionalidade Americana

Em complementação ao mito da Excepcionalidade Americana, a retórica de Trump parece se enquadrar melhor no modelo do *American Jeremiad*, a noção de que os EUA têm uma missão excepcional no mundo, mas que estão ficando para trás e precisam de mudanças para atingir a visão original. Enquanto o arquétipo vivenciado pelos puritanos do século XVII focava mais no propósito moral da população para atingir o sucesso, o *jeremiad* do início do século XXI foca no poder e na riqueza (REICHER; HASLAM, 2017). O motivo do fracasso da nação, segundo Trump, seria a “depredação de outros ao invés de nossa própria fraqueza” (REICHER; HASLAM, 2017, p. 30, tradução nossa). Um dos mitos importantes que ainda repercutem no imaginário e no comportamento do povo norte-americano é o mito da invencibilidade que os EUA alimentavam desde a 2ª Guerra Mundial, mas

que teve sua superfície arranhada pelos ataques de 11 de setembro e afetado mais seriamente pela Guerra do Vietnã. Lieven (2012) afirma que a lição do Vietnã – apesar de traumática por representar “a morte do deus nacional e da religião nacional da inocência, bondade e sucesso ofertado por Deus” (LIEVEN, 2012, p.58, tradução nossa) – deixou de ser aprendida pelos norte-americanos por conta da atuação de Reagan porque “eles o elegeram em parte precisamente porque ele era muito bom em restaurar os mitos sobre o país deles, incluindo a crença que o Vietnã havia sido uma cruzada nobre” (LIEVEN, 2012, p. 58, tradução nossa). Ao reafirmar mitos nacionais, ele conseguiu acalmar e unir a maioria dos americanos depois da guerra do Vietnã, Watergate e a crise dos diplomatas americanos no Irã. Outros mitos nacionalistas civis dos Estados Unidos são: inocência americana, benevolência americana e sucesso inevitável americano (LIEVEN, 2012).

1.3 REJEIÇÃO AO *ESTABLISHMENT*

As eleições de 2016 foram marcadas pela falta de confiança no governo, nos grandes veículos de mídia, nos especialistas e na ciência, ao mesmo tempo em que houve excesso de confiança em fontes duvidosas. Penders (2017) afirma que rejeitar a ciência é uma forma de se rebelar contra o *establishment* político. “Muitos candidatos, entre eles Trump, mostraram insatisfação com o *status quo*, e como consequência, com especialistas cientistas que são parte disso” (PENDERS, 2017, p. 1487). O autor (2017), que examinou as Marchas pela Ciência que mobilizaram entre 300 e 500 mil pessoas globalmente no dia 22 de abril de 2017, afirma que a guerra contra a ciência tanto mencionada nas marchas é na verdade a falta de confiança em especialistas e descontentamento com autoridades que têm poder sobre a vida das pessoas. Um relatório do Centro de Pesquisa Pew mostra que a confiança geral no governo caiu de 77% em 1964 para 19% em 2015. Esse número é ainda menor no Partido Republicano: apenas 10% dos republicanos confiavam no governo. “Esse sentimento anti-intelectual e antielitista está no coração não apenas dos *Tea Parties*, mas do amplo desprezo pela Direita pela opinião de especialistas sobre as mudanças climáticas” (LIEVEN, 2012, p. 138, tradução nossa).

Esta desconfiança da população em geral foi explorada pela narrativa populista de Trump que dividiu o mundo em dois: pessoas comuns e a elite privilegiada. Ele usou a palavra “*Americans*” para se referir ao primeiro grupo, que era seu público-alvo, enquanto usou termos políticos para definir o segundo (FITZDUFF, 2017). Paradoxalmente, o então candidato posicionou-se firmemente no primeiro grupo, e apresentou seus inimigos como membros do segundo grupo. Apesar de Trump indiscutivelmente ser parte da elite, ele se desvinculou deste grupo ao apresentar-se como um homem que não é como os outros políticos: ele sabe fechar bons negócios e é tão rico que não pode ser comprado – ambas atribuições não-políticas. Ser rejeitado pela classe política e falhar nas regras da política apenas consolidou seu *status* dentro do primeiro grupo perante os olhos da audiência, que o viu como “um de nós”, e não “um deles”. Além disso, “Trump representa o que muitos homens querem: poder, riqueza e mulheres bonitas, e muitos sentem que podem viver isso vicariamente através dele” (FITZDUFF, 2017, p. 5, tradução nossa).

Até mesmo os insultos dirigidos por Trump aos seus inimigos foram uma ferramenta importante em sua campanha. Uma lista do *New York Times* de junho de 2016 compilou 239 alvos que foram insultados por Trump (LEE; QUEALY, 2018). Alguns desses insultos tinham função específica: alguns criaram uma imagem negativa dos oponentes; outros distanciaram Trump de outras pessoas; ainda outros aumentaram o poder de Trump. Todos estes xingamentos ajudaram a melhorar a autoestima dos apoiadores de Trump ao aumentar sua sensação de poder e criar distância com as pessoas que eles detestavam, ao culpar os outros por suas ações inapropriadas e ao aumentar a legitimidade de suas visões e posições (KOROSTELINA, 2017).

Todos os eleitores, independente do posicionamento político, procuram conteúdos jornalísticos que reforcem sua visão de realidade, e muitas vezes deparam-se com as *fakenews*, aquelas que intencionalmente têm “sinais distorcidos e não-relacionados com a realidade”. O leitor aceita este tipo de conteúdo pela utilidade psicológica do material. Allcott e Gentzhow (2017) investigaram logo depois das eleições de 2016 o contato que os adultos estadunidenses tiveram com as *fakenews* durante os três meses anteriores às

eleições. O estudo com 1.208 pessoas teve como conclusão que cada americano adulto viu e se recordava, em média, de 1,14 matéria *fake*. Apesar de o estudo de Allcott e Gentzow (2017) ter confirmado que as *fakenews* mais compartilhadas foram as em favor de Trump – 115 conteúdos e 30 milhões de compartilhamentos nas redes sociais, versus 41 conteúdos pró-Clinton compartilhadas 7,6 milhões de vezes –, tanto os republicanos quanto os democratas pareceram acreditar com a mesma intensidade no que viam. O grupo de pessoas que era mais crítico com o material que consumia era o de eleitores que ainda não tinham decidido em quem votar até o último momento. Isso poderia reforçar a hipótese de que o consumo dos conteúdos falsos é mais procurado por quem já tem opinião formada e só precisa de uma confirmação de seu ponto de vista. O tipo de rede social em que o conteúdo foi veiculado e o nível educacional do usuário não foram relativamente relevantes.

Segundo Fitzduff (2017), esta crença às cegas nas *fakenews* e nas informações falsas proferidas pelos candidatos é fruto das “crenças implícitas”, aquelas que os eleitores não articulam conscientemente, mas que têm grande efeito em suas decisões. Essas ideias são protegidas e quando contradições lógicas surgem, não acontece o aumento da atividade da razão no cérebro, e sim o surgimento de emoções negativas que causam desconforto. Neste caso, a pessoa procura afastar-se da causa da sensação desagradável para proteger seu ponto de vista sobre o assunto. Popper (2017) defende que a perspectiva da evolução para explicar a busca pelo líder têm ganhado *momentum*, e que os ouvintes ou leitores procuram por significado em qualquer comunicação, e “ao encontrar um significado que combina com suas expectativas de relevância, eles param de processar [as informações]. Em outras palavras, há um ‘limite de relevância’ que determina se um estímulo merece processamento adicional” (POPPER, 2017, tradução nossa).

Além de sentirem-se mais poderosos e necessários no mundo narrado por Trump, seus seguidores o viam como um símbolo de esperança para seus problemas, fossem eles reais ou percebidos. Trump acabou destacando-se entre todos os candidatos por enxergar a realidade deles, ajudá-los a entender seus problemas e prometer solucioná-los. Seus rivais não deram atenção para os desafios que um enorme número de americanos estava enfrentando e não propuseram soluções. Apesar de os apoiadores de Trump aparentemente terem

agido assim por fatores intuitivos, muitos de seus medos sociais, econômicos e culturais não foram puramente imaginados. A classe média estadunidense está recebendo cada vez menos desde a década de 1970 e a desigualdade econômica só tem aumentado desde a crise de 2008. Além disso, a sociedade de forma geral tem mudado rapidamente.

2 MITOS POLÍTICOS, APELO ÀS ORIGENS E A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO

Vivemos uma “realidade dual” (HARARI, 2017), em que, por um lado, há a realidade objetiva dos rios e árvores; e por outro, há a realidade imaginada. Por realidade imaginada, não estamos nos referindo aqui a mentiras. “Ao contrário da mentira, uma realidade imaginada é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença compartilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo” (HARARI, 2017, p. 40). A habilidade do *Homo sapiens* falar sobre a ficção não existe apenas na imaginação individual, mas é uma dinâmica coletiva que permite que as sociedades possam “tecer mitos compartilhados, tais como a história bíblica da criança, os mitos do Tempo do Sonho dos aborígenes australianos e os mitos nacionalistas dos Estados modernos” (HARARI, 2017, p. 33)

Foram os mitos que deram a base para a cooperação coletiva quando as organizações humanas começaram a ultrapassar o limite crítico de 150 indivíduos – que como lembra HARARI (2017) é o número máximo de relações interpessoais que as pessoas conseguem manter se conhecendo intimamente. “Um grande número de estranhos pode cooperar de maneira eficaz se acreditar nos mesmos mitos” (HARARI, 2017, p. 35). “Mitos possuem um papel importante não só no controle social, mas também nas próprias condições fundamentais que possibilitam o convívio em sociedade” (FONSECA, 2018). Em outras palavras, uma sociedade só se mantém coesa se as crenças coletivas apoiarem as instituições. Diversas religiões e instituições se baseiam nos mitos:

As igrejas se baseiam em mitos religiosos compartilhados. Dois católicos que nunca se conheceram podem, no entanto, lutar juntos em uma cruzada ou levantar fundos para construir um hospital porque ambos acreditam que Deus encarnou em um corpo humano e foi crucificado para redimir nossos pecados. Os Estados se baseiam em mitos nacionais compartilhados. Dois sérvios que nunca se conheceram podem arriscar a vida para salvar um ao outro porque ambos acreditam na existência da nação sérvia, da terra natal sérvia e da bandeira sérvia (HARARI, 2017, p. 36).

Outros exemplos de instituições que se baseiam em mitos são os sistemas judiciais, sistema financeiro, noção de direitos humanos e de nações. Diante desses exemplos, fica claro que os mitos orientam fortemente a ação coletiva

humana. Sem eles, é possível que grandes sociedades organizadas como as que conhecemos hoje sequer existissem. Mesmo assim, o estudo dos símbolos e arquétipos foi colocado em segundo plano desde desenvolvimento do pensamento racional de Descartes do século XVII até o positivismo do século XIX, que relegaram esses temas aos campos da fantasia e sonhos, vistos como uma “explicação provisória e incompleta que [...] viria a ser substituída pela ciência” (DURAND, 1985, p. 244) e o “imaginário tornou-se aqui no Ocidente cada vez mais recalcado na insignificância ornamental, estética” (DURAND, 2004, p. 10).

“As pessoas entendem facilmente que os “primitivos” consolidam sua ordem social acreditando em deuses e espíritos e se reunindo a cada lua cheia para dançar juntos em volta da fogueira. Mas não conseguimos avaliar que nossas instituições modernas funcionam exatamente sobre a mesma base” (HARARI, 2017, p. 36).

Naturalmente, o homem contemporâneo não vive naquele universo simbólico das sociedades primitivas e, em geral, não acredita que as rochas, os rios e as árvores têm desejos e necessidades, alegrando-se e irritando-se com as ações humanas. Também deixou, no Ocidente, de apoiar-se exclusivamente sobre religiões como instituição de organização social, deixando que o Estado assumisse este papel. Contudo, mesmo envolvido em uma rotina com menor contato com a natureza e com os rituais estritamente sagrados, os indivíduos modernos ainda carregam esses arquétipos no inconsciente coletivo e os atualizam no dia a dia. A maioria das pessoas faz isso sem ter consciência de sua origem e importância – tal como vemos no hábito de acender velas de aniversário e montar árvores de Natal (JUNG, 1964). Os mitos seculares e modernos continuam legitimando costumes, fundando instituições, fortalecendo crenças e reafirmando numerosos ritos de passagem (PATAI, 1972) como casamento, comemoração de aniversário, festas de debutantes, entrada e saída da universidade, velório, entre muitos outros. Os mitos não só cristalizam hábitos culturais, mas também são diretamente responsáveis pela sua criação. Dialeticamente, novas situações culturais criam novos mitos (PATAI, 1972).

Com Freud, Jung, Eliade e outros pensadores, e com o florescimento romântico e simbolista, assim como a explosão dos meios técnicos audiovisuais, o estudo científico tem se reaproximado dos mitos, símbolos, arquétipos e do imaginário. Isto estaria causando uma “zona de alta pressão

imaginária” (DURAND, 2004) e um renascimento do imaginário e do mito no campo da pesquisa, que Durand (2004) chama de “remitologização”. Atualmente os símbolos voltaram a ser aceitos e a imaginação já não é mais desprezada. Ela seria no fim do século XX considerada como par da razão, que inspiraria as descobertas e progresso. “Deve-se essa aceitação, em grande parte [...] aos efeitos da dominação atual da imagem que os sociólogos estão tentando medir, às interpretações modernas dos mitos antigos e ao nascimento de mitos modernos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. XII). E são os símbolos que compõem o centro da vida imaginativa e dão forma aos desejos, inspiram ações e modelam comportamentos. “Seria pouco dizer que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. XII). “Uma faculdade essencial do *sapiens sapiens* é o poder de simbolizar, sua ‘imaginação simbólica’” (DURAND, 2004).

Já os arquétipos são estruturas quase universais, inatas ou herdadas, e fazem parte da consciência coletiva. Eles se exprimem através dos símbolos e ligam o individual ao universal. Contudo, há algumas distinções na definição do termo. Jung compreende arquétipos como um conjunto de estruturas presentes que levam os seres humanos a determinadas predisposições culturais universais. Já Mark e Pearson (2017), pesquisadoras no campo da Comunicação e do marketing, se baseiam sobretudo na perspectiva de Eliade, e definem o arquétipo como um conjunto de padrões que estruturam as narrativas míticas.

Os mitos, por sua vez, apresentam-se como “transposições dramatúrgicas” desses arquétipos e símbolos para compor narrativas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. XIX). Para Eliade (1972), o mito é uma narrativa que, em última instância, conta uma história sagrada que serve de modelo exemplar a todas as atividades humanas significativas: da alimentação ao casamento, às práticas de trabalho e às manifestações artísticas. “O mito em si mesmo não é uma garantia de bondade, nem de moral. Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao mundo e à existência humana” (ELIADE, 1972, p.128). Com os modelos fornecidos pelos mitos, cujas referências são legitimadas pela imagem de um passado sagrado de um tempo mítico, as pessoas conseguem criar um sentido para o mundo e para a sua existência, assim como para as dificuldades encontradas ao longo da vida. O mito, segundo Eliade, “aparece como um teatro

simbólico de lutas interiores e exteriores a que o homem se entrega no caminho de sua evolução, na conquista de sua personalidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. XIX).

Para Baczko (1985), o conjunto de relações imagéticas atua como memória efetiva-social de uma cultura. Assim como os mitos, o imaginário social também tem funções, como regular a vida coletiva. Esse tipo de imaginário tem “estrutura complexa de tecido simbólico” (BACZKO, 1985, p. 311), e funciona ao lado dos mitos e outros tipos de imaginários, confundindo-se com eles. Já o símbolo tem conotações especiais além de seu significado imediato. O ser humano sente necessidade de usar tantos símbolos quando interpreta a realidade porque há muitas coisas fora do alcance de sua mente, e esses símbolos permitem que ele encontre seu lugar no mundo e suporte terríveis provações, já que ele está convencido de que há sentido para elas acontecerem (JUNG, 1964). Os símbolos descritos por Jung estão muito presentes na cultura do homem moderno, como na literatura, cinema e arte, e na vida política.

O campo da política, conforme argumentamos anteriormente, mesmo tendo uma aparência de racionalidade e objetividade, está sujeito à intensa atuação das subjetividades dos mitos, arquétipos e símbolos. Lasswell (1982) vai além e afirma que “a política e a magia estão tão entrelaçadas que a arte da política muitas vezes foi classificada junto com a mágica”(LASSWELL, 1982, p. 10) no passado. Mais recentemente, o estudo da linguagem por cientistas políticos acabou dando origem à categoria chamada de mito político, que como todo conjunto de crenças é formado por premissas fundamentais, mas sobre temas políticos. Essas premissas, independente de serem verdadeiras ou não, são aceitas como verdadeiras, ao ponto de não mais parecerem proposições (LASSWELL, 1982). Diferente das mitologias antigas, que eram reverenciadas pela totalidade do grupo social, os mitos políticos são vivenciados por grupos em choque e com diferentes posicionamentos. Contudo, eles não se diferenciam dos mitos sagrados em sua forma: os mitos políticos, assim como os religiosos, se caracterizam pela fluidez e pela imprecisão de contorno. Girardet (1987) diz que o mito neste sentido é muito semelhante ao sonho ao se organizar em uma sucessão de imagens que se encadeiam, nascem umas das outras em um complexo jogo de associações visuais.

Além disso, um mesmo mito pode ter numerosas significações, mesmo que sejam opostas, por conta da reversibilidade constante das imagens e dos símbolos. Uma serpente, por exemplo, pode ser ao mesmo tempo objeto de medo ou promessa de fecundidade; a casa pode ser uma prisão ou abrigo; uma conspiração pode ser ameaçadora ou protetora, no caso de heróis que confabulam para salvar alguém (Girardet, 1987); o estrangeiro pode ser o mensageiro de Deus ou uma perigosa encarnação; o fogo tem um aspecto destruidor mas pode ser purificador e regenerador; um muro simboliza segurança e sufocamento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996). Mesmo assim, há nos discursos míticos uma lógica de repetição e associação e número limitado de fórmulas (GIRARDET, 1987). Girardet (1987) também aponta que os mitos são um sistema de crenças autônomos, completos e coerentes. Daí a tendência de arquétipos e símbolos arquetípicos se configurarem como “constelações” (DURAND, 2013).

Segundo Merriam (apud LASSWELL, 1982), os mitos políticos são formados por *crendenda* e *miranda*, ou seja, coisas a serem acreditadas e coisas a serem admiradas, respectivamente. O primeiro termo se refere à motivação para respeitar autoridades, como constituições, programas e documentos, enquanto o segundo são símbolos de identificação que existem no mito político que despertam admiração e entusiasmo, instigando emoções e lealdade (LASSWELL, 1982). Exemplos de *miranda* são bandeiras, hinos e heróis. Esses *miranda* são colocados em ação por artistas e ritualistas com a ajuda de símbolos-chave, com objetivo de oferecer uma experiência em comum para todos os cidadãos de um Estado.

Com efeito, uma das poucas experiências que unem os seres humanos – independentemente de raça, religião, profissão, partido ou regionalismo – é o fato de estarem expostos ao mesmo conjunto de palavras-chave. Em torno de tais expressões criam-se sentimentos de lealdade, que contribuem para a unidade do grupo (LASSWELL, 1982, p. 15).

Símbolos-chave muito utilizados nos Estados Unidos são “direitos”, “liberdade”, “democracia” e “igualdade”, segundo LASSWELL (1982). Já os slogans são encadeamentos curtos de palavras que ganham significado pela repetição e contexto.

Utilizamos como fio condutor deste trabalho o mito político conforme as três dimensões mais significativas identificadas por Raoul Girardet (1987): a primeira se define por uma narrativa do passado com valor explicativo no presente; a segunda é aquela compreensão de que o mito significa uma ilusão, uma máscara que camufla dados da observação e contradiz regras da lógica; já a terceira entende que o mito é uma animação criadora, um estimulante de energias na sociedade. Girardet (1987) argumenta que mitos políticos, ambivalentes por natureza, podem ser definidos, dependendo da circunstância, a partir de qualquer uma dessas concepções: uma explicação do presente, uma distorção da realidade ou uma narrativa mobilizadora. Ou seja, se é verdade que eles fornecem chaves para a compreensão do presente que dão a sensação de ordenar o caos, eles também deformam, fabulam e têm papel mobilizador importante em revoluções.

Como demonstra Girardet (1987) a história tende a mobilizar, entre tantas narrativas, quatro grandes constelações mitológicas, ou seja, “conjuntos de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central” (Girardet, 1987, p. 20). Esses conjuntos têm redes de correlações e linhas de convergência, não são separados uns dos outros. A primeira é composta por denúncias de conspirações maléficas para dominar o mundo ou a sociedade; a segunda é o apelo ao herói salvador capaz de restaurar a ordem; a terceira são as imagens de uma idade de ouro onde reinaria a paz e felicidade geral; e quarta e última é a união do povo em uma mesma pátria. Estas constelações podem surgir onde houver terreno fértil, em qualquer ponto do espectro político: da extrema direita à extrema esquerda. Apesar de o foco de análise de Girardet ser principalmente a história europeia nos séculos XIX e XX, muitos arquétipos e conjuntos mitológicos descritos por ele também puderam ser observados em ação no início do século XXI no continente americano. Isso, no entanto, não significa que o estudo dos mitos acontece de forma intemporal, sem ligação com os contextos históricos e sociais da explosão mitológica estudada. “Cabe-lhe [ao historiador] colocá-los em relação com tal ou qual fenômeno de ruptura ou de mutação, tal crise ou tal situação de ordem política, econômica ou social” (GIRARDET, 1987, p. 21). Mesmo eventos históricos em diferentes pontos do espectro político e com visões opostas de como a ordem social deveria ser alimentam-se dos mesmos temas, medos e obsessões: as imagens e símbolos observados nas narrativas de denúncia da conspiração judia e

da denúncia do complô jesuíta têm muitos traços em comum, têm a mesma identidade estrutural.

Narrativas mitológicas são utilizadas com frequência para motivar e inspirar grandes grupos a se moverem em direção a revoluções ou a agirem de forma atípica em situações de não-crise. Uma situação em que é possível verificar claramente a característica mobilizadora dos mitos em conflitos é no apelo ao retorno às origens. A paixão pelo mito da origem, por exemplo, ajuda a explicar o mito racista do arianismo, que é “periodicamente revalorizado no Ocidente” (ELIADE, 1972, p. 128). Segundo o mito, o ariano remeteria ao ancestral primordial e nobre, aquele que deveria ser imitado para, assim, recuperar a pureza racial, a força física e a moral heroica. Este apelo às origens pode ser compreendido a partir das narrativas do mito da idade de ouro, um dos quatro grandes conjuntos de mitologias políticas apontados por Girardet (1987). Assim como nos mitos sagrados, em que há a busca do paraíso original criado pelos entes sobrenaturais no início dos tempos, nos mitos políticos também há esta busca pelos ideais “puros” dos “fundadores” da nação.

Eventos violentos como o holocausto só são possíveis de se tornarem realidade se já existir no homem este desejo obscuro, que normalmente é reprimido em nome da boa convivência social. Mas o moralismo esconde essa sombra coletiva, que costuma vir à tona quando a comunidade se sente ameaçada e um líder se dispõe a disseminar a promessa do extermínio do monstro. A Ku Klux Klan e o nazismo, ao prometer o extermínio da “sombra” que ameaçava seu imaginário, acabaram criando mitologias verdadeiramente destrutivas. Para esses grupos, o “Outro” é retratado como um monstro desumano, e que por isso pode ser destruído sem que isso signifique uma mancha no espírito humanitário do destruidor (ZWEIG; ABRAMS, 1991).

2.1 O “OUTRO” COMO OPOSTO DE “NÓS”

Desde a Era Pré-agrícola o ser humano diferenciou o território familiar do território desconhecido – ou que pertence a outro grupo. É possivelmente daí que venha a origem da noção de “Outro”, um grupo de pessoas diferentes de

“nós” e portanto, perigosas. Na Era Pré-agrícola, a maioria das pessoas vivia em pequenos bandos: “Em média, uma pessoa vivia muitos meses sem ver ou ouvir um indivíduo de fora de seu bando, e, ao longo da vida, encontrava não mais do que algumas centenas de humanos” (HARARI, 2017, p. 56). Dividir diferentes grupos em “nós” e “eles”, segundo Said (1990), é uma prática universal. Burke (2004) complementa que, mesmo dentro de grupos esta diferenciação acontece, como por exemplo “homens vs. mulheres”, “jovens vs. idosos”, “ricos vs. pobres”, “pessoas da cidade vs. do campo” e “do Norte vs. do Sul”. Ou seja, é uma característica intrínseca humana agrupar e classificar através de opostos. Essa diferenciação é produto da mente e totalmente arbitrária: ou seja, é fictícia e não requer que o outro grupo concorde com o que foi definido pelo primeiro conjunto de pessoas (SAID, 1990, p. 63). Hobsbawm (1991) chama este “nós” de “imaginário”, em oposição a um “eles simbólico”. Woodward (2007) aponta que a formação da identidade de um grupo depende da marcação da diferença entre “nós e eles”, e que atualmente essas diferenças são construídas por meio de sistemas simbólicos como bandeiras nacionais, uniformes e até hábitos de consumo.

O Outro surge de estereótipos que pressupõem que “nós somos humanos ou civilizados, enquanto ‘eles’ são pouco diferentes de animais” (BURKE, 2004). Desta forma, os “outros” são transformados no “Outro” – um ser exótico e distanciado, o inimigo que pratica ações terríveis e incompreensíveis. Esta imagem varia conforme o contexto histórico de determinada época e sociedade. No ocidente, imagens de terroristas muçulmanos tornaram-se comuns no cinema hollywoodiano, principalmente na década de 1990, depois do declínio do “Outro comunista” após a queda do muro de Berlim e a dissolução da URSS (BURKE, 2004).

Um dos motivos pelo qual alguém encontra tanto asco pelo Outro é a projeção de aspectos indesejáveis de sua comunidade no outro grupo. As visões do Outro, por serem uma projeção ou fantasia do grupo que as criam sobre o grupo representado, acabam revelando mais sobre seus próprios autores do que sobre o Outro. “Muitas imagens aqui examinadas representaram o outro como uma inversão do eu” (BURKE, 2004, p.173). O muçulmano, por exemplo, é pensado como sendo “o que nós não somos: fanático, violento, lascivo, irracional etc” (SAID, 2006).

Observar pontos de convergência e divergência entre grupos é inevitável e não necessariamente negativo, contanto que sejam mantidos vários pontos de vista e que haja um “equilíbrio de histórias” (ADICHIE, 2013). A escritora Adichie (2013) argumenta que os estereótipos são criados a partir de “uma única história”. “É assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e isso será o que eles se tornarão” (ADICHIE, 2013). Um estereótipo não é sempre falso, mas frequentemente é incompleto. É importante apontar que nem todo estereótipo é negativo, apesar de sua maioria o ser. O “nobre selvagem”, em oposição ao “selvagem canibal”, era um estereótipo utilizado pelo poeta inglês John Dryden em 1672 (BURKE, 2004) em referência ao mito da era de ouro, como se os nativos do continente americano vivessem em um perfeito Jardim do Éden até a chegada dos europeus no século XV. Isto representa a importância da narrativa e das imagens que ela traz para a construção de visões de mundo que guiam a tomada de decisões de indivíduos e grupos.

2.2 INIMIGOS E O MITO DO COMPLÔ

Os Estados Unidos, que têm como parte da saudação à bandeira americana a frase “liberdade e justiça para todos” (PLEDGE, 2019) e que costumam clamar por um mundo livre e democrático, têm uma história recente do século XX e XXI rica em episódios de perseguição a grupos mesmo dentro do seu país. Uma das primeiras perseguições internas registradas no século XX aconteceu em 1909, quando grupos protestantes entraram em pânico com boatos de que novos imigrantes estariam enganando mulheres caucasianas da área rural para levá-las à força para casas de prostituição (LIEVEN, 2012). Até a proibição do álcool em 1920 teria motivações xenofóbicas e religiosas: “Foi a maior vitória de protestantes tradicionais sobre imigrantes católicos (donos de bares irlandeses e cervejeiros alemães)” (LIEVEN, 2012, p.135, tradução nossa). Em 1917 e 1947 aconteceram os dois *Red Scares*, ataques histéricos a qualquer suspeito de ser comunista nos Estados Unidos, com muitas violações de direitos civis. Na Segunda Guerra Mundial, 120 mil japoneses e seus descendentes que viviam na costa Oeste dos EUA perderam suas posses e foram internados em oito campos de concentração em

estados do interior dos EUA (LEONE; ANRIG, 2003). No mesmo período, 10 mil americanos com descendência italiana foram compulsoriamente realocados para estados longe das fronteiras e costas americanas e 600 mil tiveram movimento restringido, com toque de recolher e proibição de viagem (TAYLOR, 2017). Paralelamente, aconteceram ataques a grupos que não eram oponentes políticos, de guerra ou ideologia, mas que eram simplesmente fisicamente ou culturalmente diferentes, como os asiáticos e os católicos irlandeses, respectivamente. Imigrantes da Ásia eram considerados “inassimiláveis” entre 1923 e 1946 e não podiam requisitar cidadania estadunidense em situações que seriam possíveis para outros imigrantes (LIPPI-GREEN, 2012). A exclusão dos povos considerados diferentes, normalmente por conta de características físicas, foi menos intensa e menos movida por pânico do que o ataque a suspeitos de defenderem ideias comunistas e de descendentes de japoneses e italianos, apesar de igualmente cruel. Lieven (2012) chama esses momentos de medo do século XX nos EUA de “pânicos culturais”, que têm tons racistas e intolerantes contra certas religiões. Esses ataques costumam ser rechaçados pelo próprio governo quando analisados posteriormente, e indenizações são feitas para as vítimas ou seus descendentes

Este padrão de união contra um inimigo dentro do próprio território se repetiu no país durante o século XX inteiro e se expandiu ao século XXI, em paralelo ao combate aos inimigos externos como Alemanha, Itália, Japão, Rússia, China, Cuba, Coreia do Norte, Vietnã, Iraque, entre outros. Dez anos depois do fim da Guerra Fria e da dissolução da União Soviética, a “greve de eventos” (BAUDRILLARD, 2003) da década de 1990 chegou ao fim e os ataques de 11 de setembro de 2001 solidificaram definitivamente um novo inimigo externo dos Estados Unidos: grupos fundamentalistas islâmicos do Oriente Médio. Esta nova imagem estava onipresente nos pronunciamentos políticos, ações internas e externas, e no imaginário da população norte-americana. Começou ali a metáfora “Guerra ao Terror” contra grupos fundamentalistas islâmicos, que através do Ato Patriota de 2001 também extinguiu muitos direitos civis da própria população dos Estados Unidos e de civis de qualquer nacionalidade que visitem o território norte-americano (CLOUD, 2003). Segundo Alan Brinkley (2003), muito antes dos ataques, um segmento grande dos políticos de direita do país já tinha a opinião de que desde os anos 1960 havia excessivas liberdades civis e que estrangeiros, dissidentes e

radiais não mereciam a proteção que tinham. Havia também, antes de 11 de setembro, um consenso bipartidário em Washington de que a *Immigration and Naturalization Service* (INS), agência de imigração e naturalização da época, já estava atrasada em uma reforma radical na política de imigração do país (SURO, 2003). A INS já não conseguia controlar a entrada de imigrantes nos Estados Unidos nas décadas de 1980 e 1990, e foi apenas com o ataque de 2001 que conquistou o apoio geral da população para realizar uma reforma cara e feroz. Para Said (2006), os EUA reagiram com histeria ao ataque de Nova York em 2001, por razões compreensíveis, mas esta atitude de destruição do mundo ao redor de Osama bin Laden e dos direitos dos próprios norte-americanos não foi racional. “Acho que temos que secularizar o homem [bin Laden], trazê-lo ao reino da realidade, tratá-lo como um criminoso, um demagogo, que ilegalmente desencadeou a violência contra pessoas inocentes, e puni-lo conforme for”, propôs SAID (2006), chamando o governo dos EUA à racionalidade.

Ao lutar contra o fanatismo religioso de grupos minoritários do Oriente Médio, os americanos acabam caindo na armadilha da histeria política, que é prejudicial aos próprios estadunidenses, já que eles costumam sofrer perdas importantes de direitos civis toda vez que o país é confrontado por um perigo externo. “Sempre que uma emergência existiu, o governo geralmente tinha carta branca. Mas depois do fato, muitas ações foram lamentadas ou revogadas” (LEONE; ANRIG, 2003, p. 12, tradução nossa).

Quando uma mesma visão negativa é repetida sem diversificação, uma imagem demonizada do Outro é criada, sem permitir a reflexão sobre ela (SAID, 2006). Neste caso, a mídia ocidental tem grande responsabilidade em exibir sempre as mesmas imagens e mesmos fatores negativos relacionados aos países em desenvolvimento. Said diz que isso causa mais problemas sociais do que os resolve, como foi a representação “monocromática” do ataque de 11 de Setembro feito nos Estados Unidos. “A mesma análise ficou sendo feita repetidamente, e se deu muito pouca atenção a outros pontos de vista ou nem se levaram em conta pontos de vista, interpretações e reflexões diferentes” (SAID, 2006). O mito requer repetição para produzir seu impacto sobre o público: “as repetições são literais ou assumem a forma de variações” (PATAI, 1972, p. 15). Assim que o mito produz seu

impacto, ele elimina as dúvidas ou incertezas “por havermos entrado na posse da verdade suprema, ou [...], pela experiência de algo divino” (PATAI, 1972, p. 15), e assume uma nova função atuando como redutor de ansiedade, trazendo uma sensação de satisfação e aumento da autoconfiança.

Conforme Girardet (1987) descreveu, as imagens dos mitos têm contornos que se confundem, portanto o mito da era de ouro como reflexo da ameaça em potencial de um inimigo acaba se mesclando com o mito da conspiração ou mito do complô. Segundo Girardet (1987), no centro deste conjunto mitológico que atua no imaginário político localiza-se a imagem da Organização, um grupo ilegal que se reuniria de forma secreta durante a noite, geralmente no subterrâneo para acumular armas e explosivos e tramar ataques de dominação mundial. Independente da motivação da conspiração, sempre haveria como objetivo final o poder global, a retomada do sonho da construção de um império mundial, da unificação de todos os povos sob uma única autoridade. Os integrantes deste grupo secreto estariam sujeitos à hierarquia interna, utilizariam senhas e códigos para se comunicar e sofreriam terríveis castigos caso o traíssem e desvendassem seus segredos. Para esta Organização, os fins justificariam os meios, e a espionagem e infiltração nas instituições legais seriam utilizadas. Quem estaria no comando deste complô seria o estrangeiro, o homem desconhecido e sem rosto que se infiltra pelas fronteiras na calada da noite para espalhar doenças e vícios, raptar e matar crianças, e para destruir o modo de vida local. Essas pessoas sem rosto costumam ser comparadas com animais que rastejam que se infiltram e se escondem, que são venenosos, que trazem doenças, ou que montam armadilhas. As imagens utilizadas para representá-los costumam ser de animais como ratos, cobras, polvos, aranhas e até monstros como vampiros. Girardet (1987) aponta que as imagens de porões e predadores fazem parte tanto da mensagem mitológica quanto do material onírico, evocando os terrores infantis que persistem na forma de pesadelos na vida adulta. Uma das estratégias da Organização para conquistar o poder mundial seria corromper as crianças, especialmente das classes mais altas, influenciando seus hábitos, cultivando vícios, manipulando os conteúdos consumidos por elas, seu pensamento e acabando com tradições sociais e valores morais. Essas crianças seriam estimulados à libertinagem e precocidade, enquanto as mulheres seriam

levadas a destruírem os lares e famílias com caprichos e exigências sem fundamento.

O mito do complô está sempre presente na história, e renasce repetidamente nos momentos de crise – seja ela econômica, política, cultural, desordem interna, ameaça estrangeira ou desastre militar. Esta mensagem de manipulação só surte efeito em setores em que há um estado de receptividade para ela e onde já existem códigos para esta mensagem no imaginário do grupo. “Nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos ali onde não existe, nos setores da opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa situação de disponibilidade” (GIRARDET, 1987, p. 51). Os mitos políticos também não se desenvolvem como pura fantasia, sem contato com a realidade histórica; eles sempre são enraizados na realidade. Os mitos do complô, especificamente, têm contato com a história e fatos, mas há um grande hiato entre esses fatos objetivos e a visão que é dada a eles pela narrativa mitológica:

Não se trata, em relação à realidade, de um simples fenômeno de amplificação, de distorção sob o efeito de um aumento polêmico. Trata-se de uma verdadeira mutação qualitativa: o contexto cronológico é abolido; a relatividade das situações e dos acontecimentos é esquecida; do substrato histórico não restam mais que alguns fragmentos de lembranças vividas, diluídas e transcendidas pelo sonho. (GIRARDET, 1987, p.53).

As denúncias sempre acontecem em momento de incerteza social e individual, de temor e de angústia, como uma reação ao sentimento de uma ameaça, independente da medida exata da realidade da ameaça (GIRARDET, 1987). Elas sempre aparecem em épocas marcadas por discórdias, violência de confrontos políticos e rápidas mudanças econômicas.

Ele tem duas grandes funções: em primeiro lugar, é mobilizador, pois “a acusação de conspiração não deixa de ser utilizada [...] para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar as próprias falhas e fracassos” (GIRARDET, 1987, p. 56). Este mito também tem função explicativa: a personificação do mal poupa a ansiedade do incompreensível. “Quando a sociedade sofre, diz Durkheim, ela sente necessidade de encontrar alguém a quem possa imputar seu mal, vingar-se de suas decepções” (GIRARDET, 1987, p. 55). Com a personificação do mal, há a sensação de racionalidade, coerência, destino

compreensível, e a ansiedade do incompreensível é aliviada. Neste cenário, o medo coletivo é a força motriz para revoluções e ações violentas.

O fato mais importante relacionado ao mito do complô apontado por Girardet (1987) é que ele parece revelar uma projeção inconsciente do que é desejado para uma sociedade. Enquanto a sociedade atual é fragmentada, desarticulada e o indivíduo é solitário, a Organização busca unir o mundo inteiro. Há aqui uma união entre mitologias sagradas e políticas com características unitárias e conquistadoras.

Ergue-se o modelo de uma comunidade poderosamente integradora, de coerência solidamente assegurada, e onde serão reencontrados o calor e a força das velhas solidariedades desaparecidas [...] A ordem que o Outro é acusado de querer instaurar não pode ser considerada como o equivalente antitético daquela que se deseja por si próprio estabelecer? (GIRARDET, 1987, p. 62).

Ao encarar o mito do complô como uma possível projeção do que se deseja para uma sociedade, ele pode ser encarado como um “revelador ideológico”, um “reflexo de um sistema de valores ou um tipo de mentalidade” (GIRARDET, 1987, p. 83). Esta projeção funciona de forma semelhante à da criação da imagem do Outro, mas de forma inversa: enquanto o Outro é criado com base em características consideradas indesejadas no grupo que o cria, o mito do complô é composto por desejos insaciados para uma sociedade.

A crise do século XXI que tem gerado grande atividade mitológica relacionada ao complô nos Estados Unidos começou com o ataque de 11 de setembro de 2001 e incluiu também a crise financeira de 2008. Esses dois grandes eventos aconteceram com proximidade temporal e alteraram de forma rápida e profunda os direitos civis, política e situação econômica da população estadunidense. Segundo Lieven (2012), a classe média já vinha sentindo maior dificuldade em manter o ideal do sonho americano desde o choque do petróleo de 1973, mas a disparidade de renda entre as classes econômicas do país aumentou vertiginosamente a partir de 2008, quando as classes trabalhadoras entraram em um declínio que ainda não havia sido experimentado por aquela geração. O país norte-americano também terminou a primeira década do século XXI em declínio relativo no palco internacional.

2.3 ERA DE OURO E O HERÓI SALVADOR

Este contexto de crise da classe média e declínio dos EUA no cenário internacional nas primeiras duas décadas do século XXI encorajava um desejo de retorno ao passado que foi observado por Lieven (2012) alguns anos antes de Trump concorrer à presidência em 2015 e ainda antes por Woodward (2007). Lieven (2012) alertou:

Se a classe média continuar a se desmanchar, ela vai levar com ela um dos pilares essenciais da estabilidade política e moderação americanas. Assim como países europeus no passado, isso seria um terreno fértil para grupos nacionalistas radicais e para sonhos ainda mais selvagens de “recuperar” a América em casa e restaurar a antiga ordem moral, cultural e possivelmente racial. Esses desenvolvimentos podem levar a embates desenfreios contra inimigos da América no exterior, ou eles podem levar ao isolacionismo. Ou, se padrões do passado forem confiáveis, primeiro um e depois o outro (LIEVEN, 2012, p. 219, tradução nossa).

Woodward (2007), por sua vez, aponta que grupos no mundo todo estão passando por crises de identidade como resultado do momento de mudança, incerteza e fluidez da globalização. As mudanças globais e políticas afetam os padrões de consumo de bens e de cultura, deslocamento de investimentos para o setor de serviços, e a aceleração da migração de trabalhadores, o que impacta também na formação da identidade local. “Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas” (WOODWARD, 2007). A autora (2007) aponta que a migração afeta tanto os países de origem quanto os países de destino dos migrantes, o que produz identidades contestadas, que por sua vez causam uma reação de reafirmação de suas identidades de origem, seja por meio da religião ou do exclusivismo cultural. Por outro lado, os grupos que recebem os migrantes também sentem necessidade de reafirmar sua identidade. “Há, por exemplo [...], nos Estados Unidos, um movimento por um retorno aos ‘velhos e bons valores da família americana’” (WOODWARD, 2007, p. 23). A busca da identidade no passado é uma busca por “antigas certezas étnicas” (WOODWARD, 2007, p. 22), um retorno a um passado perdido “ordenado por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heroicos e destinos

dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados” (DANIELS, apud WOORDWARD, 2007, p. 23). O presente é visto como produto natural de um passado perdido, e a história é vista como uma certeza que poderia ancorar a identidade de um grupo. Assim como na mitologia de Girardet (1987), esse passado acontecia em uma era de ouro em uma terra prometida, povoada por feitos heroicos e destinos dramáticos. A questão, porém, é que não existe uma única história para ser recuperada, e ela frequentemente acaba sendo um passado imaginado. Neste processo de tentativa de recuperação do passado, uma nova identidade acaba sendo formada, diferente da almejada pelos grupos que querem retornar ao passado perdido (WOODWARD, 2007).

Os tempos “de antes” são aqueles que nunca foram diretamente conhecidos, que pertencem à “não-história”, um tempo não datado, não mensurável, não contabilizável. É um modelo, um arquétipo de idade de ouro visto com nostalgia e que se opõem à imagem do presente. O tempo de antes é um mito que apresenta uma época de inocência e segurança, é o paraíso perdido tão presente em mitos sagrados das mais variadas religiões (GIRARDET, 1987). Apesar de algumas narrativas exaltarem a grandeza de um passado específico, como a República Romana da Antiguidade Clássica ou o tradicionalismo romântico da Idade Média, muitas vezes se referem a um paraíso perdido, um estado de natureza de tribos primitivas que supostamente desconheciam o conceito de propriedade e seriam hospitaleiras e felizes, a imagem do bom selvagem e do sagrado jardim do Éden (GIRARDET, 1987). O estado de natureza e o estado de infância são paralelos, mesclando uma dupla nostalgia de um tempo histórico que não existe mais e um passado individual tranquilizador da primeira infância (GIRARDET, 1987).

Sendo o psiquismo primitivo considerado por definição como inextirpável, sendo sobretudo o passado infantil admitido como sempre presente no inconsciente adulto, toda agressão exterior, toda situação conflitual corre o risco de traduzir-se por um retorno, no limite uma fixação neurótica, a uma fase inferior da formação da personalidade (GIRARDET, 1987, p.136).

É esta imagem idealizada do passado que sempre está presente em momentos de crises e mudanças. “Quando os homens querem criar coisas novas nas épocas de crises revolucionárias, eles evocam os espíritos do passado” (GIRARDET, 1987, p. 110). Os mitos são reversíveis: as representações do futuro

costumam se apoiar em referências ao passado e representações do passado normalmente envolvem uma visão do futuro. Este mito acontece em suas três dimensões: é uma visão distorcida, é um sistema de explicação e é uma mensagem mobilizadora. Girardet (1987) aponta que a idade de ouro é a constelação mitológica mais constante no imaginário político. Neste arquétipo são frequentes as imagens de nobreza, segurança, felicidade, fartura de recursos, relações de fraternidade e harmonia entre todas as partes.

Do cenário de crise surge a necessidade de um líder, herói Salvador para conduzir o povo de volta à segurança ou ao paraíso. Este é o tempo da espera e do apelo, em que se forma a imagem do líder desejado. Mas como o mito não tem um contorno bem definido e envolve o coletivo, ele tende a combinar vários sistemas de imagens do líder ideal, que além de serem diversos podem também ser contraditórios (GIRARDET, 1987). O processo de heroificação implica na adequação entre a personalidade do salvador e as necessidades de uma sociedade em um momento específico. Depois, vem o tempo da presença do herói, em que o salvador finalmente surgiu e que o “curso da história está prestes a se realizar” (GIRARDET, 1987, p.72). O último período relacionado ao salvador é o tempo da lembrança, que envolve a seleção de memórias convenientes.

O herói surge da sombra e a simbologia presente na imagem do salvador vem acompanhada da purificação: que liberta, que aniquila os monstros, que tem luz. Mesmo que o herói seja manipulado por grupos alertas à movimentação da sociedade e criado sob medida para aquela crise, ainda é necessário que o cenário esteja pronto para recebê-lo. “Nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos ali onde não existe, nos setores de opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade” (GIRARDET, 1987, p. 49). Popper (2017) diz durante as crises, tempos de incertezas ou de fraquezas que os eleitores costumam procurar pelos líderes que se mostram fortes e capazes de salvar a população, mesmo que esses eleitores não gostem de algum posicionamento do político. “Então, em uma maneira aparentemente paradoxal, as pessoas [...] podem votar em candidatos que eles claramente nem gostam, apenas porque eles têm um valor adaptativo determinado por emoções derivadas de preconceitos inatos” (LIPMAN-

BLUMEN, apud POPPER, 2017, p. 67, tradução nossa). A insegurança faz com que os eleitores escolham líderes que parecem ser fortes, mesmo que tenham posicionamentos questionáveis.

Girardet (1987) aponta que existem quatro tipos de líderes, sendo que uma mesma pessoa pode representar mais de um deles simultaneamente ou em diferentes momentos de sua atuação. O primeiro arquétipo, do Herói Ancião, descreve um líder com sangue-frio, experiente, moderado e prudente que interrompe o descanso da sua aposentadoria para se doar à pátria. O Ancião é guiado por princípios de continuidade e de estabilidade, permanência e conservação. Ele protege e restaura o país, e utiliza em sua narrativa imagens da casa e da muralha protetora. Por oposição, o Herói Jovem não é muito experiente e não atrai seus seguidores pela lembrança de atuações passadas, mas é cheio de energia e promete ação imediata para resolver os problemas, envolvendo-se em grandes aventuras com sua espada. O terceiro modelo de herói é o Homem Providencial, que sustenta as instituições e guarda os fundamentos da pátria, que para se legitimar apela para as lições de “grandes ancestrais”, fazendo referência à memória dos Pais fundadores. Sua imagem é de lutador que resiste à ameaças. Ele sempre aparece sobre uma linha de ruptura dos tempos, quer tentando restaurar a ordem estabelecida ou a subvertendo-a. Já o quarto e último arquétipo é o do Profeta, aquele que se diz conduzido por um impulso sagrado que guia seu povo com seu olhar inspirado e tem seu próprio destino individual mesclado com o destino coletivo. Esse tipo de líder costuma ser ditatorial e tem como principal qualidade o poder do Verbo, sendo um ótimo orador.

Já Mark e Pearson (2003) identificam doze tipos de arquétipos mais frequentes em marcas e suas características, que fazem parte da imagem de líderes políticos: o inocente (mantém ou renova a fé), o explorador (mantém a independência), o sábio (compreende o mundo), o herói (age corajosamente), o fora-da-lei (quebra as regras), o mago (influi na transformação), o cara comum (fica bem como está), o amante (encontra e dá amor), o bobo da corte (se diverte), o prestativo (ajuda os outros), o criador (cria algo novo) e o governante (exerce o controle). Segundo as autoras, para terem sucesso em eleições, os candidatos

precisam de uma identidade de marca clara e coerente, caso contrário arriscam não conseguir um bom resultado nas urnas.

2.4 OS ARQUÉTIPOS DO FORA-DA-LEI, GOVERNANTE E DO INOCENTE

As histórias arquetípicas que fazem parte de marcas – sejam elas pessoas públicas, produtos ou empresas – atuam com intensidade na atenção e imaginação das pessoas. Conforme Mark e Pearson (2003) exemplificam, uma estrela de cinema não têm sucesso na carreira apenas por conta de atuações em filmes, mas também com sua identidade: “dependem de criarem, alimentarem e continuamente reinterpretarem uma identidade ou “significado” único e irresistível” (MARK; PEARSON, 2003, p. 15). Essas identidades projetadas não deixam se ser notadas, e o público se envolve e reage fortemente a elas. “As marcas que capturam o significado essencial de sua categoria – e comunicam essa mensagem de maneira sutil e refinada – dominam o mercado, assim como a princesa Diana, O.J. Simpson, Clinton/Lewinsky e Elián dominaram as ondas eletromagnéticas” (MARK, PEARSON, 2003, p.19). É seguro afirmar que Trump também dominou o mercado durante sua candidatura, graças à sua história e seus significados arquetípicos. Por sua experiência ampla nos negócios e entretenimento, ele conhecia muito bem a importância da marca. É importante que as marcas mantenham uma identidade arquetípica coerente, e Trump tem sido extremamente coerente desde o final dos anos 1980, conforme apontamos no capítulo 1.

O significado de uma marca é muito valioso e é tão importante quanto a própria atuação do futuro presidente em potencial. Ele se conecta com o sentimento do público e cria uma afinidade emocional (MARK; PEARSON, 2003) do público com a pessoa que será escolhida, e tem peso importantíssimo nessa escolha. Os arquétipos ativados no público oferecem a ligação entre as os desejos e motivações das pessoas e as marcas. Quando alguém tem contato com imagens arquetípicas, libera suas emoções e anseios. Pronunciamentos de comícios políticos atuam diretamente na emoção dos eleitores através dessas imagens arquetípicas porque proporcionam um reencontro desses momentos atuais com experiências da própria vida deles, como perdas e vitórias.

Entre os doze arquétipos principais identificados por Mark e Pearson (2003), três se destacam em relação a Trump: o Fora-da-lei, o Governante e o Inocente. Os dois primeiros estão relacionados à marca de Trump como candidato à presidência enquanto o último se relaciona com seus apoiadores. O arquétipo do Fora-da-lei lida com mudanças e riscos, que exigem que as pessoas estejam energizadas e enfrentem os desafios. “As emoções ligadas a essas aspirações tendem a ser apaixonadas e cheias de energia, variando da raiva e ambição até a determinação feroz” (MARK; PEARSON, 2003, p. 110). A força do Fora-da-lei é destruidora, viola normas culturais por aventura e ganhos pessoais ou pelo bem dos outros. Este arquétipo é muito importante para a identidade dos grupos de extrema-direita (MARK; PEARSON, 2003). Quando este arquétipo envolve ações contra a lei com um objetivo louvável, ele é visto como positivo, mas quando não possui este princípio e é alienado e raivoso apenas por benefício da figura Fora-da-lei, ele é visto como negativo.

As pessoas que se recusam a conseguir o que querem de uma maneira saudável e socialmente aceitável podem recorrer a estratégias ilegais ou antiéticas para levarem a melhor. Elas não se sentem criaturas morais, mas pelo menos se sentem poderosas. Enquanto o Herói quer ser admirado, o Fora-da-lei se contenta em ser temido (MARK; PEARSON, 2003, p. 132).

O Fora-da-lei sente raiva quando é desprezado como pessoa e contém em si as qualidades vistas como negativas pela sociedade. Como todo indivíduo, o Fora-da-lei tem as Sombras discutidas por Jung (1964) e Baczko (1985), mas não as reconhece e a projeta sobre os outros, apontando os outros como o problema (MARK; PEARSON, 2003). Este arquétipo libera emoções reprimidas da sociedade, mas corre o risco de ultrapassar limites da ética. “Algumas imagens do Fora-da-lei são mais sombrias e podem liberar ou reforçar a energia potencialmente perigosa” (MARK; PEARSON, 2003). O Fora-da-lei busca a experiência do poder, mesmo que apenas para chocar ou desafiar, dissocia-se dos valores da sociedade e do *establishment*, e encontra prazer no politicamente incorreto.

O Governante, segundo Mark e Pearson (2003), tem um estilo dominador e autoritário. Ele quer assumir o controle para evitar o caos, e constrói cercas e muros para tentar alcançar a ordem e segurança. Ao lado do Criador e do Prestativo, o Governante torna lucrativo um empreendimento. Para o Governante,

assumir o controle é o melhor caminho para garantir a segurança de si, de sua família e dos amigos. Ele procura ambientes e propriedades impressionantes para demonstrar poder, e preocupa-se com a imagem, *status* e prestígio. Uma armadilha para quem tem tendência a este arquétipo é tornar-se autoritário, tirânico ou manipulador. “No melhor dos casos, os Governantes são motivados por um desejo de ajudar o mundo. No pior dos casos, eles são apenas dominadores ou controladores” (MARK; PEARSON, 2003, p. 253).

O Inocente, por outro lado, tem como desejo vivenciar o paraíso, o mito da idade do ouro. “Alguns psicólogos explicam esse anseio como um desejo de reexperimentar a segurança e harmonia do útero” (MARK; PEARSON, 2003, p. 59). Este arquétipo tem como características a simplicidade infantil, ingenuidade, dependência e obediência. Essas características parecem compatíveis com o que o público autoritário procura. Ele busca valores fundamentais do passado e gosta da previsibilidade e da certeza.

Também pode haver no Inocente a sombra da raiva contra quaisquer forças no mundo que ele identifique como responsáveis pelo colapso dos valores e da civilidade na vida moderna. Os conservadores culpam os liberais. Os liberais culpam os conservadores. Os Inocentes da maioria culpam a minoria, enquanto as minorias culpam o racismo. (MARK; PEARSON, 2003, p. 76).

O Inocente tem como impulso humano a independência em contraposição ao pertencimento ao grupo. Por isso, está tão envolvido consigo mesmo que não sente empatia pelo problema alheio. O Inocente costuma procurar por respostas relativamente simples a um problema e está associado à nostalgia ou infância, moralidade e simplicidade.

Veremos que, enquanto os arquétipos do Fora-da-lei e do Governador parecem atuar na marca de Trump, o arquétipo do Inocente parece fazer parte da personalidade do apoiador do então candidato.

3 OS SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS NOS PRONUNCIAMENTOS DE TRUMP

Donald Trump discursou em 323 comícios entre junho de 2015 e novembro de 2016, sendo que 186 deles foram na primária – entre junho de 2015 e junho de 2016 –, e 137 deles foram na campanha geral – entre julho de 2016 e novembro de 2016. Entre estas centenas de pronunciamentos que foram mais noticiados ou menos noticiados, dois deles repercutiram fortemente entre o público do mundo todo por serem marcos da campanha: o anúncio da candidatura, em 16 de junho de 2015, e o aceite da indicação como candidato do Partido Republicano, em 21 de junho de 2016. Esses dois pronunciamentos, chamados respectivamente de “Aceite” e “Anúncio”, são o *corpus* deste trabalho.

A fala de Trump no Anúncio durou 45min30s e reuniu membros da imprensa, familiares e um número pequeno de convidados na *Trump Tower* em Nova York. Já o Aceite foi muito mais longo em um evento muito maior do que o Anúncio, já que era uma etapa mais avançada da corrida e principal evento do Partido Republicano. Ele aconteceu no dia 21 de julho de 2016 na Arena Quicken Loans, em Cleveland, Ohio, que tem capacidade para 20,5 mil pessoas. A fala de Trump durou 1h14min41s.

Quase imediatamente depois dos eventos, sites de notícias e o site oficial e particular de Donald Trump, www.donaldjtrump.com, disponibilizaram transcrições das falas. Duas versões dos pronunciamentos circulavam: uma era a versão “pronta para entrega” escrita pelo então candidato e sua equipe, e a outra era a versão efetivamente realizada por Trump nos eventos. Havia diferença de conteúdo entre os dois materiais, portanto a versão escolhida para análise aqui é a realizada. As versões realizadas envolvem mais interações com o público, repetições de algumas frases e uma linguagem mais informal do que o planejado originalmente, apesar de o Aceite ter se mantido mais semelhante ao planejado do que o Anúncio.

Na época da campanha, todos os pronunciamentos a serem executados por Trump em eventos e notas a serem distribuídas para os meios de comunicação foram disponibilizados ao público pelo site particular de Trump, mas todo este material foi retirado do ar poucos meses depois da vitória de Trump.

Apesar de termos *backups* de dezenas de pronunciamentos disponibilizados pelo site oficial da campanha, optamos por utilizar como referência desta pesquisa as transcrições disponibilizadas por sites de notícias como *Time* e *Vox* por dois motivos: o conteúdo do site de Trump era o discurso planejado, e não o executado; e os links para o site oficial da campanha se tornaram indisponíveis na época da redação deste trabalho, já que o site foi reformado e o arquivo de pronunciamentos foi removido. Já os conteúdos dos sites da *Time* e *Vox* não têm indicação de que serão removidos por seus administradores. A transcrição perfeitamente fiel do pronunciamento do Anúncio de candidatura foi retirada site da revista *Time*. Já o a transcrição completa do discurso do aceite de nomeação pelo Partido Republicano foi retirado do site de notícias *Vox*.

Na mitocrítica, segundo Durand, analisamos símbolos e arquétipos cuja constelação dá sustentação aos mitos e localizamos os mitos recorrentes mencionados nas falas de Trump. A mitocrítica é uma síntese de várias críticas literárias e artísticas, e fundamenta-se na noção de que o aparelho psíquico e o ambiente sócio-histórico são indissociáveis e compõem o conjunto compreensivo (FONSECA; RANTIN, 2017). Durand (1985) descreve o método qualitativo como processo de três momentos: identificar temas redundantes; examinar as situações combinatórias de situações, personagens e cenários; e por fim detectar diferentes lições do mito e as relações com outros mitos. Como há um número limitado de mitos possíveis, todos os contextos sócio-histórico-culturais acabam apresentando “metáforas obsessivas” que podem ser identificadas seguindo este método.

Girardet alerta sobre os riscos da análise da realidade mítica: ela sempre escapa a quem observa de fora, e pode se tornar uma “imagem fossilizada, seca” (Girardet, 1987, p. 23), enquanto apenas quem vive no mito e acredita nele consegue conhecer sua verdadeira realidade. “O mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente” (Girardet, 1987). Levando estas dificuldades em consideração, nesta análise vamos apontar como Trump fabulou narrativas de crises em diversos campos dos Estados Unidos; quais personagens ele identificou como responsáveis; quais as soluções propostas por ele para os problemas e como ele se apresentou como líder salvador. Para isso, selecionamos trechos dos pronunciamentos Anúncio e Aceite e os classificamos de forma inspirada nas quatro constelações mitológicas de Girardet: a crise, os

inimigos, o herói e a era de ouro. Na primeira constelação, Trump cria a sua narrativa para atribuir conotações apocalípticas para a então situação dos EUA. O segundo envolve a descrição dos inimigos e a denúncia de um complô que estaria, na mitologia manipulada por Trump, destruindo os EUA. O terceiro envolve os arquétipos vistos por Trump como o do herói salvador. O quarto recupera o imaginário de infalibilidade, bondade e competência dos EUA e o retorno à idade de ouro.

Conforme Girardet apontou, os conjuntos mitológicos têm fronteiras indefinidas e muitas redes de correlações, sem limites claros. Diante desta característica fluida, os conjuntos analisados poderiam ter sido classificados de várias maneiras diferentes, especialmente entre subtemas que poderiam se mesclar, como os inimigos e a crise de segurança, e os inimigos internos e os não-heróis. Portanto, o arranjo dos símbolos e arquétipos feito nesta pesquisa corresponde ao necessário ordenamento descritivo da dissertação; mas temos consciência de que, na vida real, a efervescência mítica é, por natureza, bem mais fluída e não se enquadra em análises totalizadoras.

3.1 A CRISE

Donald Trump apresenta uma imagem desoladora dos Estados Unidos e conclama os eleitores à necessidade urgente de salvação logo em seu primeiro discurso de anúncio de candidatura. Assim, Trump começa a narrar uma crise apocalíptica preparando o terreno, para mais tarde apresentar-se como herói salvador. Trump escolheu falar de ameaças contra os Estados Unidos no início do Aceite:

Nossa convenção acontece em um momento de crise para nossa nação. (Aceite)

Os EUA se tornaram um lixo para o problema de todos. (Anúncio)

As crises apontadas por ele no pronunciamento do anúncio de candidatura foram: econômica, de segurança, de prestígio dos EUA no exterior, de estrutura física, de saúde, de educação e de liberdade de expressão. Os principais pontos enfatizados por ele foram a crise econômica e de segurança, sendo que os tipos de ameaça contra a segurança física dos EUA observadas na fala foram as

seguintes: imigração, terrorismo, fraqueza das Forças Armadas dos EUA e violência urbana. Já as crises de saúde, educação e liberdade de expressão foram mencionadas apenas brevemente.

Trump já apresentou este cenário sombrio no Anúncio, dizendo que os Estados Unidos “estão em apuros sérios” e que os americanos “não têm mais vitórias”. A vitória é um símbolo-chave particularmente significativo para o mito da invencibilidade americana. Trump descreve os EUA como país que deixou de ter sucesso e que está correndo grave risco de nunca mais conseguir se recuperar por conta de endividamento externo:

Nosso país está em apuros sérios. Nós não temos mais vitórias. Nós costumávamos ter vitórias, mas não temos mais. (Anúncio)

Temos US\$18 trilhões em dívidas. Não temos nada além de problemas. (Anúncio)

Estamos muito perto – é o ponto sem volta. US\$24 trilhões. Nós estaremos lá logo. É quando nós nos tornamos a Grécia. É quando nós nos tornamos um país que não pode ser salvo. (Anúncio)

Nós devemos à China US\$1,3 trilhões. Nós devemos ao Japão mais do que isso. (Anúncio)

Nós precisamos de dinheiro. Estamos morrendo. Estamos morrendo. Precisamos de dinheiro. (Anúncio)

Elas [pessoas que votam] estão cansadas de serem roubadas por todos do mundo. (Anúncio)

Nós não temos nada. (Anúncio)

A escolha pela palavra “salvo” já é um primeiro indício da construção da imagem dos Estados Unidos como uma vítima que pode ser salva. Isto é bastante característico de narrações mitológicas em que o herói salva alguém ou alguma coisa. Nesta imagem, os EUA são a vítima que precisa de salvação. Em vários trechos fica nítida a iminência de uma grande tragédia caso os eleitores não tomem uma decisão urgente para reverter a situação. Esta crise geral econômica do país seria a responsável pela crise individual dos trabalhadores sem empregos e das famílias que não conseguem mais ter qualidade de vida com os mesmos empregos que costumavam ter em décadas passadas, anteriores à crise do petróleo de 1973 e da bolha imobiliária de 2008:

Nossa taxa de participação trabalhista foi a pior desde 1978. (Anúncio)

Muita gente aqui não consegue empregos. Eles não conseguem empregos, porque não há empregos... (Anúncio)

Eles [Ford] vão construir no México. Eles vão levar milhares de empregos. Isso é muito ruim para nós. (Anúncio)

E as pessoas estão dizendo: “o que está acontecendo? Eu só quero um emprego. Só me dê um emprego. Eu não quero a retórica. Eu quero um emprego”. (Anúncio)

Acredite em mim, estamos em uma bolha [...]. Seja cuidadoso com a bolha porque o que você viu no passado pode ser coisa insignificante comparado com o que acontece. (Anúncio)

Infelizmente, o sonho americano está morto. (Anúncio)

Assim, fica a sensação de que uma crise pior do que a de 2008 é iminente, um trauma recente para americanos que sofreram com desemprego, endividamento e perda de imóveis. A declaração de morte do sonho americano atua diretamente sobre o pior medo da classe média americana: perder a garantia de mobilidade social ascendente através do trabalho duro e não conseguir ter uma vida considerada de sucesso.

Como consequência de não haver empregos, a população sofreria com uma vida austera, muito diferente do imaginado e desejado sonho americano:

Quase quatro em cada 10 crianças afro-americanas estão vivendo na pobreza. [...] Mais de 2 milhões de latinos estão na pobreza hoje do que quando o presidente [Obama] fez seu juramento há oito anos. Outras 14 milhões de pessoas deixaram completamente a força de trabalho. A renda de lares está US\$ 4 mil menor do que no ano 2000. (Aceite)

43 milhões de americanos estão usando cupons de alimentos. (Aceite)

Décadas de imigração recorde têm produzido pagamentos mais baixos e maior desemprego para nossos cidadãos, especialmente para trabalhadores afro-americanos e latinos. (Aceite)

Além do impacto da imigração na economia, Trump salienta a crise de segurança por conta da imigração. Os mexicanos estariam levando substâncias ilegais e danosas para o povo americano, cometendo crimes e violência contra os cidadãos legítimos do país:

Quase 180 mil imigrantes ilegais com registros criminais condenados a serem deportados do nosso país estão nesta noite andando livres para ameaçar nossos cidadãos pacíficos. Eles estão sendo liberados

aos milhares em nossas comunidades sem respeito pelo impacto na segurança pública ou recursos. (Aceite)

Quando o México envia suas pessoas, eles não estão mandando o seu melhor. Eles não estão mandando você. Não estão mandando você. Eles estão mandando para nós pessoas que têm muitos problemas. Eles estão trazendo drogas. Estão trazendo crime. Eles são estupradores. E alguns, eu suponho, são boas pessoas. (Anúncio)

No primeiro trecho acima, Trump descreve uma invasão de forasteiros criminosos, enquanto os cidadãos americanos são chamados de “pacíficos”, o que remete ao mito da inocência americana. O segundo trecho acima, em que Trump primeiro desqualifica os imigrantes mexicanos e depois os compara com seu eleitorado, é um exemplo da manobra citada por Korostelina (2017) que tem intenção de melhorar a autoestima dos apoiadores dele, aumentando a sensação de poder e criando distância com as pessoas que eles detestam. Essas narrativas se apoiam em mitos como o mito de origem para dar contorno à identidade da nação e se distanciar de movimentos externos ao país. Quando Trump diz que “não estão mandando o seu melhor” ele se assemelha à Benjamin Franklin, que escreveu em uma carta datada de 1753: “Esses [alemães] que vêm aqui são geralmente os tipos estúpidos mais ignorantes da nação deles” (LIPPI-GREEN, 2012). Franklin se irritava com a língua alemã e com os costumes das pessoas que emigravam da Alemanha para os EUA, acreditando que apenas as pessoas mais ignorantes do país migravam para os EUA. O desafeto pelos alemães nos Estados Unidos continuou presente nos séculos XIX e XX, e inspirou outra fala semelhante à de Trump: em 1920, Alphonse Ava Hopkins, do movimento conservador Temperance, afirmou que a Europa enviava os piores alemães para os EUA. Ele fazia parte do movimento que promovia o boicote aos bares de imigrantes irlandeses e cervejarias de alemães católicos, e se queixou dos imigrantes europeus:

A Europa saturada, afligida por guerra, fome e peste, envia seus produtores de bebida, seus produtores de bêbados, e seus bêbados, ou seus bebedores mais controlados e habituados, com suas ideias, moralidade e governo não-americanas; eles são absorvidos na nossa vida nacional mas não são assimilados; sem liberdade de onde eles vêm, eles exigem liberdade sem limites entre nós, ao ponto que odiamos... eles dominam o nosso Sabbath, eles impõem sobre nós seus próprios padrões morais, que são geralmente imorais; eles governam nossas grandes cidades... os estrangeiros poderiam

atingir controle semelhante com exércitos e armadas. (MORISON, 1994, apud LIEVEN, 2012, p. 135 - 136).

Estes três trechos mostram que, em diferentes momentos dos últimos três séculos, não apenas os mexicanos, mas também imigrantes de regiões da Europa continental e praticantes de religiões não-protestantes foram descritos como pessoas indesejadas tanto em suas terras natais quanto nos Estados Unidos, sendo consideradas no primeiro momento inassimiláveis. As nacionalidades rejeitadas nessas narrativas vão se alterando conforme mudam os perfis migratórios, a situação econômica e o relacionamento político entre esses países. Em dois dos trechos, as regiões de origem desses imigrantes (México e Europa) são descritas como se tivessem conspirado contra os Estados Unidos ao enviar, propositalmente, seus piores cidadãos para arruinar os EUA. Nos mesmos dois trechos, os estrangeiros são apontados como responsáveis por trazer substâncias “imorais” como álcool e drogas para influenciar negativamente os americanos, envenená-los. Responsabilizar estrangeiros por trazerem substâncias viciantes, inebriantes e entorpecedoras para o povo local é compatível com o arquétipo do estrangeiro que “carrega consigo o veneno e a corrupção” (GIRARDET, 1987, p.46). No campo das mitologias políticas, o arquétipo do estrangeiro representa o rival que pode ser “tanto um mensageiro de Deus quanto uma perigosa encarnação diabólica” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996) que se beneficia, com sua má fé, das leis da hospitalidade. O imigrante pode ser tanto uma adição valiosa para o povo que o recebe quanto uma fonte de problemas como doenças, vícios, crime, interferências culturais e incertezas sobre o desconhecido, especialmente em regiões sem diversidade étnica.

Trump também descreveu crimes de estrangeiros contra americanos, especialmente americanos jovens, que foram chamados de “crianças”:

Na segunda-feira, ouvimos de três pais cujos filhos foram mortos por imigrantes ilegais: Mary Ann Mendonza, Sabine Durden e meu amigo Jamiel Shaw. Eles são apenas três corajosos representantes de muitos milhares que sofreram grandemente. (Aceite)

Um desses atravessadores de fronteiras foi liberado e foi até Nebraska. Lá, ele acabou com a vida de uma garota inocente chamada Sarah Root. Ela tinha 21 anos e foi morta um dia depois de se formar na faculdade com média de 4.0 pontos [média máxima

no sistema americano]. O assassino dela depois foi libertado uma segunda vez, e agora ele é um fugitivo da lei. Eu conheci a bela família de Sarah. Mas para este governo, a incrível filha deles era apenas mais uma vida americana que não valia a pena ser protegida. Mais uma criança para sacrificar no altar das fronteiras abertas. (Aceite)

Simbolicamente, a criança representa a simplicidade natural e inocência, além do começo e a plenitude de possibilidades (LEXIKON, 2002). A infância é um estado anterior ao pecado, e simboliza um “estado edênico” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 302). Portanto, essas vítimas americanas, que na realidade são jovens adultos ao invés de crianças, são representadas a partir de toda a sua potência arquetípica, como se fossem crianças puras e com potencial de vida produtiva que foi gratuitamente interrompida por um estrangeiro violento. Trump menciona a alta média de notas na universidade de Sarah Root para implicar um subjetivo alto valor de sua vida.

A escolha de Trump de chamar atenção para crimes de imigrantes contra jovens americanos nos comícios é compatível com a imagem de estrangeiro segundo Girardet (1987, p. 46): “Aquele que fez das trevas seu reino, aquele que se apodera das crianças na noite”. A última frase do segundo trecho é simbolicamente rica: o sacrifício, arquetipicamente, é a ação de tornar alguém sagrado, separado de tudo o que permanece profano. “Em todas as tradições encontra-se o símbolo do filho ou da filha imolados” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 794). Já o altar é o local onde este rito acontece, sendo que sua elevação “simboliza a subida das oferendas para os deuses ou para um Deus” (LEXICON, 2002, p. 16). Neste caso, o sacrifício não teria sido feito com o consentimento dos pais da jovem ou da sociedade, mas ele simboliza o sacrifício que a família teria feito involuntariamente para salvar outros cidadãos americanos que potencialmente deixariam de sofrer violência semelhante nas mãos dos imigrantes ilegais se os eleitores escolhessem Trump para construir um muro protegendo a fronteira. Esta interpretação parece se confirmar na fala abaixo de Trump, que disse que o sacrifício daquela família salvaria outras famílias de passarem pelo mesmo sofrimento:

Nessa noite, este candidato e toda esta nação se levantam para apoiá-los, para enviar a eles nosso amor, e jurar pela honra deles

que vamos salvar incontáveis outras famílias de sofrerem o mesmo terrível destino. Nós vamos construir um grande muro de fronteira. (Aceite)

Até mesmo a palavra “fronteira” tem relação com o sagrado: na mitologia germana, as fronteiras eram consideradas sagradas e havia pesadas penas para quem as desrespeitassem (LURKER, 2003, p. 281). O “atravessador de fronteira”, como é chamado por Trump, é a pessoa que não só comete um crime, mas que também fere um símbolo arquetípico sagrado ao invadir o lar sagrado que não lhe pertence e onde ele não tem direito a entrar e usufruir dos recursos e confortos.

Outra crise de segurança apontada por Trump é a violência urbana em geral, sem ser especificadamente relacionada aos imigrantes:

Americanos que estão assistindo a este comunicado nesta noite viram as imagens recentes de violência em nossas ruas e o caos em nossas comunidades. Muitos têm testemunhado essa violência pessoalmente. Alguns têm sido suas vítimas. (Aceite)

Aqui estão os fatos: [...] Homicídios no último ano aumentaram 17% nas 50 maiores cidades da América. Este é o maior aumento em 25 anos. Na capital de nossa nação, as mortes aumentaram em 50%. Elas estão 60% maiores na região de Baltimore. Na cidade de Chicago onde fica o lar do presidente, mais de dois mil foram vítimas de tiroteios apenas neste ano. E quase quatro mil foram mortos na área de Chicago desde que ele assumiu. O número de policiais mortos em ação aumentou em quase 50% comparado com este ponto no ano passado. (Aceite)

A América ficou chocada até o centro quando policiais de Denver foram tão brutalmente executados. Imediatamente depois de Dallas, nós vimos ameaças continuadas e violências contra nossos policiais. Policiais têm sido atingidos ou mortos em dias recentes na Georgia, Missouri, Wisconsin, Kansas, Michigan e Tennessee. (Aceite)

No domingo, mais policiais foram abatidos em Baton Rouge, Louisiana. Três foram mortos, e três foram muito feridos. Um ataque a um policial é um ataque a todos os americanos. (Aceite)

Os ataques em nossa polícia, e o terrorismo em nossas cidades, ameaçam nosso modo de vida. (Aceite)

A menção frequente à violência e ameaças à vida nos pronunciamentos de Trump é um exemplo da Teoria da Gestão do Terror (TMT) colocada em prática, em que descrição e visualização constante da morte aumentam a neurose do público em relação a ameaça de inimigos e ativam o

autoritarismo, o que por sua vez aumenta a procura por um líder que se apresenta como forte e que promete trazer a segurança física, econômica ou até de *status* para um grupo.

Não são apenas os estrangeiros imigrantes que contribuem para a crise de segurança dos americanos, mas também os terroristas do Oriente Médio. No primeiro pronunciamento de Trump, este subtema não recebeu grande enfoque, mas no Aceite ele foi bastante abordado:

O E.I. se espalhou pela região e pelo mundo inteiro. (Aceite)

Mais uma vez, a França é a vítima de um ataque terrorista brutal islâmico. Homens, mulheres e crianças agressivamente moídas. Vidas arruinadas. Famílias destruídas. Uma nação em luto. O dano e devastação que pode ser infligida por radicais islâmicos tem sido provada mais e mais vezes. No World Trade Center, em uma festa de escritório em San Bernardino, na Maratona de Boston, e em um centro de recrutas militares em Chattanooga, Tennessee. E em vários outros lugares. Nada bom. (Aceite)

Apenas semanas atrás, em Orlando, Flórida, 49 americanos incríveis foram selvagemmente assassinados por um terrorista islâmico. Desta vez, o terrorista teve como alvo a comunidade LGBTQ. (Aceite)

A descrição do E.I. tem imagens que se sobrepõem à apontada por Girardet (1987) como integrantes da mitologia do complô. O grupo é chamado de bárbaro e que “come grandes porções do Oriente Médio” e “se espalha” pelo planeta como uma doença, como se fosse algo imundo, viscoso, que espalha veneno e infecções. As imagens trazidas à mente pelas palavras “comer” e “espalhar-se” são as mesmas de uma praga ou doença que se espalha por uma região geográfica. Já as palavras “moer” e “destruir” remetem à imagem de um animal predador arrancando pedaços de carne de sua presa. Estas imagens remetem às conspirações malignas que têm símbolos como escuridão, sujeira, animais que rastejam ou que espalham o veneno e a infecção. O E.I. seria aquela “Organização que quer dominar o mundo” (GIRARDET, 1987). Por isso, deveria ser aniquilada a todo custo, mesmo que prejudique a vida de pessoas inocentes que vivem em regiões onde há atuação de grupos terroristas:

Nós precisamos imediatamente suspender a imigração de qualquer país que foi comprometido pelo terrorismo até o momento em que for provado que temos mecanismos de veto colocados em funcionamento. Nós não os queremos em nosso país. (Aceite)

Eu só quero admitir indivíduos em nosso país que vão apoiar nossos valores e amar nossas pessoas. Qualquer um que apoiar a violência, o ódio ou a opressão não é bem-vindo em nosso país e nunca vai ser.

O Estado Islâmico é visto como a Organização, o grupo que tem como líder um estrangeiro e desconhecido que trama ataques para dominar o mundo para conquistar o poder global. O mito do complô é manipulado para mobilizar ódios, legitimar expurgos e promover alívio das inquietações do grupo através da personificação do mal (Girardet, 1987). As mudanças econômicas e culturais que têm acontecido rapidamente neste início de século XXI nos Estados Unidos causam ansiedade geral em certos grupos, que festejam uma narrativa que traga alívio para essas angústias subjetivas. Este mito apresenta-se sempre que há um cenário de crise, mas só surte efeito em setores receptivos em que já existem códigos para a mensagem no imaginário do grupo.

Outra crise exposta por Trump seria a da fraqueza das Forças Armadas dos EUA. No Anúncio, Trump expôs grandes gastos na defesa dos países, que resultaram não apenas em fracassos e conflitos, mas também em vidas perdidas:

Nós perdemos milhares de vidas, milhares no Iraque. Nós temos soldados feridos, que eu amo, amo – eles são ótimos – por toda parte, milhares e milhares de soldados feridos. (Anúncio)

Todos nós lembramos das imagens de nossos marinheiros sendo forçados a ficarem de joelhos pelos seus captores iranianos com armas apontadas para eles. (Aceite)

As imagens de soldados feridos, humilhados e de guerras perdidas no presente são incompatíveis com o mito da invencibilidade americana. A rememoração dos soldados mortos é particularmente impactante, pois a guerra do Vietnã é um trauma ainda presente na imaginação americana, segundo Lieven (2012). Para aumentar ainda mais a sensação de falta de proteção física dos Estados Unidos em relação a países com armas nucleares, Trump diz que o arsenal nuclear dos Estados Unidos está obsoleto e não funciona:

Mesmo nosso arsenal nuclear não funciona. Saiu ontem que eles têm equipamentos de 30 anos. Eles não sabem se funciona. (Anúncio)

Temos uma força armada que precisa de equipamentos por todo lado. Temos armas nucleares obsoletas. (Anúncio)

Esta imagem de fraqueza diante do cenário mundial atua como oposição ao mito nacionalista do sucesso inevitável americano (LIEVEN, 2012), e gera insegurança e desconforto. Este despreparo descrito por Trump estaria trazendo desprestígio para os Estados Unidos diante de outros países:

E eu pensei que isso [arsenal nuclear fraco] era horrível quando passou na televisão, porque cara, isso manda um sinal para Putin e todas aquelas outras pessoas que olham para nós e eles dizem, “esse é um grupo de pessoas, e aquela é uma nação que realmente não sabe o que está fazendo. Eles não sabem o que estão fazendo. Eles não sabem o que estão fazendo. (Anúncio)

Outra humilhação veio quando o Presidente Obama traçou uma linha vermelha na Síria e o mundo todo viu que ela não significava nada. (Aceite)

Na Líbia, nosso consulado, o símbolo do prestígio americano ao redor do mundo, foi destruído em chamas. (Aceite)

A Líbia está em ruínas, e nosso embaixador e seus funcionários foram deixados desamparados para morrer nas mãos de assassinos selvagens. (Aceite)

Segundo a psicologia social, estas falas apontam uma queda de *status* dos Estados Unidos como potência global, o que seria uma ameaça muito grave para o público com SDO, aquele que valoriza a dominação sobre grupos de menor *status*.

Trump continua tratando do desprestígio americano quando fala da crise da estrutura física nacional, queixando-se do estado de aeroportos e estradas dos EUA, especialmente quando comparado com países que têm investido pesadamente na construção civil e em arranha-céus superlativos nos últimos anos, como China e Qatar:

Estamos nos tornando um país de terceiro mundo, porque a nossa infraestrutura, nossos aeroportos, nossas estradas, tudo. (Anúncio)

Você chega no aeroporto La Guardia, é como se estivéssemos em um país de terceiro mundo. Você olha para os remendos no chão de 40 anos. Eles jogam asfalto por cima, e eles jogam. Você olha para os aeroportos, e somos como um país de terceiro mundo. E eu chego da China e chego do Qatar e chego de lugares diferentes, e eles têm os aeroportos mais incríveis do mundo. Você chega neste

país e você tem o LAX, desastre. Você tem todos esses aeroportos desastrosos. (Anúncio)

E o que temos para mostrar? Nossas estradas e pontes estão caindo aos pedaços, nossos aeroportos estão em condições de países de terceiro mundo. (Aceite)

Trump insiste na retórica de que os EUA já foram um país grandioso e respeitado, mas que perdeu força econômica e respeito por conta de influências negativas, como imigrantes ilegais e um *establishment* político que enfraquece o país.

A crise da saúde, segundo ele, está na ineficiência do Obamacare, que teria altos custos para seus usuários e condições impossíveis para utilizar os serviços:

Nós temos um desastre chamado de grande mentira: Obamacare. Ontem saiu que os custos estão aumentando para as pessoas. 29, 39, 49 e até 55%, e as franquias estão saindo pelo teto. Você tem que ser atingido por um trator, literalmente, um trator, para usá-las, porque as franquias estão tão altas, é praticamente inútil. É praticamente inútil. É um desastre. (Anúncio)

Ele vai ser incrivelmente destrutivo. Médicos estão desistindo. Eu tenho um amigo que é médico, e ele me disse outro dia, "Donald, eu nunca vi nada assim. Eu tenho mais contadores do que eu tenho enfermeiros. É um desastre. Meus pacientes não acreditam. Eles tinham um plano que era bom. Agora não têm plano. (Anúncio)

O médico é uma figura que inspira sabedoria, portanto se médicos vissem o seguro como inoperável, isso significaria que o projeto realmente não funciona. Além disso, a ideia de pagar por um seguro que não daria acesso a médicos porque eles desistiram traz a ideia de um mau negócio e de ficar desamparado em uma emergência médica.

A única menção à educação que Trump fez nos dois discursos foi relacionada ao alto gasto que as escolas representam e ao resultado ruim dos alunos americanos, que estão em posição inferior a alunos de países em desenvolvimento:

E elas [pessoas que votam] estão cansadas de gastar mais dinheiro em educação do que qualquer outra nação do mundo per capita, qualquer nação do mundo, nós somos os 26^{os} no mundo, 25 países são melhores que nós na educação. E alguns deles são países de terceiro mundo. (Anúncio)

Por último, Trump se queixou mais uma vez do *establishment* político, posicionando-se contra a existência de uma antiga lei que retira a isenção do pagamento de imposto por instituições religiosas que usam seus espaços para falar de política. Para ele, a lei cala as vozes desses grupos:

No entanto, nossas leis impedem que vocês [comunidade evangélica] falem seus pensamentos a partir de seus próprios púlpitos. Uma emenda, empurrada por Lyndon Johnson, muitos anos atrás, ameaça as instituições religiosas com a perda de seu *status* de isenção de impostos se elas defenderem abertamente suas opiniões políticas. Suas vozes foram caladas. (Aceite)

3.2 OS INIMIGOS

Trump apontou inimigos internos e externos que seriam os responsáveis pelas crises dos Estados Unidos. Entre os internos, mais explorados no pronunciamento de Aceite, estão: a classe política, que seria incompetente, corrupta e cheia de “perdedores” comandados por grupos de interesses; a grande mídia, que teria interesse em apoiar a candidatura de Hillary Clinton para manter o *status quo*; Hillary Clinton, que seria uma criminosa; e o então presidente Barack Obama, que teria dividido o país “em raça e cor” e tornado o país perigoso.

Nós temos perdedores. Nós temos perdedores. [...] Nós temos pessoas que são moralmente corruptas. Nós temos pessoas que estão vendendo esse país e o mandando ralo abaixo. (Aceite)

Eles [políticos] nunca vão tornar a América grandiosa de novo. Eles não têm nenhuma chance. Eles são totalmente controlados – eles são totalmente controlados pelos lobistas, pelos doadores, e pelos grupos de interesses, totalmente. (Aceite)

Os problemas que nós encontramos agora – pobreza e violência em casa, guerra e destruição no exterior – vai durar enquanto nós continuarmos dependendo dos mesmos políticos que os criaram. (Aceite)

Grandes negócios, a grande mídia e grandes doadores estão alinhados atrás da campanha da minha oponente porque eles sabem que ela vai manter nosso sistema manipulado no lugar. (Aceite)

E quando a Secretária de Estado ilegalmente armazena os e-mails dela em servidores particulares, deleta 33 mil deles para que as autoridades não vejam o crime dela, coloca nosso país em risco,

mente sobre isso de toda forma diferente e não encara nenhuma consequência – eu sei que a corrupção alcançou um nível como nenhum outro antes em nosso país. (Aceite)

A retórica irresponsável de nosso presidente, que usou o púlpito da presidência para nos dividir em raça e cor, tem tornado a América um ambiente mais perigoso do que, francamente, eu já vi e que qualquer um nesta sala já assistiu ou viu. (Aceite)

“A América é uma nação de crentes, sonhadores e pessoas de sucesso que está sendo liderada por um grupo de censores, críticos e cínicos. (Aceite)

Em inglês, o termo “*loser*” (perdedor) é muito importante, pois se trata do avesso da mitologia mais cara dos EUA e que alimenta o sonho americano. O fracasso é a sombra perfeita do ideal de sucesso que Trump busca encarnar.

Já os inimigos externos, tema mais explorado no Anúncio, seriam a China, o Japão, o México, em menor medida, a América Latina e o Oriente Médio:

Quando foi a última vez que alguém nos viu vencendo, vamos dizer, a China em um acordo comercial? Eles nos matam. (Anúncio)

Quando vencemos o Japão em qualquer coisa? Eles enviam seus carros para cá aos milhões, e o que nós fazemos? Quando foi a última vez que você viu um Chevrolet em Tóquio? Isso não existe, pessoal. Eles nos vencem o tempo todo. (Anúncio)

Quando nós vencemos o México na fronteira? Eles estão rindo de nós, da nossa estupidez. E agora eles estão nos vencendo economicamente. Eles não são nossos amigos, acredite em mim. Mas eles estão nos matando economicamente. (Anúncio)

... a China tem nossos empregos e o México tem nossos empregos. Todos eles têm empregos. (Anúncio)

Está vindo de mais do que o México. Está vindo de toda a América do Sul e da América Latina, e está vindo provavelmente – provavelmente – do Oriente Médio. (Anúncio)

Eles [chineses] estão nos roubando. Nós estamos reconstruindo a China. Nós estamos reconstruindo muitos países. A China, você vai lá agora, rodovias, pontes, escolas, você nunca viu nada assim. Eles têm pontes que fazem a ponte George Washington parecer uma coisa insignificante. E eles estão por todo lado. (Anúncio)

Agora eles [China] estão se militarizando. Eles estão construindo uma ilha militar no meio do mar do Sul da China. Uma ilha militar. [...] Eles construíram em cerca de um ano, esse porto militar massivo. (Anúncio)

Eles estão construindo as forças armadas deles ao ponto de ser assustador. Você tem um problema com o E.I. Você tem um problema maior ainda com a China. (Anúncio)

E, na minha opinião, a nova China, acreditando ou não, em termos de troca, é o México. (Anúncio)

Os inimigos externos, segundo a narrativa de Trump, se mesclam e se confundem: a China é um problema maior que o Estado Islâmico, mas em termos de trocas o México é um problema equivalente à China na área econômica. Os chineses, além de serem uma ameaça econômica para os Estados Unidos, também conspiram militarmente. Os inimigos vêm da América Latina e também do Oriente Médio, cercando os EUA de todos os lados, impondo ameaças de diversos tipos. Há inimigos no Sul (México), no Leste (Oriente Médio) e no Oeste (China), “eles estão por todo lado”, inclusive dentro do país, na forma de líderes incompetentes. Este cenário é compatível com o *American Jeremiad*, a visão de que os EUA têm importante missão no mundo, mas que são impedidos de atingir o sucesso por interferência externa, ao invés de ser uma falha interna. Há uma transferência de responsabilização.

Quando Trump fala dos inimigos externos, sua escolha de palavras “vencer”, “matar economicamente” e “roubar” denuncia que, para ele, relações internacionais ou negócios entre países são um jogo ou competição que pode ser vencido, e em que um pode eliminar o adversário ou roubar do outro. Ele compara líderes chineses ao time de futebol americano *New England Patriots* e os líderes americanos com um time de ensino médio. Da mesma forma, as habilidades de negociação dos líderes americanos são comparadas com as de um jogador de baralho ruim:

Os líderes deles [China] são muito mais espertos que os nossos líderes, e não conseguimos nos sustentar com isso. [...] É como o *New England Patriots* e o Tom Brady jogando contra o time de futebol americano do seu colégio. Essa é a diferença entre os líderes da China e nossos líderes. (Anúncio)

Nós temos todas as cartas, mas não sabemos usá-las. Nós nem sabemos que temos as cartas, porque nossos líderes não entendem o jogo. (Anúncio)

3.3 O HERÓI

Este cenário de crise e de sociedade em sofrimento devido às ameaças estrangeiras e ineficácia do governo estadunidense pede pelo surgimento

de uma figura salvadora ou heroica para reconduzir o povo americano para a segurança, para recolocar a ordem em casa, lutar contra o mal, eliminar os inimigos. Trump descreve seus oponentes na corrida eleitoral como despreparados para esta missão:

Vocês precisam de alguém, porque políticos só falam, não agem. Nada vai ser feito. Eles não vão trazer para nós – acredite em mim – a terra prometida. Eles não vão. (Anúncio)

A “terra prometida” é o símbolo que representa o objetivo de uma busca não apenas física, mas também espiritual de um povo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996), é um lugar sagrado onde ocorrem fatos heroicos e destinos dramáticos (DANIELS, apud WOODWARD, 2007), é o cenário necessário para a era de ouro.

Ele [Obama] não foi um líder animador. Ele na verdade é uma força negativa. Ele não foi um líder animador. Ele foi o oposto. (Anúncio)

Enquanto nós formos liderados por políticos que não vão colocar a América em primeiro lugar, então nós podemos confiar que outras nações não vão tratar a América com respeito. O respeito que nós merecemos. (Aceite)

Minha oponente [Hillary Clinton] nunca vai se encontrar com eles [pais e mães que tiveram filhos assassinados por imigrantes] e nem partilhar da dor deles. Acredite em mim. Ao invés disso, minha oponente quer cidades santuário. (Aceite)

Algumas das características do não-herói, segundo Trump, é desesperançar a população, colocar outras nações antes dos Estados Unidos, ignorar os pais que perderam filhos para imigrantes ilegais e proteger estes assassinos. Mais uma vez a SDO entra em ação quando ele fala em exigir o respeito merecido pelos EUA em relação a outros países.

Trump, por outro lado, lista as características que ele julga necessárias para um líder perfeito, fazendo um apelo a um herói salvador capaz de restaurar a ordem:

Nosso país precisa de um líder verdadeiramente grandioso, e nós precisamos de um líder verdadeiramente grandioso agora. Precisamos de um líder que escreveu “A arte do negócio. (Anúncio)

Nós precisamos de um líder que possa trazer nossos empregos, que possa trazer de volta nossa manufatura, que possa trazer de volta

nossos militares, que possa trazer de volta nossos veteranos. (Anúncio)

Também precisamos de um líder animador. (Anúncio)

Nós precisamos de alguém que possa pegar a marca dos Estados Unidos e torná-la grandiosa novamente. Não está grandiosa novamente. (Anúncio)

Nós precisamos – nós precisamos de alguém – nós precisamos de alguém que literalmente pegue este país e o torne grandioso novamente. Nós podemos fazer isso. (Anúncio)

Estes trechos expressam a urgência da necessidade de um líder “grandioso”, que possa resgatar empregos, soldados e veteranos, que anime as pessoas e que reforme a marca dos Estados Unidos. Ele seria um salvador da pátria e, ao mesmo tempo, grande relações públicas da marca do país. Já entre as características apresentadas por Trump sobre ele mesmo que o tornariam digno de ser eleito estão:

Eu venço a China o tempo todo. (Anúncio)

Eu tenho tantos websites. (Anúncio)

Eu sou muito orgulhoso do meu sucesso. Eu realmente sou. (Anúncio)

Eu tenho alguns dos melhores campos [de golfe] do mundo... (Anúncio)

Eu já empreguei milhares de pessoas durante minha vida. (Anúncio)

Ninguém constrói muros melhor do que eu, acredite em mim, e eu vou construí-lo de forma barata, eu vou construir um grande, grande muro na nossa fronteira Sul. (Anúncio)

Ninguém pode fazer isso como eu [construir a infraestrutura do país]. Acredite em mim. Isso vai ser feito em tempo, no orçamento, abaixo do preço, muito abaixo do que qualquer pessoa já pensou. Eu vejo as estradas sendo construídas por todo o país, e eu digo que eu posso construir essas coisas por um terço. (Anúncio)

Nós vamos construir estradas, rodovias, pontes, túneis, aeroportos e ferrovias do nosso amanhã. (Aceite)

Trump apresenta-se como um candidato da construção civil, que pode construir rodovias, estradas, aeroportos. Todas estas estruturas conectam grupos, mas os grupos que devem ser conectados, segundo a narrativa, são os que pertencem aos Estados Unidos, sem incluir países vizinhos, especialmente os do Sul. Estes devem ser separados por um muro. Os túneis, estradas, pontes,

aeroportos e ferrovias também evocam a imagem de tráfego intenso, produtividade, transporte de bens de consumo, movimentação financeira. O “amanhã” é um tempo mítico no futuro, que ninguém sabe ao certo quando vai acontecer, mas ele é utilizado de forma esperançosa. O muro é um símbolo que remete à proteção “que encerra um mundo e evita que nele penetrem influências nefastas de origem inferior. Ele tem o inconveniente de limitar o domínio que ela encerra, mas a vantagem de assegurar sua defesa” (CHEVALIER, 1996, p. 21). A desvantagem do muro é cortar a comunicação com outros grupos e sufocar o que é cercado por ele, tornando-se uma prisão. Trump diz:

Nós vamos construir um grande muro de fronteira para impedir a imigração ilegal, para impedir as gangues e a violência, e para impedir as drogas de se derramarem em nossas comunidades.
(Aceite)

Quando Trump escolhe a imagem “impedir as drogas de se derramarem em nossas comunidades”, ele utiliza uma palavra que se refere a líquidos, como se as drogas fossem um veneno líquido e que um muro, um obstáculo físico – que ao contrário da cerca, não tem aberturas –, fosse necessário para bloquear o caminho, e como se as drogas fossem objetos animados e perseguissem ativamente seus usuários, que são representados como sujeitos passivos. A violência, que teria como causa os imigrantes do México, também tem uma qualidade líquida:

Em todas as minhas viagens neste país, nada me afetou mais, nada chegou nem perto do tempo que passei com mães e pais que perderam seus filhos para a violência que transborda por nossas fronteiras, que nós podemos resolver. (Aceite)

Ele diz que a “violência transborda” pelas fronteiras, como se fosse uma grande onda que arrasa tudo por onde passa e que precisa de uma contenção física na forma de um muro. As ondas, simbolicamente, representam perigos mortais, de origem física ou moral (CHEVALIER, 1996). O simbolismo da onda é bastante semelhante ao da água: tem massa informe, indiferenciada, e que pode ser uma força incontrolável, como em dilúvios (LEXIKON, 2002). A água, porém, pode ser controlada por diques e barragens, que são um tipo de muro.

Além de posicionar-se como construtor de sucesso, Trump também diz que é onisciente através de seus múltiplos contatos, que ele aciona quando necessário:

Eu tenho lobistas que podem fazer qualquer coisa por mim. Eles são ótimos. (Anúncio)

Um amigo meu, um ótimo fabricante... (Anúncio)

Eu tenho um amigo que é médico, e ele me disse outro dia... (Anúncio)

Eu conheço os negociadores mais espertos do mundo. Eu conheço os bons. Eu conheço os ruins. Eu conheço os superestimados (...) Mas eu conheço os negociadores do mundo, e eu coloco um em cada país. Acredite em mim, pessoal. Eu vou ser muito, muito, muito bom. (Anúncio)

Eu iria ligar para o chefe da Ford, que eu conheço. (Anúncio)

Toda esta rede de contatos e poder permitiria a ele ser um ótimo negociador, e mais importante do que isso, ele estaria disposto a sacrificar sua vida de sucesso e negócios particulares para fazer negócios para os EUA e enriquecer o país:

Eu ganhei bilhões de dólares fazendo negócios. Agora quero tornar nosso país rico novamente. Usando as melhores pessoas de negócios do mundo, eu vou tornar nossos acordos de comércio ruins em ótimos acordos de comércio. (Aceite)

Eu amei a minha vida nos negócios. Mas agora, minha única e exclusiva missão é ir trabalhar para o nosso país, trabalhar para você. É hora de entregar uma vitória para o povo americano. (Aceite)

Eu me uni à arena política para que os poderosos não possam mais bater em pessoas que não podem se defender. (Aceite)

Eu assisti aos políticos. Eu lidei com eles a minha vida toda. Se você não consegue fazer um bom negócio com um político, então há algo de errado com você. (Anúncio)

Ninguém conhece o sistema melhor que eu, portanto apenas eu posso consertá-lo. (Aceite)

Trump se posiciona como um *outsider* da política que tem uma vida toda de experiência no “sistema”, observando como é fácil tirar o que quiser de políticos para salvar o país dos líderes ineficientes. Ele se afasta dos políticos, da elite, e dos estudiosos:

De acordo com economistas – em quem eu não acredito muito, mas, mesmo assim, é isso que estão dizendo... (Anúncio)

E nosso desemprego real está entre 18 e 20%. Não acredite no 5,6%. Não acredite nisso. (Anúncio)

Ele se posicionou como parte das “pessoas comuns”, que eram seu público-alvo:

Meu pai, Fred Trump, era o homem mais inteligente e mais trabalhador que já conheci. [...]. É por causa dele que aprendi, desde a minha tenra idade, a respeitar a dignidade do trabalho e a dignidade das pessoas que trabalham. Ele era um cara mais à vontade na companhia de pedreiros, carpinteiros e eletricitas e eu tenho muito disso em mim também. Eu amo essas pessoas. (Aceite)

Ao mesmo tempo, Trump reforça mais uma vez a imagem do *self-made billionaire*, como se ele não fosse a terceira geração de grandes investidores imobiliários:

Eu comecei – obrigado – eu comecei em um pequeno escritório com meu pai em Brooklyn e Queens, e meu pai disse – e eu amo meu pai. Eu aprendi tanto. Ele era um ótimo negociador. Eu aprendi tanto só de sentar aos pés dele brincando com blocos ouvindo-o negociar com seus subempreiteiros. Mas eu aprendi muito. Mas ele costumava dizer, “Donald, não vá para Manhattan. Isso é jogo quente. Nós não sabemos nada sobre isso. Não faça isso”. Eu disse, “Eu preciso ir pra Manhattan. Eu preciso construir aqueles grandes prédios. Eu preciso fazer isso, pai. Eu preciso fazer isso”. E depois de quatro ou cinco anos em Brooklyn, eu me aventurei em Manhattan e fiz ótimos negócios. (Anúncio)

Nesta mensagem, ele descreve sua jornada como a do herói movido por uma missão e motivação maior do que ele, desrespeitando o conselho do pai e se arriscando em uma nova área da cidade. O resultado é o sucesso no mundo dos negócios, e depois de todos esses anos de trabalho, ele pode usar esses contatos, conhecimentos e experiência para alavancar o seu país. Trump se apresenta como um justiceiro que pode proteger os americanos do E.I. e seus terroristas, dos imigrantes ilegais violentos e do fechamento de fábricas americanas. Ele não tolera injustiças e incompetência de governantes:

Ninguém vai ser mais duro com o E.I. do que Donald Trump. Ninguém. (Anúncio)

Eu tenho abraçado mães que choram porque perderam seus filhos. (Aceite)

Eu tenho visitado trabalhadores de fábricas demitidos, e as comunidades esmagadas pelos nossos injustos tratados comerciais. Esses são os homens e mulheres de nosso país, e eles estão

esquecidos, mas não vão ficar esquecidos por muito tempo. Essas são pessoas que trabalham duro mas que não tem mais uma voz. Eu sou a sua voz. (Aceite)

Nesta corrida pela Casa Branca, eu sou o candidato da lei e ordem. (Aceite)

Eu não tenho paciência para injustiça. Nada de tolerância para a incompetência de governantes. (Aceite)

Nós vamos resgatar crianças de escolas deficientes ao ajudar seus pais a enviá-los para uma escola de sua preferência. (Aceite)

A primeira tarefa do nosso novo governo será liberar nossos cidadãos do crime e terrorismo e falta de lei que ameaçam as vizinhanças deles – as nossas. (Aceite)

Eu tenho uma mensagem para todas as pessoas ameaçando a paz em nossas ruas e a segurança de nossa polícia: quando eu fizer o juramento da presidência no ano que vem, vou restaurar a lei e ordem em nosso país. (Aceite)

Eu tenho uma mensagem para todos vocês: o crime e a violência que hoje afligem nossa nação vai logo – e eu quero dizer muito em breve – terminar. Começando no dia 20 de janeiro de 2017, a segurança será reestabelecida.

Eu tenho uma visão diferente para nossos trabalhadores. Ela começa com um novo, justo acordo comercial que protege nossos empregos e reage a países que trapaceiam – há muitos deles. (Aceite)

Nós não ganhamos mais, mas vamos começar a ganhar novamente. Mas para fazer isso, devemos nos libertar da política mesquinha do passado. (Aceite)

Eu sou sua voz. Assim, para todos os pais que sonham por seus filhos e para todas as crianças que sonham com seu futuro, digo estas palavras para vocês esta noite: Eu estou com vocês e lutarei por vocês e conquistarei para vocês. (Aceite)

Trump garante que é capaz de resgatar crianças, libertar cidadãos do crime, restaurar a lei e a ordem do país, reestabelecer a paz, libertar a população da política mesquinha. Tudo isso porque ele tem visões, ele é a voz de cidadãos calados. Com estes exemplos, não restam dúvidas de que Trump se apresenta como o herói, o messias prometido que veio para salvar os Estados Unidos da destruição iminente.

Entre as quatro classificações de heróis criadas por Girardet (1987), Trump tem características de cada uma delas simultaneamente, embora alguns arquétipos sejam encarnados com maior força que outros.

Assim como o Herói Ancião, Trump é velho conhecido do público americano que se retirou de sua atividade usual (negócios imobiliários e entretenimento) para salvar a pátria. Da mesma forma que o Ancião, Trump assume a liderança para proteger, restaurar o país. Ele tem experiência – se não política, em numerosos e grandiosos negócios internacionais. Seu discurso inclui a promessa da construção de uma muralha para manter seu povo à salvo dos inimigos externos.

Por outro lado, ele também se assemelha ao Herói Jovem – jovem na política – ao trazer a promessa da ação imediata, sem ser contido pelo mundo politicamente correto, pelos entraves burocráticos estatais, e sem depender, segundo ele destaca várias vezes, do investimento de empresas ou doadores. Ao posicionar-se como *outsider*, ele garante que será diferente dos políticos e que vai alcançar resultados.

Trump também encena o Arquétipo do Profeta (GIRARDET, 1987), aquele cuja palavra é a voz amplificada dos homens e mulheres da comunidade.

Por último, Trump tem características do Herói Providencial, e argumenta que apenas ele mesmo pode salvar o povo norte-americano de todas as agressões e ataques de diversos grupos. Este líder protege os fundamentos da pátria e apela aos grandes ancestrais. Ele aparece em momentos de ruptura tentando restaurar a ordem.

Na perspectiva das mitologias aplicadas ao marketing, Trump também tem características do arquétipo do Fora-da-Lei descrito por Mark e Pearson (2003) quando viola normas culturais e posiciona-se como politicamente incorreto.

Nós não podemos mais nos permitir ser tão politicamente corretos.
(Aceite)

Trump se vangloria de seu sucesso e boas conexões. O poder e a intimidação são muito importantes para este arquétipo, mesmo que apenas para chocar a sociedade, como na afirmação de que os mexicanos são estupradores ou que países que são protegidos pelas forças armadas americana devem pagar por esta proteção:

E os países que estamos protegendo a custos massivos vão ser convidados a pagar sua parte justa. (Anúncio)

Quem ativa este arquétipo em seu público-alvo quer distância do *establishment*.

O segundo arquétipo descrito por Mark e Pearson (2003) que pode ser observado na narrativa de Trump é o do Governante, a pessoa autoritária que constrói cercas e muros para tentar atingir a ordem e a segurança. Este aspecto que envolve a construção de muros se sobrepõe ao arquétipo do Herói Ancião de Girardet. Além de posicionar-se como eficiente na figura de um negociador, Trump também diz que é onisciente através de seus múltiplos contatos que ele aciona quando necessário. O arquétipo do Governante também envolve propriedades impressionantes para demonstrar poder, e tem preocupação com o status. Trump lista suas propriedades diversas.

Com base na narrativa de Trump, é possível verificar que ele faz um apelo ao Inocente, prometendo oferecer empregos, segurança e garantindo o resgate do passado de ouro e da Terra Prometida. As pessoas que têm ressonância com este arquétipo desejam um emprego perfeito e a vida ideal, ou seja, o sonho americano. Elas são dependentes e valorizam a autoridade e a obediência, e gostam de reestruturações e purificações.

3.4 A ERA DE OURO

O slogan da campanha presidencial de 2016 repetido em todos os seus pronunciamentos, “*Make America Great Again*”, denota que o país está em decadência, mas que é possível reverter a situação. Mas o que, exatamente, se constitui como era de ouro para Trump não é descrito em detalhes por ele. É possível que esta estratégia tenha sido adotada para servir aos mais variados imaginários de diferentes grupos de eleitores. Para alguns, pode ser que o melhor período da história americana tenha sido nos tempos dos Pais Fundadores, em que apenas os homens brancos eram considerados cidadãos. Para outros, talvez fosse depois da Segunda Guerra Mundial, quando a economia norte-americana

prosperava. Um terceiro grupo talvez se recorde com nostalgia dos tempos de Ronald Reagan, o último presidente Republicano com altos níveis de aceitação. Trump descreve o futuro sob sua presidência da seguinte forma, no discurso da Convenção do Partido Republicano:

Juntos, vamos liderar nosso partido de volta para a Casa Branca, e vamos liderar nosso país de volta para a segurança. Nós vamos ser um país de generosidade e cordialidade. Mas também vamos ser um país de lei e ordem (Aceite)

Eu tenho uma mensagem a todos vocês: o crime e a violência que hoje afligem nossa nação vai logo – e eu quero dizer muito em breve – terminar. Começando no dia 20 de janeiro de 2017, a segurança será reestabelecida. (Aceite)

No dia 20 de janeiro de 2017, o dia que eu faço o juramento de presidente, os americanos finalmente vão acordar em um país onde as leis dos Estados Unidos são aplicadas. Nós vamos ser ponderados e sensíveis com todos. Mas minha maior compaixão será com nossos próprios cidadãos em sofrimento. (Aceite)

A terra prometida, o cenário da idade de ouro, é descrita por ele como segura, de lei e ordem, com generosidade, cordialidade, ponderação e sensibilidade, mas com uma ressalva: os próprios cidadãos americanos vêm em primeiro lugar aos olhos do herói-Trump.

CONCLUSÕES

Donald Trump caminhou em sentido contrário aos outros candidatos à presidência dos Estados Unidos da campanha de 2016 e nos anos anteriores, que apresentaram os Estados Unidos como país indispensável para o mundo todo e com poder incomparável. Ao invés disso, o candidato afirmou que os EUA não tinham mais vitórias como costumavam ter anteriormente, declarou morto o sonho americano e utilizou uma narrativa apocalíptica sobre o país. Segundo ele, naquele momento os EUA estavam em um ponto crítico, em que qualquer hesitação em tomar uma decisão radical e eficaz significaria seguramente um ponto sem volta, colocando o país pela primeira vez entre “países de terceiro mundo” e em enorme crise econômica semelhante à da Grécia. Sua narrativa garantia que a única forma de evitar este futuro sombrio seria escolhendo um candidato diferente dos outros, um herói para salvar os Estados Unidos da crise econômica e de segurança.

As narrativas de Trump são extremamente visuais, com símbolos arquetipicamente importantes como muro, fronteira, estrangeiro, criança, sacrifício e altar. Ele também utiliza termos que costumam estar presentes em narrativas mitológicas: libertar do crime, reestabelecer a paz, restaurar a lei e a ordem, resgatar crianças, proteger, violência que aflige, ter visões, libertar da política mesquinha, ser a voz de pais e crianças, salvar famílias, trazer a terra prometida, construir o nosso amanhã. As palavras que descrevem ações em suas narrativas são extremamente fortes: moer, destruir, comer, se espalhar, assassinar, morrer, roubar, ameaçar, transbordar, derramar, destruir, bater, tudo isso relacionando-se às ameaças que espreitam o povo americano por todos os lados. Os adjetivos empregados por ele vão de um extremo ao outro: inocente, bela, seguro, pacífico, grandioso, destruído, desamparado, destrutivo, selvagem, estuprador, esmagado, abandonado, ignorado, negligenciado, terrível, escandaloso, perigoso. Juntas, essas palavras compõem uma imagem bastante dinâmica e colorida para que o público acompanhe a narrativa com pouco esforço e grande envolvimento emocional.

No intervalo de um ano e um mês entre o primeiro discurso e o segundo discurso analisados, constatamos que Trump intensificou a manipulação do conjunto mitológico da crise, especialmente a crise econômica. Os inimigos também receberam maior destaque, assim como ameaças ao modo de vida americano. Os

imigrantes têm a imagem compatível com a de “forasteiro” de Raoul Girardet, que invadem o lar dos cidadãos inocentes na calada da noite para sequestrar crianças e envenenar a população. No caso dos mexicanos, eles estariam envenenando os americanos com drogas ilegais. Os estrangeiros têm também na narração de Trump uma característica líquida, se derramando e transbordando pelas fronteiras e sobre a comunidade estadunidense. Esta imagem pode justificar a escolha de Trump por exigir a construção de um muro sólido, e não de uma cerca. Este muro atuaria no imaginário como um dique ou represa, que contém as implacáveis forças das ondas arrasadoras.

As narrativas míticas claramente identificadas nos pronunciamentos de Trump foram o mito do complô e da era de ouro. Já os mitos da invencibilidade americana e sucesso americano foram utilizados em seu modo inverso, em argumentações que apontaram que os EUA não são mais invencíveis e não conquistam mais sucesso, e que portanto um herói precisa salvar o país para recuperá-los. O mito da inocência americana foi extensamente utilizado como contraponto à presença dos estrangeiros em solo americano, que ameaçam os cidadãos de paz.

Esta narrativa rica em símbolos relacionados à destruição por ameaças internas e externas exigem um herói muito específico: onisciente, experiente em negociações e na construção civil, justiceiro, e que pode proteger o perímetro do país. Mais do que isso, este herói não pode ser do meio da política, não pode estar submetido aos jogos políticos e não depender do patrocínio de grupos de interesses. Segundo ele, apenas este herói experiente e movido pela missão de reconstruir sua nação poderá reconduzir o povo estadunidense à segurança, à riqueza e à posição de poder que já existiu em um tempo mítico, nunca especificado por ele em suas falas. É sua missão reconquistar para seu eleitorado aquilo que era seu por direito em sua terra prometida, assim como recuperar a era de ouro dos Estados Unidos. Trump insistiu na construção de muros, estradas, pontes, túneis e aeroportos, certamente porque, ressaltando sua imagem de criador, ostentava décadas de experiência na área de construção de prédios e hotéis. É relevante notar que ele não cita a construção ou melhoria de escolas, universidades, hospitais, parques nacionais e outras estruturas necessárias para qualquer país,

apenas estruturas de transporte ou de contenção humana. Trump se apresentou como construtor, em oposição às ameaças destrutivas à economia do país.

De acordo com a circunstância, Trump manipulou as constelações simbólicas que constituem as mitologias do herói Ancião, do Jovem, Providencial, do Profeta, do Fora-da-Lei e do Governador, com grande apelo ao público orientado pelo arquétipo do Inocente. Algumas características dos arquétipos de Girardet e de Mark e Pearson se sobrepõem, como a promessa da construção do muro e a necessidade de demonstrar poder. Uma vez que símbolos, arquétipos e mitos pertencem ao campo da psicologia, foi possível notar que se entrelaçam bem com outros conceitos de psicologia social expostos pelos autores do desenvolvimento do trabalho, como personalidades autoritárias, TMT, sensação de privação relativa e o reforço da autoestima dos eleitores nos comícios.

Uma possível extensão desta pesquisa poderia averiguar quais tipos de mitos estavam presentes no contexto histórico-político da população norte-americana durante as eleições em que Trump ensaiou participação, mas que não foi adiante – 1989, 1999 e 2012 –, e por quais tipos de heróis os eleitores procuravam para aplacar suas ansiedades sociais daqueles momentos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. **O perigo de uma única história**. 2013. (18m49s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuHW8>>. Acesso em: 17 de jul. 2017
- ALLCOTT, H., GENTZHOF, M., Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of economic perspectives**. Nashville, v. 31, n. 2, p. 211-236, março 2017.
- APPRENTICE, Intro Season 1, Donald Trump**. 2016. (4m12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ZXgzxGyxWM>> Acesso em: 17 nov. de 2018.
- BACZKO, B. A imaginação social In: **Enciclopédia Einaudi**. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARSTOW, D., et al. Trump Engaged in Suspect Tax Schemes as He Reaped Riches From His Father . **New York Times**. Nova Iorque, 2 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/02/us/politics/donald-trump-tax-schemes-fred-trump.html>> acesso em 15 de novembro de 2018
- BARTHES, R. **Mitologias**. São Paulo: Difusão editorial, 1982.
- BAUDRILLARD, J. **The spirit of terrorism and other essays**. New York: Verso, 2003.
- BERENSON, T. Donald Trump Feels Guilty for Never Serving in the Military. **Time**, 1 dez. 2015. Disponível em: <<http://time.com/4132139/donald-trump-military-new-hampshire/>>. Acesso em: 5 de jul. 2016.
- BERMÚDEZ, A. Um menor desacompanhado na terceira classe do navio: como o avô de Donald Trump chegou aos EUA. **BBC**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44909460>> Acesso em 13 de novembro de 2018.
- BÍBLIA, A. N. T. Mateus. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Online**. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/5/14-16>> Acesso em 25 de fevereiro de 2018
- BORBA, C., JARDIM, C., Tradução do ensaio “Passo a passo mitocrítico”, de Gilbert Durand. **Revista Ao Pé da Letra**. Recife, v. 14.2, 2012.
- BRINKLEY, A. The fog of war: covering the war on terrorism. In: LEONE, R; ANRIG, G. J. (Orgs.). **The war on our freedoms**; civil liberties in an age of terrorism. New York: Public Affairs, 2003.
- BURKE, P. **Testemunha Ocular**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CATANESE, D. The Year of Trump. **U.S. News**, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.usnews.com/news/articles/2016-06-08/the-year-of-donald-trump>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

CEASER, J. W., The Origins and Character of American Exceptionalism. **American Political Thought: A Journal of Ideas, Institutions, and Culture**, vol. 1, 2012
Disponível em: < <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/664595>>,
Acesso em: 20 fev. 2018.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A., **Dicionário de símbolos** – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1996.

CLOUD, S. A familiar story: lessons from past assaults on freedoms. In: LEONE, R; ANRIG, G. J. (Orgs.). **The war on our freedoms**; civil liberties in an age of terrorism. New York: Public Affairs, 2003

COHEN, F. et al. Death: The Trump Card. In: FITZDUFF, M. **Why Irrational Politics Appeals**: understanding the allure of Trump. Santa Barbara: Praeger, 2017. p.139-151.

COMOR, E., **The Political Economy of Knowledge**: Neglecting Political Economy in the Age of Fast Capitalism (as Before). In *Media, Structures, and Power: The Robert E. Babe Collection* (pp. 336-359). Toronto; Buffalo; London: University of Toronto Press, 2011. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/stable/10.3138/9781442686434.27>> Acesso em 15 de setembro de 2018.

COSTA, R. Trump's party loyalty pledge ends one GOP problem, brings others. **The Washington Post**. 3 set. 2015. Disponível em:
<https://www.washingtonpost.com/politics/trump-to-sign-gop-pledge-commit-to-back-party-nominee/2015/09/03/c5d9ea7c-5242-11e5-9812-92d5948a40f8_story.html>.
Acesso em: 15 jul. 2016.

DIAMOND, J. **Donald Trump describes father's 'small loan': \$1 million**. 27 de outubro de 2015. Acesso em 20 de novembro de 2018. Disponível em:
<<https://edition.cnn.com/2015/10/26/politics/donald-trump-small-loan-town-hall/index.html>>

DODO, M. K. My Theory on the Trump's Phenomenon. Why Donald Trump? And Why Now?, **Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences**. vol. 7, 2016

DONALD Trump's Presidential Announcement Speech. **Time**. 16 jun.2015.
Disponível em: < <http://time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/>>.
Acesso em: 15 jul. 2016.

DONALD Trump Biography, Disponível em:
<<https://www.biography.com/people/donald-trump-9511238>>. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/biography/Donald-Trump>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 11 p. 244-256, 1985

_____. O Retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 23, abr. 2004

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

EDER, S., PHILIPPS, D. Donald Trump's Draft Deferments: Four for College, One for Bad Feet. **The New York Times** 01 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/02/us/politics/donald-trump-draft-record.html>> Acesso em: 15 de novembro de 2018

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FITZDUFF, M (org). **Why irrational politics appeals**: understanding the allure of Trump. Santa Barbara: Praeger, 2017

FONSECA, A. A Imagem nas mitologias políticas: heróis sagrados e vilões demoníacos na disputa pelo seu coração. **Mundo, imagem, mundo**. Belo Horizonte: Malagueta Produções, 2018

FONSECA, A.; RANTIN, C. Fogueiras Modernas: os símbolos da narrativa da “Bruxa do Guarujá” no linchamento de Fabiane de Jesus. Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista. São Paulo, v.7, n.1, p.81-101, jul. 2017. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/?p=2432>>. Acesso em 13 abr. 2019

GASS, N. Trump: I'm so tired of this politically correct crap. **Político**, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://www.politico.com/story/2015/09/donald-trump-politically-correct-crap-213988>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

GEORGE C. Wallace. < <http://www.encyclopediaofalabama.org/article/h-1676>>. Acesso em: 10 de fev. 2019.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRILLO, M., Nationalist Politics: The role of predispositions and emotions. In: **Why irrational politics appeals: understanding the allure of Trump**. Santa Barbara: Praeger, 2017, cap 6, p. 87-105.

GORE, L. How many wives Donald Trump has. **Al.com**, Disponível em: <https://www.al.com/news/index.ssf/2016/07/how_many_wives_has_donald_trum.html>. Acesso em 20 de novembro de 2018

HALL, K.; GOLDSTEIN, D.M.; INGRAM, M.B. The hands of Donald Trump – entertainment, gesture, spectacle Revista **HAU – Journal of Ethnographic Theory** Chicago: v.6, n.2, p 71-100, 2016

HARARI, Y., **Sapiens** – Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017

HENRIQUES, G. Trump: An antiestablishment hero? In: **Why irrational politics appeals: understanding the allure of Trump**. Santa Barbara: Praeger, 2017, cap 7, p. 107-120.

HOBSBAWM, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**; programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

JONES, J. M. **Americans See U.S as Exceptional; 37% Doubt Obama Does**. Disponível em: <<http://news.gallup.com/poll/145358/americans-exceptional-doubt-obama.aspx>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2018.

JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964

KELLNER, D. **American Nightmare: Donald Trump, Media Spectacle, and Authoritarian Populism**. Boston: Sense Publishers, 2016

KORESTELINA, K. Insulter Trump: A bonus for his followers? In: **Why irrational politics appeals: understanding the allure of Trump**. Santa Barbara: Praeger, 2017, cap. 10, p. 153-170.

KRUSE, M. The true story of Donald Trump's first campaign speech - in 1987. **Politico Magazine**, 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/magazine/story/2016/02/donald-trump-first-campaign-speech-new-hampshire-1987-213595>> Acesso em 27 de novembro de 2018

KUCINICH, J. Donald Trump will sit out 2012 race. **USA Today**. Disponível em: <http://usatoday30.usatoday.com/news/politics/2011-05-16-Trump-election-2012-GOP_n.htm>. Acesso em: 17 fev. 2019.

LEE J., QUEALY K.. **The New York Times**. The 487 People, Places and Things Donald Trump Has Insulted on Twitter: A Complete List. Consultado em 14 de outubro de 2018. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/interactive/2016/01/28/upshot/donald-trump-twitter-insults.html>>

LEONE, R; ANRIG, G. J. (Orgs.). **The war on our freedoms**; civil liberties in an age of terrorism. New York: Public Affairs, 2003

LEXICON, H., **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002

LIEVEN, A., **America Right or Wrong**. An anatomy of American nationalism. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LIPPI-GREEN, R., **English with an Accent**. New York: Routledge, 2012

LURKER, M., **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

MACWILLIAMS, M. C., Who Decides When The Party Doesn't? Authoritarian Voters and the Rise of Donald Trump. **American Political Science Association**. Washington D.C, out. 2016

_____. Intolerant and afraid: authoritarians rise to Trump's call. In: FITZDUFF, M. **Why Irrational Politics Appeals**: understanding the allure of Trump. Santa Barbara: Praeger, 2017. p. 121-137.

MANHÃES, E., Análise do discurso. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, cap. 19, p. 105-115.

MANZA, J., CROWLEY N. Working class hero? Interrogating the social bases of the rise of Donald Trump. **The Forum**. A Journal of Applied Research in Contemporary Politics, Boston: 2017

MARK., M, PEARSON, C., **O Herói e o For a-da-lei**: Como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.

NAVARRO, P. Underestimating Donald Trump - Again. **Observer**, 3 jun. 2016. Disponível em: <<http://observer.com/2016/06/underestimating-donald-trump-again/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PAGE, S., This time, Trump says he's running. **USA Today**. 15 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/elections/2015/06/16/donald-trump-announcement-president/28782433/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

PARKER, A.; EDER, S. Inside the Six Weeks Donald Trump Was a Nonstop 'Birther', **New York Times**, 2 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/07/03/us/politics/donald-trump-birther-obama.html?module=inline>>. Acesso em: 14 out. 2018

PATAI, R., **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

PENDERS, M., Marching for the myth of science. A Self-destructive celebration of scientific exceptionalism. **EMBO Reports**. [S.l.] vol. 18, n. 9, 18 ago. 2017. Disponível em: <<http://embor.embopress.org/content/18/9/1486>> Acesso em: 07 jul. 2018.

PETTIGREW, T. **Social Psychological Perspectives on Trump Supporters** Journal of Social and Political Psychology. Department of Psychology, University of California, Santa Cruz, 2017.

PLANT, A., **Ronald Reagan in 2016**: The Symbolic and Political Uses of Collective Memory. 2015. Politics & Government Undergraduate Theses. Paper 2. University of Puget Sound, United States of America. Disponível em: <http://soundideas.pugetsound.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=pg_theses>. Acesso em: 25 jul. 2016.

PLEDGE. **Washington Secretary of State**. Disponível em: <<https://www.sos.wa.gov/flag/pledge.aspx>> Acesso em 22 fev. 2019

PLUMER, B., Full transcript of Donald Trump's acceptance speech of the RNC. Vox. 22 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/2016/7/21/12253426/donald-trump-acceptance-speech-transcript-republican-nomination-transcript>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

POPPER, M., Leadership and Followership: Trump – An Adaptive Mismatch? In: **Why irrational politics appeals: understanding the allure of Trump**. Santa Barbara: Praeger, 2017, cap. 4. p. 57-70.

PORTER, E. We've Seen the Trump Phenomenon Before. New York Times, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2016/05/25/business/economy/weve-seenthe-trump-phenomenon-before.html>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

PRESIDENTIAL election process. Disponível em: <<https://www.usa.gov/election>> Acesso em: 27 de janeiro de 2019

REICHER, S., HASLAM, A., The politics of hope: Donald Trump as an entrepreneur of identity. In: **Why irrational politics appeals: understanding the allure of Trump**. Santa Barbara: Praeger, 2017, cap. 2. p. 25-39.

ROTHWELL, J., DIEGO-ROSELL, P. **Explaining nationalist political views**: The case of Donald Trump, 2016 Draft working paper. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2822059>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SAID, E. W. **Cultura e resistência**; entrevistas do intelectual palestino a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

_____. **Orientalismo**; o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIDES, J., VAVRECK, L., Ante up. **The Gamble**. 1 ed. New Jersey: Princeton University Press, 2014. Cap 1, p 1-10. Disponível em: <<http://assets.press.princeton.edu/chapters/s10350.pdf>> Acesso em: 26 de janeiro de 2019.

STOP blaming low-income voters for Donald Trump's victory. **Talk Poverty**. Disponível em: <<https://talkpoverty.org/2016/11/16/stop-blaming-low-income-voters-donald-trumps-victory/>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SURO, R. **Who are “we” now? The colateral damage to immigration** In: LEONE, R; ANRIG, G. J. (Orgs.). *The war on our freedoms; civil liberties in an age of terrorism*. New York: Public Affairs, 2003, cap 6, p. 147-168.

TANI, M., The songs that Donald Trump rallies blast to pump up supporters. **Business Insider**. 9 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/donald-trump-rally-songs-2015-12#rocking-in-the-free-world--neil-young-9>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

TAYLOR, D., During World War II, the U.S. Saw Italian Americans as a Threat to Homeland Security. **Smithsonian**, 2017. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/history/italian-americans-were-considered-enemy-aliens-world-war-ii-180962021/>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

TRANSCRIPT: Donald Trump announces plans to form presidential exploratory committee. **CNN**. 8 out.1999. Consultado em 13 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1999/10/08/trump.transcript/>>.

TRUMP officially joins Reform Party. **CNN**, 25 out. 1999. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1999/10/25/trump.cnn/index.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

USA in Brief: Elections. 2016. Disponível em: <https://staticshare.america.gov/uploads/2016/04/Elections-USA_In-Brief-Series_English_Lo-Res.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2019.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença**: traçando a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J.(Org.). **Ao Encontro da Sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991.

ANEXOS

ANEXO A
Anúncio de candidatura de Donald Trump

Wow. Whoa. That is some group of people. Thousands.

So nice, thank you very much. That's really nice. Thank you. It's great to be at Trump Tower. It's great to be in a wonderful city, New York. And it's an honor to have everybody here. This is beyond anybody's expectations. There's been no crowd like this.

And, I can tell, some of the candidates, they went in. They didn't know the air-conditioner didn't work. They sweated like dogs.

They didn't know the room was too big, because they didn't have anybody there. How are they going to beat ISIS? I don't think it's gonna happen.

Our country is in serious trouble. We don't have victories anymore. We used to have victories, but we don't have them. When was the last time anybody saw us beating, let's say, China in a trade deal? They kill us. I beat China all the time. All the time.

When did we beat Japan at anything? They send their cars over by the millions, and what do we do? When was the last time you saw a Chevrolet in Tokyo? It doesn't exist, folks. They beat us all the time.

When do we beat Mexico at the border? They're laughing at us, at our stupidity. And now they are beating us economically. They are not our friends, believe me. But they're killing us economically.

The U.S. has become a dumping ground for everybody else's problems.

Thank you. It's true, and these are the best and the finest. When Mexico sends its people, they're not sending their best. They're not sending you. They're not sending you. They're sending people that have lots of problems, and they're bringing those problems with us. They're bringing drugs. They're bringing crime. They're rapists. And some, I assume, are good people.

But I speak to border guards and they tell us what we're getting. And it only makes common sense. It only makes common sense. They're sending us not the right people.

It's coming from more than Mexico. It's coming from all over South and Latin America, and it's coming probably – probably – from the Middle East. But we don't know. Because we have no protection and we have no competence, we don't know what's happening. And it's got to stop and it's got to stop fast.

Islamic terrorism is eating up large portions of the Middle East. They've become rich. I'm in competition with them.

They just built a hotel in Syria. Can you believe this? They built a hotel. When I have to build a hotel, I pay interest. They don't have to pay interest, because they took the oil that, when we left Iraq, I said we should've taken.

So now ISIS has the oil, and what they don't have, Iran has. And in 19 – and I will tell you this, and I said it very strongly, years ago, I said— and I love the military, and I want to have the strongest military that we've ever had, and we need it more now than ever. But I said, "Don't hit Iraq," because you're going to totally destabilize the Middle East. Iran is going to take over the Middle East, Iran and somebody else will get the oil, and it turned out that Iran is now taking over Iraq. Think of it. Iran is taking over Iraq, and they're taking it over big league.

We spent \$2 trillion in Iraq, \$2 trillion. We lost thousands of lives, thousands in Iraq. We have wounded soldiers, who I love, I love – they're great – all over the place, thousands and thousands of wounded soldiers.

And we have nothing. We can't even go there. We have nothing. And every time we give Iraq equipment, the first time a bullet goes off in the air, they leave it.

Last week, I read 2,300 Humvees – these are big vehicles – were left behind for the enemy. 2,000? You would say maybe two, maybe four? 2,300 sophisticated vehicles, they ran, and the enemy took them.

Last quarter, it was just announced our gross domestic product— a sign of strength, right? But not for us. It was below zero. Whoever heard of this? It's never below zero.

Our labor participation rate was the worst since 1978. But think of it, GDP below zero, horrible labor participation rate.

And our real unemployment is anywhere from 18 to 20 percent. Don't believe the 5.6. Don't believe it.

That's right. A lot of people up there can't get jobs. They can't get jobs, because there are no jobs, because China has our jobs and Mexico has our jobs. They all have jobs.

But the real number, the real number is anywhere from 18 to 19 and maybe even 21 percent, and nobody talks about it, because it's a statistic that's full of nonsense.

Our enemies are getting stronger and stronger by the way, and we as a country are getting weaker. Even our nuclear arsenal doesn't work.

It came out recently they have equipment that is 30 years old. They don't know if it worked. And I thought it was horrible when it was broadcast on television, because boy, does that send signals to Putin and all of the other people that look at us and they say, "That is a group of people, and that is a nation that truly has no clue. They don't know what they're doing. They don't know what they're doing."

We have a disaster called the big lie: Obamacare. Obamacare.

Yesterday, it came out that costs are going for people up 29, 39, 49, and even 55 percent, and deductibles are through the roof. You have to be hit by a tractor, literally, a tractor, to use it, because the deductibles are so high, it's virtually useless. It's virtually useless. It is a disaster.

And remember the \$5 billion website? \$5 billion we spent on a website, and to this day it doesn't work. A \$5 billion website.

I have so many websites, I have them all over the place. I hire people, they do a website. It costs me \$3. \$5 billion website.

Well, you need somebody, because politicians are all talk, no action. Nothing's gonna get done. They will not bring us – believe me – to the promised land. They will not.

As an example, I've been on the circuit making speeches, and I hear my fellow Republicans. And they're wonderful people. I like them. They all want me to support them. They don't know how to bring it about. They come up to my office. I'm meeting with three of them in the next week. And they don't know – "Are you running? Are you not running? Could we have your support? What do we do? How do we do it?"

I like them. And I hear their speeches. And they don't talk jobs and they don't talk China. When was the last time you heard China is killing us? They're devaluing their currency to a level that you wouldn't believe. It makes it impossible for our companies to compete, impossible. They're killing us.

But you don't hear that from anybody else. You don't hear it from anybody else. And I watch the speeches.

I watch the speeches of these people, and they say the sun will rise, the moon will set, all sorts of wonderful things will happen. And people are saying, "What's going on? I just want a job. Just get me a job. I don't need the rhetoric. I want a job."

And that's what's happening. And it's going to get worse, because remember, Obamacare really kicks in in '16, 2016. Obama is going to be out playing

golf. He might be on one of my courses. I would invite him, I actually would say. I have the best courses in the world, so I'd say, you what, if he wants to – I have one right next to the White House, right on the Potomac. If he'd like to play, that's fine.

In fact, I'd love him to leave early and play, that would be a very good thing.

But Obamacare kicks in in 2016. Really big league. It is going to be amazingly destructive. Doctors are quitting. I have a friend who's a doctor, and he said to me the other day, "Donald, I never saw anything like it. I have more accountants than I have nurses. It's a disaster. My patients are beside themselves. They had a plan that was good. They have no plan now.

We have to repeal Obamacare, and it can be – and – and it can be replaced with something much better for everybody. Let it be for everybody. But much better and much less expensive for people and for the government. And we can do it.

So I've watched the politicians. I've dealt with them all my life. If you can't make a good deal with a politician, then there's something wrong with you. You're certainly not very good. And that's what we have representing us. They will never make America great again. They don't even have a chance. They're controlled fully – they're controlled fully by the lobbyists, by the donors, and by the special interests, fully.

Yes, they control them. Hey, I have lobbyists. I have to tell you. I have lobbyists that can produce anything for me. They're great. But you know what? it won't happen. It won't happen. Because we have to stop doing things for some people, but for this country, it's destroying our country. We have to stop, and it has to stop now.

Now, our country needs – our country needs a truly great leader, and we need a truly great leader now. We need a leader that wrote "The Art of the Deal."

We need a leader that can bring back our jobs, can bring back our manufacturing, can bring back our military, can take care of our vets. Our vets have been abandoned.

And we also need a cheerleader.

You know, when President Obama was elected, I said, "Well, the one thing, I think he'll do well. I think he'll be a great cheerleader for the country. I think he'd be a great spirit."

He was vibrant. He was young. I really thought that he would be a great cheerleader.

He's not a leader. That's true. You're right about that.

But he wasn't a cheerleader. He's actually a negative force. He's been a negative force. He wasn't a cheerleader; he was the opposite.

We need somebody that can take the brand of the United States and make it great again. It's not great again.

We need – we need somebody – we need somebody that literally will take this country and make it great again. We can do that.

And, I will tell you, I love my life. I have a wonderful family. They're saying, "Dad, you're going to do something that's going to be so tough."

You know, all of my life, I've heard that a truly successful person, a really, really successful person and even modestly successful cannot run for public office. Just can't happen. And yet that's the kind of mindset that you need to make this country great again.

So ladies and gentlemen... I am officially running... for president of the United States, and we are going to make our country great again.

It can happen. Our country has tremendous potential. We have tremendous people.

We have people that aren't working. We have people that have no incentive to work. But they're going to have incentive to work, because the greatest

social program is a job. And they'll be proud, and they'll love it, and they'll make much more than they would've ever made, and they'll be – they'll be doing so well, and we're going to be thriving as a country, thriving. It can happen.

I will be the greatest jobs president that God ever created. I tell you that.

I'll bring back our jobs from China, from Mexico, from Japan, from so many places. I'll bring back our jobs, and I'll bring back our money.

Right now, think of this: We owe China \$1.3 trillion. We owe Japan more than that. So they come in, they take our jobs, they take our money, and then they loan us back the money, and we pay them in interest, and then the dollar goes up so their deal's even better.

How stupid are our leaders? How stupid are these politicians to allow this to happen? How stupid are they?

I'm going to tell you – thank you. I'm going to tell you a couple of stories about trade, because I'm totally against the trade bill for a number of reasons.

Number one, the people negotiating don't have a clue. Our president doesn't have a clue. He's a bad negotiator.

He's the one that did Bergdahl. We get Bergdahl, they get five killer terrorists that everybody wanted over there.

We get Bergdahl. We get a traitor. We get a no-good traitor, and they get the five people that they wanted for years, and those people are now back on the battlefield trying to kill us. That's the negotiator we have.

Take a look at the deal he's making with Iran. He makes that deal, Israel maybe won't exist very long. It's a disaster, and we have to protect Israel. But...

So we need people – I'm a free trader. But the problem with free trade is you need really talented people to negotiate for you. If you don't have talented people, if you don't have great leadership, if you don't have people that know business, not just a political hack that got the job because he made a contribution to a campaign, which is the way all jobs, just about, are gotten, free trade terrible.

Free trade can be wonderful if you have smart people, but we have people that are stupid. We have people that aren't smart. And we have people that are controlled by special interests. And it's just not going to work.

So, here's a couple of stories happened recently. A friend of mine is a great manufacturer. And, you know, China comes over and they dump all their stuff, and I buy it. I buy it, because, frankly, I have an obligation to buy it, because they devalue their currency so brilliantly, they just did it recently, and nobody thought they could do it again.

But with all our problems with Russia, with all our problems with everything – everything, they got away with it again. And it's impossible for our people here to compete.

So I want to tell you this story. A friend of mine, who's a great manufacturer, calls me up a few weeks ago. He's very upset. I said, "What's your problem?"

He said, "You know, I make great product."

And I said, "I know. I know that because I buy the product."

He said, "I can't get it into China. They won't accept it. I sent a boat over and they actually sent it back. They talked about environmental, they talked about all sorts of crap that had nothing to do with it."

I said, "Oh, wait a minute, that's terrible. Does anyone know this?"

He said, "Yeah, they do it all the time with other people."

I said, "They send it back?"

"Yeah. So I finally got it over there and they charged me a big tariff. They're not supposed to be doing that. I told them."

Now, they do charge you tariff on trucks, when we send trucks and other things over there.

Ask Boeing. They wanted Boeing's secrets. They wanted their patents and all their secrets before they agreed to buy planes from Boeing.

Hey, I'm not saying they're stupid. I like China. I sell apartments for – I just sold an apartment for \$15 million to somebody from China. Am I supposed to dislike them? I own a big chunk of the Bank of America Building at 1290 Avenue of the Americas, that I got from China in a war. Very valuable.

I love China. The biggest bank in the world is from China. You know where their United States headquarters is located? In this building, in Trump Tower. I love China. People say, "Oh, you don't like China?"

No, I love them. But their leaders are much smarter than our leaders, and we can't sustain ourself with that. There's too much – it's like – it's like take the New England Patriots and Tom Brady and have them play your high school football team. That's the difference between China's leaders and our leaders.

They are ripping us. We are rebuilding China. We're rebuilding many countries. China, you go there now, roads, bridges, schools, you never saw anything like it. They have bridges that make the George Washington Bridge look like small potatoes. And they're all over the place.

We have all the cards, but we don't know how to use them. We don't even know that we have the cards, because our leaders don't understand the game. We could turn off that spigot by charging them tax until they behave properly.

Now they're going militarily. They're building a military island in the middle of the South China sea. A military island. Now, our country could never do that because we'd have to get environmental clearance, and the environmentalist wouldn't let our country— we would never build in an ocean. They built it in about one year, this massive military port.

They're building up their military to a point that is very scary. You have a problem with ISIS. You have a bigger problem with China.

And, in my opinion, the new China, believe it or not, in terms of trade, is Mexico.

So this man tells me about the manufacturing. I say, "That's a terrible story. I hate to hear it."

But I have another one, Ford.

So Mexico takes a company, a car company that was going to build in Tennessee, rips it out. Everybody thought the deal was dead. Reported it in the Wall Street Journal recently. Everybody thought it was a done deal. It's going in and that's going to be it, going into Tennessee. Great state, great people.

All of a sudden, at the last moment, this big car manufacturer, foreign, announces they're not going to Tennessee. They're gonna spend their \$1 billion in Mexico instead. Not good.

Now, Ford announces a few weeks ago that Ford is going to build a \$2.5 billion car and truck and parts manufacturing plant in Mexico. \$2.5 billion, it's going to be one of the largest in the world. Ford. Good company.

So I announced that I'm running for president. I would... one of the early things I would do, probably before I even got in – and I wouldn't even use – you know, I have – I know the smartest negotiators in the world. I know the good ones. I know the bad ones. I know the overrated ones.

You get a lot of them that are overrated. They're not good. They think they are. They get good stories, because the newspapers get buffaloeed. But they're not good.

But I know the negotiators in the world, and I put them one for each country. Believe me, folks. We will do very, very well, very, very well.

But I wouldn't even waste my time with this one. I would call up the head of Ford, who I know. If I was president, I'd say, "Congratulations. I understand that you're building a nice \$2.5 billion car factory in Mexico and that you're going to take your cars and sell them to the United States zero tax, just flow them across the border."

And you say to yourself, "How does that help us," right? "How does that help us? Where is that good"? It's not.

So I would say, "Congratulations. That's the good news. Let me give you the bad news. Every car and every truck and every part manufactured in this plant that comes across the border, we're going to charge you a 35-percent tax, and that tax is going to be paid simultaneously with the transaction, and that's it.

Now, here's what is going to happen. If it's not me in the position, it's one of these politicians that we're running against, you know, the 400 people that we're (inaudible). And here's what's going to happen. They're not so stupid. They know it's not a good thing, and they may even be upset by it. But then they're going to get a call from the donors or probably from the lobbyist for Ford and say, "You can't do that to Ford, because Ford takes care of me and I take care of you, and you can't do that to Ford."

And guess what? No problem. They're going to build in Mexico. They're going to take away thousands of jobs. It's very bad for us.

So under President Trump, here's what would happen:

The head of Ford will call me back, I would say within an hour after I told them the bad news. But it could be he'd want to be cool, and he'll wait until the next day. You know, they want to be a little cool.

And he'll say, "Please, please, please." He'll beg for a little while, and I'll say, "No interest." Then he'll call all sorts of political people, and I'll say, "Sorry, fellas. No interest," because I don't need anybody's money. It's nice. I don't need anybody's money.

I'm using my own money. I'm not using the lobbyists. I'm not using donors. I don't care. I'm really rich. I (inaudible).

And by the way, I'm not even saying that's the kind of mindset, that's the kind of thinking you need for this country.

So – because we got to make the country rich.

It sounds crass. Somebody said, "Oh, that's crass." It's not crass.

We got \$18 trillion in debt. We got nothing but problems.

We got a military that needs equipment all over the place. We got nuclear weapons that are obsolete.

We've got nothing. We've got Social Security that's going to be destroyed if somebody like me doesn't bring money into the country. All these other people want to cut the hell out of it. I'm not going to cut it at all; I'm going to bring money in, and we're going to save it.

But here's what's going to happen:

After I'm called by 30 friends of mine who contributed to different campaigns, after I'm called by all of the special interests and by the – the donors and by the lobbyists – and they have zero chance at convincing me, zero – I'll get a call the next day from the head of Ford. He'll say, "Please reconsider," I'll say no.

He'll say, "Mr. President, we've decided to move the plant back to the United States, and we're not going to build it in Mexico." That's it. They have no choice. They have no choice.

There are hundreds of things like that. I'll give you another example.

Saudi Arabia, they make \$1 billion a day. \$1 billion a day. I love the Saudis. Many are in this building. They make a billion dollars a day. Whenever they have problems, we send over the ships. We say "we're gonna protect." What are we doing? They've got nothing but money.

If the right person asked them, they'd pay a fortune. They wouldn't be there except for us.

And believe me, you look at the border with Yemen. You remember Obama a year ago, Yemen was a great victory. Two weeks later, the place was blown up. Everybody got out – and they kept our equipment.

They always keep our equipment. We ought to send used equipment, right? They always keep our equipment. We ought to send some real junk, because, frankly, it would be – we ought to send our surplus. We're always losing this gorgeous brand-new stuff.

But look at that border with Saudi Arabia. Do you really think that these people are interested in Yemen? Saudi Arabia without us is gone. They're gone.

And I'm the one that made all of the right predictions about Iraq. You know, all of these politicians that I'm running against now – it's so nice to say I'm running as opposed to if I run, if I run. I'm running.

But all of these politicians that I'm running against now, they're trying to disassociate. I mean, you looked at Bush, it took him five days to answer the question on Iraq. He couldn't answer the question. He didn't know. I said, "Is he intelligent?"

Then I looked at Rubio. He was unable to answer the question, is Iraq a good thing or bad thing? He didn't know. He couldn't answer the question.

How are these people gonna lead us? How are we gonna – how are we gonna go back and make it great again? We can't. They don't have a clue. They can't lead us. They can't. They can't even answer simple questions. It was terrible.

But Saudi Arabia is in big, big trouble. Now, thanks to fracking and other things, the oil is all over the place. And I used to say it, there are ships at sea, and this was during the worst crisis, that were loaded up with oil, and the cartel kept the price up, because, again, they were smarter than our leaders. They were smarter than our leaders.

There is so much wealth out there that can make our country so rich again, and therefore make it great again. Because we need money. We're dying. We're dying. We need money. We have to do it. And we need the right people.

So Ford will come back. They'll all come back. And I will say this, this is going to be an election, in my opinion, that's based on competence.

Somebody said – thank you, darlin'.

Somebody said to me the other day, a reporter, a very nice reporter, "But, Mr. Trump, you're not a nice person."

That's true. But actually I am. I think I am a nice person. People that know me, like me. Does my family like me? I think so, right. Look at my family. I'm proud of my family.

By the way, speaking of my family, Melania, Barron, Kai, Donnie, Don, Vanessa, Tiffany, Ivanka did a great job. Did she do a great job?

Great. Jared, Laura and Eric, I'm very proud of my family. They're a great family.

So the reporter said to me the other day, "But, Mr. Trump, you're not a nice person. How can you get people to vote for you?"

I said, "I don't know." I said, "I think that number one, I am a nice person. I give a lot of money away to charities and other things. I think I'm actually a very nice person."

But, I said, "This is going to be an election that's based on competence, because people are tired of these nice people. And they're tired of being ripped off by everybody in the world. And they're tired of spending more money on education than any nation in the world per capita, than any nation in the world, and we are 26th in the world, 25 countries are better than us in education. And some of them are like third world countries. But we're becoming a third world country, because

of our infrastructure, our airports, our roads, everything. So one of the things I did, and I said, you know what I'll do. I'll do it. Because a lot of people said, "He'll never run. Number one, he won't want to give up his lifestyle."

They're right about that, but I'm doing it.

Number two, I'm a private company, so nobody knows what I'm worth. And the one thing is that when you run, you have to announce and certify to all sorts of governmental authorities your net worth.

So I said, "That's OK." I'm proud of my net worth. I've done an amazing job.

I started off – thank you – I started off in a small office with my father in Brooklyn and Queens, and my father said – and I love my father. I learned so much. He was a great negotiator. I learned so much just sitting at his feet playing with blocks listening to him negotiate with subcontractors. But I learned a lot.

But he used to say, "Donald, don't go into Manhattan. That's the big leagues. We don't know anything about that. Don't do it."

I said, "I gotta go into Manhattan. I gotta build those big buildings. I gotta do it, Dad. I've gotta do it."

And after four or five years in Brooklyn, I ventured into Manhattan and did a lot of great deals – the Grand Hyatt Hotel. I was responsible for the convention center on the west side. I did a lot of great deals, and I did them early and young. And now I'm building all over the world, and I love what I'm doing.

But they all said, a lot of the pundits on television, "Well, Donald will never run, and one of the main reasons is he's private and he's probably not as successful as everybody thinks."

So I said to myself, you know, nobody's ever going to know unless I run, because I'm really proud of my success. I really am.

I've employed – I've employed tens of thousands of people over my lifetime. That means medical. That means education. That means everything.

So a large accounting firm and my accountants have been working for months, because it's big and complex, and they've put together a statement, a financial statement, just a summary. But everything will be filed eventually with the government, and we don't [use] extensions or anything. We'll be filing it right on time. We don't need anything.

And it was even reported incorrectly yesterday, because they said, "He had assets of \$9 billion." So I said, "No, that's the wrong number. That's the wrong number. Not assets."

So they put together this. And before I say it, I have to say this. I made it the old-fashioned way. It's real estate. You know, it's real estate.

It's labor, and it's unions good and some bad and lots of people that aren't in unions, and it's all over the place and building all over the world.

And I have assets – big accounting firm, one of the most highly respected – 9 billion 240 million dollars.

And I have liabilities of about \$500 million. That's long-term debt, very low interest rates.

In fact, one of the big banks came to me and said, "Donald, you don't have enough borrowings. Could we loan you \$4 billion"? I said, "I don't need it. I don't want it. And I've been there. I don't want it."

But in two seconds, they give me whatever I wanted. So I have a total net worth, and now with the increase, it'll be well-over \$10 billion. But here, a total net worth of – net worth, not assets, not – a net worth, after all debt, after all expenses, the greatest assets – Trump Tower, 1290 Avenue of the Americas, Bank of America building in San Francisco, 40 Wall Street, sometimes referred to as the Trump building right opposite the New York – many other places all over the world.

So the total is \$8,737,540,00.

Now I'm not doing that... I'm not doing that to brag, because you know what? I don't have to brag. I don't have to, believe it or not.

I'm doing that to say that that's the kind of thinking our country needs. We need that thinking. We have the opposite thinking. We have losers. We have losers. We have people that don't have it. We have people that are morally corrupt. We have people that are selling this country down the drain.

So I put together this statement, and the only reason I'm telling you about it today is because we really do have to get going, because if we have another three or four years – you know, we're at \$18 trillion now. We're soon going to be at \$20 trillion.

According to the economists – who I'm not big believers in, but, nevertheless, this is what they're saying – that \$24 trillion – we're very close – that's the point of no return. \$24 trillion. We will be there soon. That's when we become Greece. That's when we become a country that's unsalvageable. And we're gonna be there very soon. We're gonna be there very soon.

So, just to sum up, I would do various things very quickly. I would repeal and replace the big lie, Obamacare.

I would build a great wall, and nobody builds walls better than me, believe me, and I'll build them very inexpensively, I will build a great, great wall on our southern border. And I will have Mexico pay for that wall.

Mark my words.

Nobody would be tougher on ISIS than Donald Trump. Nobody.

I will find – within our military, I will find the General Patton or I will find General MacArthur, I will find the right guy. I will find the guy that's going to take that military and make it really work. Nobody, nobody will be pushing us around.

I will stop Iran from getting nuclear weapons. And we won't be using a man like Secretary Kerry that has absolutely no concept of negotiation, who's making a horrible and laughable deal, who's just being tapped along as they make weapons right now, and then goes into a bicycle race at 72 years old, and falls and breaks his leg. I won't be doing that. And I promise I will never be in a bicycle race. That I can tell you.

I will immediately terminate President Obama's illegal executive order on immigration, immediately.

Fully support and back up the Second Amendment.

Now, it's very interesting. Today I heard it. Through stupidity, in a very, very hard core prison, interestingly named Clinton, two vicious murderers, two vicious people escaped, and nobody knows where they are. And a woman was on television this morning, and she said, "You know, Mr. Trump," and she was telling other people, and I actually called her, and she said, "You know, Mr. Trump, I always was against guns. I didn't want guns. And now since this happened" – it's up in the prison area – "my husband and I are finally in agreement, because he wanted the guns. We now have a gun on every table. We're ready to start shooting."

I said, "Very interesting."

So protect the Second Amendment.

End— end Common Core. Common Core should— it is a disaster. Bush is totally in favor of Common Core. I don't see how he can possibly get the nomination. He's weak on immigration. He's in favor of Common Core. How the hell can you vote for this guy? You just can't do it. We have to end education has to be local.

Rebuild the country's infrastructure.

Nobody can do that like me. Believe me. It will be done on time, on budget, way below cost, way below what anyone ever thought.

I look at the roads being built all over the country, and I say I can build those things for one-third. What they do is unbelievable, how bad.

You know, we're building on Pennsylvania Avenue, the Old Post Office, we're converting it into one of the world's great hotels. It's gonna be the best hotel in Washington, D.C. We got it from the General Services Administration in Washington. The Obama administration. We got it. It was the most highly sought after – or one of them, but I think the most highly sought after project in the history of General Services. We got it. People were shocked, Trump got it.

Well, I got it for two reasons. Number one, we're really good. Number two, we had a really good plan. And I'll add in the third, we had a great financial statement. Because the General Services, who are terrific people, by the way, and talented people, they wanted to do a great job. And they wanted to make sure it got built.

So we have to rebuild our infrastructure, our bridges, our roadways, our airports. You come into La Guardia Airport, it's like we're in a third world country. You look at the patches and the 40-year-old floor. They throw down asphalt, and they throw.

You look at these airports, we are like a third world country. And I come in from China and I come in from Qatar and I come in from different places, and they have the most incredible airports in the world. You come to back to this country and you have LAX, disaster. You have all of these disastrous airports. We have to rebuild our infrastructure.

Save Medicare, Medicaid and Social Security without cuts. Have to do it.

Get rid of the fraud. Get rid of the waste and abuse, but save it. People have been paying it for years. And now many of these candidates want to cut it. You save it by making the United States, by making us rich again, by taking back all of the money that's being lost.

Renegotiate our foreign trade deals.

Reduce our \$18 trillion in debt, because, believe me, we're in a bubble. We have artificially low interest rates. We have a stock market that, frankly, has been good to me, but I still hate to see what's happening. We have a stock market that is so bloated.

Be careful of a bubble because what you've seen in the past might be small potatoes compared to what happens. So be very, very careful.

And strengthen our military and take care of our vets. So, so important.

Sadly, the American dream is dead.

But if I get elected president I will bring it back bigger and better and stronger than ever before, and we will make America great again.

Thank you. Thank you very much.

ANEXO B

Tradução do anúncio de candidatura de Donald Trump¹

Uau. Uau. Que grupo de pessoas. Milhares.

Muito legal, muito obrigado. Isso é muito legal. Obrigado. É ótimo estar na Torre Trump. É ótimo estar em uma cidade incrível, Nova York. E é uma honra ter todos aqui. Isso está além das expectativas de qualquer pessoa. Nunca houve uma multidão como essa.

E, eu posso dizer, alguns candidatos se deram mal. Eles não sabiam que o ar-condicionado não funcionava. Eles suaram como cães.

Eles não sabiam que a sala era muito grande, porque eles não tinham ninguém lá. Como eles vão vencer o E.I.? Eu não acho que isso vai acontecer.

Nosso país está em apuros sérios. Nós não temos mais vitórias. Nós costumávamos ter vitórias, mas não temos mais. Quando foi a última vez que alguém nos viu vencendo, vamos dizer, a China em um acordo comercial? Eles nos matam. Eu venço a China o tempo todo.

Quando vencemos o Japão em qualquer coisa? Eles enviam seus carros para cá aos milhões, e o que nós fazemos? Quando foi a última vez que você viu um Chevrolet em Tóquio? Isso não existe, pessoal. Eles nos vencem o tempo todo.

Quando nós vencemos o México na fronteira? Eles estão rindo de nós, da nossa estupidez. E agora eles estão nos vencendo economicamente. Eles não são nossos amigos, acredite em mim. Mas eles estão nos matando economicamente.

Os EUA se tornaram um lixão para os problemas de todos.

Obrigado. É verdade, e esses são os melhores e refinados. Quando o México manda as pessoas deles, eles não estão enviando o melhor deles. Eles não estão enviando você. Eles não estão enviando você. Eles estão enviando pessoas que têm muitos problemas, e eles estão trazendo esses problemas para nós. Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo crime. Eles são estupradores. E alguns, eu suponho, são boas pessoas.

Mas eu falo com os guardas da fronteira e eles me dizem o que estamos recebendo. E isso faz sentido. Isso faz sentido. Eles estão nos enviando as pessoas que não são certas.

Está vindo de mais do que o México. Está vindo de toda a América do Sul e da América Latina, e está vindo provavelmente – provavelmente – do Oriente Médio. Mas nós não sabemos. Porque não temos proteção e não temos competência, e não sabemos o que está acontecendo. E isso tem que acabar e tem que acabar rápido.

O terrorismo islâmico está comendo grandes porções do Oriente Médio. Eles se tornaram ricos. Eu estou competição com eles.

Eles acabaram de construir um hotel na Síria. Você pode acreditar nisso? Eles construíram um hotel. Quando eu tenho que construir um hotel, eu pago juros. Eles não têm que pagar juros, porque eles ficaram com o petróleo que, quando saímos do Iraque, eu disse que nós devíamos ter pegado.

Então agora o E.I. tem o petróleo, e o que eles não tem, o Iraque tem. E 19 – e eu vou lhes dizer isso, e eu disse isso muito intensamente – anos atrás, eu disse – e eu amo os militares, e eu quero ter os militares mais fortes que nós já tivemos, e nós precisamos disso agora mais do que nunca. Mas eu disse, “Não ataque o Iraque”, porque você vai desestabilizar completamente o Oriente Médio. O Iran vai tomar conta do Oriente Médio, o Irã e mais alguém vão ficar com o petróleo, e acabou que o Irã agora está tomando conta do Iraque. Pense nisso. O Irã está tomando conta do Iraque, e eles estão tomando conta muito bem.

Nós gastamos US\$2 trilhões no Iraque, US\$2 trilhões. Nós perdemos milhares de vidas, milhares no Iraque. Nós temos soldados feridos, que eu amo, amo – eles são ótimos – por toda parte, milhares e milhares de soldados feridos.

¹ Tradução nossa

Nós não temos nada. Nós nem podemos entrar aí. Nós não temos nada. E toda vez que damos equipamentos para o Iraque, assim que a primeira bala é disparada, eles os abandonam.

Semana passada, eu li que 2.300 Humvees – aqueles veículos grandes – foram abandonados para o inimigo. Dois mil? Você diria que talvez dois, talvez quatro? 2.300 veículos sofisticados, eles fugiram, e o inimigo os pegou.

No bimestre passado, acabou de ser anunciada nossa produção doméstica total [GDP] – um sinal de força, certo? Mas não para nós. Era menos que zero. Quem já ouviu falar nisso? Nunca é menor que zero.

Nossa taxa de participação trabalhista foi a pior desde 1978. Mas pense nisso. GDP menos que zero, taxa de participação trabalhista horrível.

E nosso desemprego real está entre 18 e 20%. Não acredite no 5,6%. Não acredite nisso.

Isso mesmo. Muita gente aqui não consegue empregos. Eles não conseguem empregos, porque não há empregos, porque a China tem nossos empregos e México tem nossos empregos. Todos eles têm empregos.

Mas o número real, o número real está em algum lugar entre 18 e 19, e talvez até 21%, e ninguém fala sobre isso, porque isso é estatística que está sem sentido.

Nossos inimigos estão ficando mais e mais fortes, aliás, e nós como país estamos ficando mais e mais fracos. Mesmo nosso arsenal nuclear não funciona.

Saiu ontem que eles têm equipamentos de 30 anos. Eles não sabem se funciona. E eu pensei que isso era horrível quando passou na televisão, porque cara, isso manda um sinal para Putin e todas aquelas outras pessoas que olham para nós e eles dizem, “Esse é um grupo de pessoas, e aquela é uma nação que realmente não sabe o que está fazendo. Eles não sabem o que eles estão fazendo. Eles não sabem o que eles estão fazendo”.

Nós temos um desastre chamado de grande mentira: Obamacare. Obamacare.

Ontem saiu que os custos estão aumentando para as pessoas 29, 39, 49 e até 55%, e as franquias estão saindo pelo teto. Você tem que ser atingido por um trator, literalmente, um trator, para usá-las, porque as franquias estão tão altas, é praticamente inútil. É praticamente inútil. É um desastre.

E lembra do site de US\$5 bilhões? Nós gastamos US\$5 bilhões em um site, e até hoje ele não funciona. Um site de US\$5 bilhões.

Eu tenho tantos websites. Eu os tenho em todos os lugares. Eu contrato gente, eles fazem um website. Me custa US\$3. Site de US\$5 bilhões.

Bem, vocês precisam de alguém, porque políticos só falam, não agem. Nada vai ser feito. Eles não vão trazer para nós – acredite em mim – a terra prometida. Eles não vão.

Como um exemplo, eu tenho estado no circuito fazendo discursos, e eu ouço meus colegas Republicanos. Eles são pessoas incríveis. Eu gosto deles. Eles todos querem que eu os apoie. Eles não sabem como fazer isso acontecer. Eles vêm ao escritório. Vou encontrar três deles na semana que vem. E eles não sabem – “Você está concorrendo? Você não está concorrendo? Nós poderíamos ter seu apoio? O que nós devemos fazer? Como fazemos isso?”.

Eu gosto deles. E eu ouço o discurso deles. Eles não falam de empregos e não falam sobre a China. Quando foi a última vez que vocês ouviram que a China está acabando conosco? Eles estão deixando a moeda deles com valor tão baixo que você não acreditaria. Isso torna impossível que nossas empresas compitam, impossível. Eles estão acabando conosco.

Mas vocês não ouvem isso de mais ninguém. Vocês não ouvem isso de mais ninguém. Eu assisto aos discursos.

Eu assisto aos discursos dessas pessoas, e eles dizem que o sol vai nascer, e a lua vai se por, e todas as coisas incríveis que vão acontecer. E as pessoas estão

dizendo “O que está acontecendo? Eu só quero um emprego. Só me dê um emprego. Eu não quero a retórica. Eu quero um emprego.”

E é isso que está acontecendo. E isso tudo vai piorar, porque, lembre, o Obamacare começa de verdade em '16, 2016. Obama vai estar lá jogando golfe. Ele pode estar em um dos meus campos. Eu poderia convidá-lo, eu poderia dizer. Eu tenho alguns dos melhores campos do mundo, então eu diria, você o que, se ele quiser – eu tenho um bem ao lado da Casa Branca, bem no Potomac. Se ele quisesse jogar, tudo bem.

Na verdade, eu adoraria que ele saísse mais cedo e jogasse, isso seria uma coisa muito boa.

Mas o Obamacare começa em 2016. É jogo grande. Ele vai ser incrivelmente destrutivo. Médicos estão desistindo. Eu tenho um amigo que é médico, e ele me disse outro dia, “Donald, eu nunca vi nada assim. Eu tenho mais contadores do que eu tenho enfermeiros. É um desastre. Meus pacientes não acreditam. Eles tinham um plano que era bom. Agora não têm plano”.

Nós temos que rejeitar o Obamacare, e ele pode ser – e – e ele pode ser substituído por alguma coisa muito melhor para todos. Deixe-o ser para todos. Mas muito melhor e muito menos caro para as pessoas e para o governo. E nós podemos fazer isso.

Então, eu assisti aos políticos. Eu lidei com eles a minha vida toda. Se você não consegue fazer um bom negócio com um político, então há algo de errado com você. Você certamente não é muito bom. E é isso que nós temos nos representando. Eles nunca vão tornar a América grandiosa de novo. Eles não têm nenhuma chance. Eles são totalmente controlados – eles são totalmente controlados pelos lobistas, pelos doadores, e pelos grupos de interesses, totalmente.

Sim, eles os controlam. Ei, eu tenho lobistas. Eu tenho que lhe contar. Eu tenho lobistas que podem fazer qualquer coisa por mim. Eles são ótimos. Mas você sabe do quê? Isso não vai acontecer. Isso não vai acontecer. Porque nós temos que parar de fazer coisas por algumas pessoas, mas por esse país, isso está destruindo nosso país. Nós temos que parar, e isso tem que parar agora.

Agora, nosso país precisa – nosso país precisa de um líder verdadeiramente grandioso, e nós precisamos de um líder verdadeiramente grandioso agora. Precisamos de um líder que escreveu “A arte do negócio”.

Nós precisamos de um líder que possa trazer de volta nossos empregos, que possa trazer de volta nossa manufatura, que possa trazer de volta nossos militares, que possa trazer de volta nossos veteranos. Nossos veteranos foram abandonados.

Também precisamos de um líder animador.

Você sabe, quando o Presidente Obama foi eleito, eu disse, “bem, a única coisa que eu acho que ele vai fazer bem. Acho que ele vai ser um ótimo líder animador para o país. Acho que ele vai ser um ótimo espírito”.

Ele era vibrante. Ele era jovem. Eu realmente pensei que ele seria um ótimo líder animador.

Ele não é um líder. Isso é verdade. Você está certo quanto a isso.

Ele não foi um líder animador. Ele na verdade é uma força negativa. Ele tem sido uma força negativa. Ele não foi um líder animador. Ele foi o oposto.

Nós precisamos de alguém que possa pegar a marca dos Estados Unidos e torná-la grandiosa novamente. Não está grandiosa novamente.

Nós precisamos – nós precisamos de alguém – nós precisamos de alguém que literalmente pegue este país e o torne grandioso novamente. Nós podemos fazer isso.

E eu vou lhes dizer, eu amo minha vida. Eu tenho uma família maravilhosa. Eles estão dizendo, “Pai, você vai fazer algo que vai ser tão difícil”.

Você sabe, a minha vida toda, eu tenho ouvido que uma pessoa de sucesso de verdade, alguém muito, muito bem sucedido não pode concorrer a um cargo público. Isso não pode acontecer. Mas é esse tipo de pensamento que você precisa para tornar este país grandioso novamente.

Então senhoras e senhores... eu estou concorrendo oficialmente... para presidente dos Estados Unidos, e nós vamos tornar nosso país grandioso novamente.

Isso pode acontecer. Nosso país tem potencial tremendo. Nós temos pessoas tremendas.

Nós temos pessoas tremendas que não estão trabalhando. Nós temos pessoas que não têm incentivo para trabalhar. Mas eles vão ter incentivo para trabalhar, porque o melhor programa social é o emprego. E eles vão ficar orgulhosos, e eles vão amar isso, e eles vão fazer muito mais do que eles já fizeram, e eles vão estar – eles vão estar muito bem, e nós vamos prosperar como um país, prosperar. Isso pode acontecer.

Eu serei o melhor presidente de empregos que Deus já criou. Isso eu posso dizer.

Eu vou trazer nossos empregos de volta da China, do México, do Japão, de muitos outros lugares. Eu vou trazer de volta nossos empregos, e vou trazer de volta nosso dinheiro.

Nesse momento, pense nisso: nós devemos à China US\$1,3 trilhões. Nós devemos ao Japão mais do que isso. Então eles vêm, levam nossos empregos, levam nosso dinheiro, e nos emprestam o dinheiro de volta, e nós pagamos a eles em juros, e o dólar sobe e o negócio deles vai ainda melhor.

Quão estúpidos são nossos líderes? Quão estúpidos são esses políticos que permitem que isso aconteça? Quão estúpidos eles são?

Eu vou lhes contar – obrigado. Eu vou lhes contar algumas histórias sobre negócios, porque eu sou totalmente contra o acordo comercial por uma série de motivos.

Número um, as pessoas negociando não entendem nada. Nosso presidente não sabe de nada. Ele é um péssimo negociador.

Foi ele quem fez Bergdahl. Nós ficamos com Bergdahl, eles ficam com cinco terroristas assassinos que todos queriam lá.

Ficamos com Bergdahl. Ficamos com um traidor. Ficamos com um traidor ruim, eles ficaram com cinco pessoas que eram procuradas há anos, e aquelas pessoas estão de volta ao campo de batalha tentando nos matar. São esses negociantes que nós temos.

Veja os negócios que ele está fazendo com o Irã. Se ele faz aquele negócio, Israel pode não existir por muito mais tempo. É um desastre, e nós temos que proteger Israel. Mas...

Então precisamos de pessoas – eu sou a favor do livre comércio. Mas o problema com o livre comércio é que você realmente precisa de pessoas talentosas para negociar por você. Se você não tem pessoas talentosas, se você não tem uma ótima liderança, se você não tem pessoas que conhecem negócios, não só um político que conseguiu o emprego porque ele fez uma contribuição para a campanha, que é a forma que todos os empregos, ou quase, são conseguidos, livre comércio terrível.

Livre comércio pode ser ótimo se você tem pessoas inteligentes, mas temos pessoas que são estúpidas. Temos pessoas que não são espertas. E temos pessoas que são controladas por segundas intenções. E isso não vai funcionar.

Então, aqui estão duas histórias que aconteceram recentemente. Um amigo meu é um ótimo fabricante. E, você sabe, a China vem aqui e despeja todas as coisas deles, e nós as compramos. Eu as compro, porque, francamente, eu tenho uma obrigação de comprá-las, porque eles jogam o valor da moeda deles para baixo de forma brilhante, e eles acabaram de fazer isso recentemente, e ninguém pensou que eles pudessem fazer de novo.

Mas com todos os nossos problemas com a Rússia, com todos os nossos problemas com tudo – tudo, eles se livram disso de novo. E é impossível para nossas pessoas aqui competirem.

Então quero lhes contar essa história. Um amigo meu, que é um ótimo fabricante, me liga duas semanas atrás. Ele está muito chateado. Eu disse: “qual é o seu problema?”

Ele disse, “Você sabe, eu sou um grande fabricante”.

E eu disse, “Eu sei. Eu sei porque eu compro o produto”.

Ele disse, “Eu não consigo entrar na China. Eles não aceitam. Eu enviei um navio para lá e eles mandaram de volta. Eles falaram sobre o meio ambiente, eles falaram sobre todo tipo de besteira que não tinha nada a ver com isso”.

Eu disse, “Ah, espera um minuto, isso é terrível. Alguém sabe disso?”

Ele disse, “Sim, eles fazem isso o tempo todo com a gente”.

Eu disse, “Eles mandam de volta?”

“Sim. Então eu finalmente mandei de volta e eles me cobraram uma grande tarifa. Eles não deveriam estar fazendo isso. Eu falei para eles.”

Agora, eles cobram tarifas sobre caminhões, quando enviamos caminhões e outras coisas para lá.

Pergunte para a Boeing. Eles queriam os segredos da Boeing. Eles queriam as patentes e todos os segredos deles antes que eles concordassem em comprar aviões da Boeing.

Ei, eu não estou dizendo que eles são estúpidos. Eu gosto da China. Eu vendo apartamentos para – eu acabei de vender um apartamento por US\$15 milhões para alguém da China. Eu deveria não gostar deles? Eu devo uma grande parte do prédio do Bank of America na Avenida da América número 1290, que eu consegui da China em uma guerra. Muito valioso.

Eu amo a China. O maior banco do mundo é da China. Você sabe onde a sede deles fica nos Estados Unidos? Neste prédio, na Torre Trump. Eu amo a China. As pessoas dizem, “Ah, você não gosta da China?”

Não, eu os amo. Mas os líderes deles são muito mais espertos que os nossos líderes, e não conseguimos nos sustentar com isso. Tem muito – é como – é como o New England Patriots e o Tom Brady jogando contra o time de futebol americano do seu colégio. Essa é a diferença entre os líderes da China e nossos líderes.

Eles estão nos roubando. Nós estamos reconstruindo a China. Nós estamos reconstruindo muitos países. A China, você vai lá agora, rodovias, pontes, escolas, você nunca viu nada assim. Eles têm pontes que fazem a ponte George Washington parecer uma coisa insignificante. E eles estão por todo lado.

Nós temos todas as cartas, mas não sabemos usá-las. Nós nem sabemos que temos as cartas, porque nossos líderes não entendem o jogo. Nós podemos fechar essa torneira ao cobrar impostos deles até que eles se comportem direito.

Agora eles estão se militarizando. Eles estão construindo uma ilha militar no meio do mar do Sul da China. Uma ilha militar. Agora, nosso país nunca poderia fazer isso porque nós teríamos que conseguir liberações ambientais, e os ambientalistas não deixariam nosso país – nós nunca poderíamos construir no oceano. Eles construíram em cerca de um ano, esse porto militar massivo.

Eles estão construindo as forças armadas deles ao ponto de ser assustador. Você tem um problema com o E.I.. Você tem um problema maior ainda com a China.

E, na minha opinião, a nova China, acreditando ou não, em termos de troca, é o México.

Então esse homem me fala da produção. Eu digo, “Essa é uma história terrível. Eu odeio escutá-la.”

Mas eu tenho outra, Ford.

Então o México pega essa empresa, uma montadora de carros que ia ser construída em Tennessee, a rouba. Todo mundo achou que o negócio estava fechado. Ela vai para lá e isso vai ser tudo, ela vai para Tennessee. Ótimo estado, ótimas pessoas.

De repente, no último momento, essa grande montadora, estrangeira, anuncia que não irá para o Tennessee. Ao invés disso, eles vão gastar seus US\$1 bilhão no México. Nada bom.

Agora, a Ford anunciou há algumas semanas que a Ford vai construir uma montadora de carros e caminhões de US\$2.5 bilhões no México. US\$2,5 bilhões. Vai ser uma das maiores do mundo. Ford. Boa empresa.

Então eu anunciei que eu estou concorrendo à presidência. Eu iria... uma das primeiras coisas que eu iria fazer, provavelmente antes de chegar – e eu nem usaria – você sabe, eu tenho – eu conheço os negociadores mais espertos do mundo. Eu conheço os bons. Eu conheço os ruins. Eu conheço os superestimados.

Tem muitos deles superestimados. Eles não são bons. Eles pensam que são. Eles têm boas histórias, porque os jornais são enganados. Mas eles não são bons.

Mas eu conheço os negociadores do mundo, e eu coloco um em cada país. Acredite em mim, pessoal. Eu vou ser muito, muito, muito bom.

Mas eu não conseguiria nem gastar meu tempo com esse. Eu iria ligar para o chefe da Ford, que eu conheço. Se eu fosse presidente, eu diria, “Parabéns. Eu entendo que você está construindo uma montadora bacana de US\$2.5 bilhões no México e que você vai levar seus carros e vendê-los para os Estados Unidos com imposto zero, é só mandar pela fronteira”.

E você diz para você mesmo, “como isso nos ajuda”, certo? Como isso nos ajuda? Onde isso está bom?”. Não está.

Então, eu diria, “Parabéns. Essa é a boa notícia. Deixe eu dar a má notícia. Cada carro e cada caminhão e cada parte produzida nessa fábrica que cruza a fronteira, nós vamos cobrar um imposto de 35%, e esse imposto vai ser pago simultaneamente com a transação, e é isso.”

Agora deixe eu contar o que vai acontecer. Se não sou eu no cargo, se é um desses políticos contra quem estamos concorrendo, você sabe, as 400 pessoas que nós (inaudível). E aqui está o que vai acontecer. Eles não são estúpidos. Eles sabem que isso não é uma boa coisa e eles podem se chatear com isso. Mas aí eles vão receber uma ligação dos doadores ou provavelmente dos lobistas da Ford e dizer “Você não pode fazer isso com a Ford, porque a Ford cuida de mim e eu cuido de você, você não pode fazer isso com a Ford”.

E adivinha? Sem problema. Eles vão construir no México. Eles vão levar milhares de empregos. Isso é muito ruim para nós.

Então com o presidente Trump, aqui está o que vai acontecer:

O chefe da Ford vai me ligar de volta, eu diria uma hora depois que eu contei a eles a má notícia. Mas pode ser que ele quisesse ser maneiro, ele vai esperar até o dia seguinte. Você sabe, eles gostam de ser um pouco maneiros.

E ele vai dizer, “Por favor, por favor, por favor”. Ele vai implorar um pouco, e eu vou dizer, “Não tenho interesse”. Aí ele vai ligar para todo tipo de políticos e eu vou dizer “Desculpe, caras. Sem interesse,” porque eu não preciso do dinheiro de ninguém. É maneiro. Eu não preciso do dinheiro de ninguém.

Eu estou usando meu próprio dinheiro. Não estou usando os lobistas. Não estou usando doadores. Eu não ligo. Eu sou muito rico. Eu (inaudível).

Aliás, eu nem estou dizendo que esse é o tipo de pensamento, o tipo de pensamento que você precisa para este país.

Então – porque nós precisamos tornar o país rico.

Parece grosseiro. Alguém disse, “ah isso é grosseiro”. Não é grosseiro.

Temos US\$18 trilhões em dívidas. Não temos nada além de problemas.

Temos uma força armada que precisa de equipamentos por todo lado. Temos armas nucleares obsoletas.

Nós não temos nada. Temos uma previdência social que vai ser destruída se alguém como eu não trouxer dinheiro para o país. Todas essas outras pessoas querem cortar tudo. Eu não quero cortar nada; eu vou trazer dinheiro e vamos salvá-la.

Mas aqui está o que vai acontecer:

Depois que 30 amigos meus que contribuíram para campanhas diferentes me ligarem, depois que todos os grupos de interesse me ligarem e os – os doadores e os lobistas – e eles têm chance zero de me convencer, zero – eu vou receber uma ligação no dia seguinte do chefe da Ford. Ele vai dizer, “Por favor reconsidere”, Eu vou dizer não.

Ele vai dizer, “Senhor presidente, decidimos mudar a montadora de volta para os Estados Unidos, nós não vamos mais construir no México”. E é isso. Eles não têm chance.

Há centenas de coisas assim. Vou lhes dar outro exemplo.

Arábia Saudita, eles ganham US\$1 bilhão por dia. Eu amo os Saudis. Muitos estão nesse prédio. Eles ganham um bilhão por dia. Sempre que eles têm problemas, nós mandamos nossos navios. Dizemos “vamos proteger”. O que estamos fazendo? Eles não têm nada além de dinheiro.

Se as pessoas certas pedissem para eles, eles pagariam a fortuna. Eles não existiriam se não fosse por nós.

E acredite em mim, você olha para a fronteira com o Irã. Você lembra do Obama há um ano. O Irã foi uma grande vitória. Duas semanas depois, o lugar estava explodido. Todo mundo saiu – e eles ficaram com nossos equipamentos.

Eles sempre ficam com nossos equipamentos. Nós deveríamos enviar equipamentos usados, certo? Eles sempre ficam com nossos equipamentos. Nós deveríamos enviar um lixo, porque, francamente, seria – nós deveríamos enviar nossas sobras. Nós sempre estamos perdendo essas coisas novas maravilhosas.

Mas veja a fronteira com o Irã. Você realmente acha que essas pessoas estão interessadas no Irã? A Arábia Saudita sem nós some. Some.

E eu sou a pessoa que fez todas as previsões corretas sobre o Iraque. Você sabe, todos esses políticos com quem estou concorrendo agora – é ótimo dizer que estou concorrendo ao invés de dizer “se eu concorrer, se eu concorrer”. Eu estou concorrendo.

Mas todos esses políticos com quem estou concorrendo agora, eles estão tentando se dissociar. Quero dizer, você viu Bush, ele levou cinco anos para responder a pergunta sobre o Iraque. Ele não conseguia responder a pergunta. Eu disse, “Ele é inteligente?”.

Aí eu olhei para o Rubio. Ele estava impossibilitado de responder a pergunta, o Iraque é uma coisa boa ou ruim? Ele não sabia. Ele não podia responder a pergunta.

Como essas pessoas vão nos liderar? Como nós vamos – como nós vamos voltar e tornar isso grandioso de novo? Nós não podemos. Eles não sabem de nada. Eles não podem nos liderar. Eles não podem. Eles não podem nem responder a perguntas simples. Foi terrível.

Mas a Arábia Saudita está em uma grande, grande encrenca. Agora, graças ao *fracking* e outras coisas, o petróleo está por toda parte. Eu costumava dizer isso, esses navios no mar, e isso era durante a pior crise, que nós estávamos carregados de petróleo, e que o cartel mantinha o preço alto, porque, de novo, eles eram mais espertos que nossos líderes. Eles eram mais espertos que nossos líderes.

Há tanta riqueza por aí que podemos tornar nosso país rico de novo, e portanto torná-lo grandioso novamente. Porque nós precisamos de dinheiro. Estamos morrendo. Estamos morrendo. Precisamos de dinheiro. Precisamos fazer isso. E precisamos das pessoas certas.

Então a Ford vai voltar. Eles todos vão voltar. E eu vou dizer essa, essa vai ser uma eleição, na minha opinião, baseada na competência.

Alguém me disse – obrigado, querida.

Alguém me disse outro dia, um repórter, um repórter bem bacana, “Mas, Senhor Trump, você não é uma pessoa bacana”.

É verdade. Mas na verdade, eu sou. Eu acho que eu sou uma pessoa bacana. As pessoas que me conhecem, gostam de mim. A minha família gosta de mim? Eu acho que sim, certo. Veja minha família. Estou orgulhoso da minha família.

Aliás, falando da minha família, Melania, Barron, Kai, Donnie, Don, Vanessa, Tiffany, Ivanka fizeram um ótimo trabalho. Ela fez um ótimo trabalho?

Ótimo. Jared, Laura e Eric. Eu sou muito orgulhoso da minha família. Eles são uma ótima família.

Então o repórter me disse outro dia, “Mas, senhor Trump, você não é uma pessoa bacana. Como você consegue que as pessoas votem em você?”

Eu disse, “Eu não sei.” Eu disse, “Eu acho que número um, eu sou uma pessoa legal. Eu dou muito dinheiro para caridades e outras coisas. Eu acho que na verdade eu sou uma pessoa muito bacana”.

Mas, eu disse, “Isso vai ser uma eleição que é baseada na competência, porque as pessoas estão cansadas dessas pessoas bacanas. E elas estão cansadas de serem roubadas por todos do mundo. E elas estão cansadas de gastar mais dinheiro em educação do que qualquer outra nação no mundo per capita, qualquer nação no mundo, nós somos os 26^{os} no mundo, 25 países são melhores que nós na educação. E alguns deles são países de terceiro mundo. Mas estamos nos tornando um país de terceiro mundo, porque a nossa infraestrutura, nossos aeroportos, nossas estradas, tudo. Então uma das coisas que eu fiz, e eu disse, você sabe o que eu vou fazer. Eu vou fazer isso. Porque muita gente disse, “Ele nunca vai concorrer. Número um, ele não quer desistir do estilo de vida dele”.

Você está certo sobre isso, mas eu estou fazendo isso.

Número dois, eu sou uma empresa particular, então ninguém sabe quanto eu valho. E uma coisa é que quando você concorre, você tem que anunciar e certificar para todo tipo de autoridade governamental o seu patrimônio líquido.

Então eu disse, “Está bem.” Eu sou orgulhoso do meu patrimônio. Eu fiz um ótimo trabalho.

Eu comecei – obrigado – eu comecei em um pequeno escritório com meu pai em Brooklyn e Queens, e meu pai disse – e eu amo meu pai. Eu aprendi tanto. Ele era um ótimo negociador. Eu aprendi tanto só de sentar aos pés dele brincando com blocos ouvindo-o negociar com seus subempreiteiros. Mas eu aprendi muito.

Mas ele costumava dizer, “Donald, não vá para Manhattan. Isso é jogo grande. Nós não sabemos nada sobre isso. Não faça isso”.

Eu disse, “Eu preciso ir para Manhattan. Eu preciso construir aqueles grandes prédios. Eu preciso fazer isso, pai. Eu preciso fazer isso”.

E depois de quatro ou cinco anos em Brooklyn, eu me aventurei em Manhattan e fiz ótimos negócios – o Grand Hyatt Hotel. Eu fui responsável pelo centro de convenções no lado Oeste. Eu fiz muitos ótimos negócios, e eu os fiz cedo e jovem. E agora eu estou construindo no mundo todo, e eu amo o que estou fazendo.

Mas eles dizem, muitos especialistas na televisão, “Bem, Donald nunca vai concorrer, e uma das maiores razões para isso é que ele é particular e ele provavelmente não é tão bem sucedido quanto todos pensam”.

Então eu disse a mim mesmo, você sabe, ninguém nunca vai saber a não ser que eu concorra, porque eu sou muito orgulhoso do meu sucesso. Eu realmente sou.

Eu já empreguei – eu já empreguei milhares de pessoas durante minha vida. Isso significa saúde. Isso significa educação. Significa tudo.

Então uma empresa grande de contabilidade e meus contadores tem trabalhado por meses porque é grande e complexo, e eles montaram uma declaração, uma declaração financeira, só um resumo. Mas tudo vai ser preenchido eventualmente com o governo, e nós não usamos extensões nem nada. Nós vamos preencher tudo no prazo. Nós não precisamos de nada.

E até foi reportado incorretamente ontem, porque eles disseram, “Ele tinha ativos de US\$9 bilhões”. Então eu disse, “Não, esse número é errado. Esse é o número errado. Sem ativos”.

Então eles montaram isso. E antes de eu dizer isso, eu tenho que dizer isso. Eu fiz da forma antiga. São bens imobiliários. Você sabe, são bens imobiliários.

É trabalho, e são sindicatos bons e alguns ruins e muitas pessoas que não estão em sindicatos, e estão por todo lado e construindo pelo mundo inteiro.

E eu tenho ativos – muitas firmas de contabilidade, e uma das mais respeitáveis, – 9 bilhões 240 milhões de dólares.

E eu tenho passivos de cerca de US\$500 milhões. São dívidas de longo termo, com taxas de juros muito baixas.

Na verdade, um dos grandes bancos veio para mim e disse, “Donald, você não tem empréstimos suficientes. Nós poderíamos emprestar US\$4 bilhões para você?” Eu disse, “Eu não preciso disso. Eu não quero. E eu já fiz isso. Eu não quero”.

Mas em dois segundos, eles dão o que eu queria. Então eu tenho um patrimônio líquido, e agora com o aumento, deve estar muito acima de US\$10 bilhões. Mas aqui, um patrimônio líquido de – patrimônio, não ativos – um patrimônio líquido, depois de toda dívida, depois de todos os custos, dos maiores ativos – Torre Trump, Avenida das Américas número 1290, o prédio do Banco da América em São Francisco, Wall Street número 40, às vezes chamado de “Prédio do Trump” bem da frente do Nova York - muitos outros lugares por todo mundo.

Então o total é US\$8.737.540,00.

Agora, eu não estou fazendo isso... Eu não estou fazendo isso para me gabar, porque você sabe o quê? Eu não tenho que me gabar. Eu não preciso, acredite ou não.

Eu estou fazendo isso para dizer que é o tipo de pensamento que nosso país precisa. Nós precisamos desse pensamento. Nós temos o pensamento oposto. Nós temos perdedores. Nós temos perdedores. Nós temos pessoas que não têm isso. Nós temos pessoas que são moralmente corruptas. Nós temos pessoas que estão vendendo esse país e o mandando ralo abaixo.

Então eu montei essa declaração, e a única razão que estou contando isso para vocês hoje é porque eu realmente quero começar logo, porque se esperarmos outros três ou quatro anos – você sabe, estamos a US\$18 trilhões agora. Logo estaremos a US\$20 trilhões.

De acordo com economistas – em quem eu não acredito muito, mas, mesmo assim, é isso que estão dizendo – que US\$24 trilhões – estamos muito perto – é o ponto sem volta. US\$24 trilhões. Nós estaremos lá logo. É quando nós nos tornamos a Grécia. É quando nos tornamos um país que não pode ser salvo. E nós vamos estar lá logo. Nós vamos estar lá logo, logo.

Então para resumir, eu faria muitas coisas muito rapidamente. Eu rejeitaria e substituiria a grande mentira, Obamacare.

Eu construiria um grande muro, e ninguém constrói muros melhor que eu, acredite em mim, e eu vou construí-lo de forma barata, eu vou construir um grande, grande muro na nossa fronteira Sul. E eu vou fazer o México pagar por esse muro.

Anote minhas palavras.

Ninguém vai ser mais duro com o E.I. do que Donald Trump. Ninguém.

Eu vou encontrar – dentro de nossas forças armadas, eu vou encontrar o General Patton ou eu vou encontrar o General MacArthur, eu vou encontrar o cara certo. Eu vou encontrar o cara que vai pegar as forças armadas e fazê-la funcionar muito bem. Ninguém, ninguém vai nos assediar.

Eu vou impedir o Irã de conseguir armas nucleares. E eu não vou usar um homem como o secretário Kerry que não entende nada de negociação, que está cometendo erros terríveis e fechando negócios dignos de risada, que está sendo enrolado enquanto eles fazem armas neste momento, e depois vai participar de uma corrida de bicicleta aos 72 anos, e cai e quebra a perna. Eu não vou fazer isso. E eu prometo que eu nunca vou estar em uma corrida de bicicleta. Isso eu posso dizer para vocês.

Eu vou imediatamente acabar com a ordem executiva ilegal do Presidente Obama sobre imigração, imediatamente.

Apoiar totalmente e suportar a Segunda Emenda.

Agora, é muito interessante. Hoje eu ouvi isso. De um jeito muito estúpido, em uma prisão *hardcore*, interessantemente chamada Clinton, dois assassinos perigosos, duas pessoas perigosas escaparam, e ninguém sabe onde eles estão. E uma mulher estava na prisão essa manhã, e ela disse, “Você sabe, senhor Trump”, e ela estava dizendo para outras pessoas, e eu na verdade liguei para ela, e ela disse, “você sabe, senhor Trump, eu sempre fui contra armas. Eu não queria armas. E agora desde que isso aconteceu” – isso é na região da prisão – “meu marido e eu finalmente entramos em acordo, porque ele queria as armas. Agora temos uma arma em cima de cada mesa. Estamos prontos para começar a atirar”.

Eu disse, “Muito interessante.”

Então protejam a Segunda Emenda.

Acabem – acabem com o Tronco Comum. O Tronco Comum – é um desastre. Bush é totalmente à favor do Tronco Comum. Eu não sei como ele possivelmente pode conseguir a nomeação. Ele é fraco com a imigração. Ele é à favor do Tronco Comum. Como raios você pode votar neste cara? Você não pode fazer isso. Nós temos que terminar educação tem que ser local.

Construa a infraestrutura do país.

Ninguém pode fazer isso como eu. Acredite em mim. Isso vai ser feito em tempo, no orçamento, abaixo do preço, muito abaixo do que qualquer pessoa já pensou.

Eu vejo as estradas sendo construídas por todo o país, e eu digo que eu posso construir essas coisas por um terço. O que eles fazem é inacreditável, é horrível.

Você sabe, estamos construindo na Avenida Pensilvânia, o Antigo Posto dos Correios, estamos convertendo-o em um dos melhores hotéis do mundo. Ele vai ser o melhor hotel em Washington, D.C.. Nós o conseguimos com a Administração Geral de Serviços em Washington. A administração de Obama. Nós o conseguimos. Ele era o mais disputado – ou um deles, mas eu acho que era o projeto mais disputado da história da General Services. Nós conseguimos. As pessoas ficaram chocadas. Trump conseguiu.

Bom, nós conseguimos por dois motivos. Número um, nós somos muito bons. Número dois, nós tínhamos um plano muito bom. E vou adicionar o terceiro, nós tínhamos uma grande declaração financeira. Porque a General Services, que são ótimas pessoas, aliás, e pessoas talentosas, eles queriam fazer um ótimo trabalho. E eles queriam ter certeza que ele seria construído.

Então nós temos que reconstruir nossa estrutura, nossas pontes, nossas estradas, nossos aeroportos. Você chega no aeroporto La Guardia, é como se estivéssemos em um país de terceiro mundo. Você olha para os remendos no chão de 40 anos. Eles jogam asfalto por cima, e eles jogam.

Você olha para os aeroportos, e somos como um país de terceiro mundo. E eu chego da China e chego do Qatar e chego de lugares diferentes, e eles têm os aeroportos mais incríveis do mundo. Você chega neste país e você tem o LAX, desastre. Você tem todos esses aeroportos desastrosos. Nós temos que reconstruir nossa infraestrutura.

Salve o Medicare, Medicaid e a Previdência Social sem cortes. Temos que fazer isso.

Livre-se da fralde. Livre-se do desperdício e do abuso, mas salve-o. As pessoas têm pago por anos. E agora muitos desses candidatos querem cortá-lo. Você o salva ao fazer os Estados Unidos, ao nos fazer ricos de novo, ao pegar de volta todo o dinheiro que está sendo perdido.

Renegocie nossos acordos comerciais estrangeiros.

Reduza nossos US\$18 trilhões em dívidas, porque acredite em mim, estamos em uma bolha. Nós temos taxas de juros artificialmente baixas. Nós temos um

mercado de ações que, francamente, tem sido bom para mim, mas eu ainda odeio ver o que está acontecendo. Temos um mercado de ações que está tão inchado.

Seja cuidadoso com a bolha porque o que você viu no passado pode ser coisa insignificante comparado com o que acontece. Então seja muito, muito cuidadoso.

E fortifique nossas forças armadas e cuide de nossos veteranos. Muito, muito importante.

Infelizmente, o sonho americano está morto.

Mas se eu for eleito presidente eu posso trazê-lo de volta maior e melhor do que nunca antes, e vamos tornar a América grandiosa novamente.

Obrigado. Muito obrigado.

ANEXO C

Aceite da nomeação do Partido Republicano

Friends, delegates and fellow Americans: I humbly and gratefully accept your nomination for the presidency of the United States.

Who would have believed that when we started this journey on June 16, last year, we — I say we because we are a team — would have received almost 14 million votes, the most in the history of the Republican party?

And that the Republican Party would get 60 percent more votes than it received eight years ago. Who would have believed it? The Democrats on the other hand, received 20 percent fewer votes than they got four years ago, not so good.

Together, we will lead our party back to the White House, and we will lead our country back to safety, prosperity, and peace. We will be a country of generosity and warmth. But we will also be a country of law and order.

Our convention occurs at a moment of crisis for our nation. The attacks on our police, and the terrorism in our cities, threaten our very way of life. Any politician who does not grasp this danger is not fit to lead our country.

Americans watching this address tonight have seen the recent images of violence in our streets and the chaos in our communities. Many have witnessed this violence personally. Some have even been its victims.

I have a message for all of you: The crime and violence that today afflicts our nation will soon — and I mean very soon come to an end. Beginning on January 20th 2017, safety will be restored.

The most basic duty of government is to defend the lives of its citizens. Any government that fails to do so is a government unworthy to lead. It is finally time for a straightforward assessment of the state of our nation. I will present the facts plainly and honestly. We cannot afford to be so politically correct anymore.

So if you want to hear the corporate spin, the carefully-crafted lies, and the media myths — the Democrats are holding their convention next week. Go there.

But here, at our convention, there will be no lies. We will honor the American people with the truth, and nothing else.

These are the facts: decades of progress made in bringing down crime are now being reversed by this administration's rollback of criminal enforcement. Homicides last year increased by 17% in America's fifty largest cities. That's the largest increase in 25 years. In our nation's capital, killings have risen by 50 percent. They are up nearly 60 percent in nearby Baltimore. In the president's hometown of Chicago, more than 2,000 have been the victims of shootings this year alone. And almost 4,000 have been killed in the Chicago area since he took office. The number of police officers killed in the line of duty has risen by almost 50 percent compared to this point last year.

Nearly 180,000 illegal immigrants with criminal records, ordered deported from our country, are tonight roaming free to threaten peaceful citizens. The number of new illegal immigrant families who have crossed the border so far this year already exceeds the entire total of 2015. They are being released by the tens of thousands into our communities with no regard for the impact on public safety or resources.

One such border-crosser was released and made his way to Nebraska. There, he ended the life of an innocent young girl named Sarah Root. She was 21 years old and was killed the day after graduating from college with a 4.0 grade point average. Her killer was then released a second time, and he is now a fugitive from the law. I've met Sarah's beautiful family. But to this administration, their amazing daughter was just one more American life that wasn't worth protecting. One more child to sacrifice on the altar of open borders.

What about our economy? Again, I will tell you the plain facts that have been edited out of your nightly news and your morning newspaper: nearly four in 10 African-American children are living in poverty, while 58% of African-American youth are now not

employed. 2 million more Latinos are in poverty today than when the president took his oath of office eight years ago. Another 14 million people have left the workforce entirely. Household incomes are down more than \$4,000 since the year 2000. That is 16 years ago.

Our trade deficit in goods reached — think of this — our trade deficit is \$800 hundred billion dollars. Think of that. \$800 billion last year alone. We will fix that.

The budget is no better. President Obama has almost doubled our national debt to more than \$19 trillion, and growing.

Yet, what do we have to show for it? Our roads and bridges are falling apart, our airports are in third world condition, and 43 million Americans are on food stamps.

Now let us consider the state of affairs abroad. Not only have our citizens endured domestic disaster, but they have lived through one international humiliation after another. One after another.

We all remember the images of our sailors being forced to their knees by their Iranian captors at gunpoint. This was just prior to the signing of the Iran deal, which gave back to Iran \$150 billion and gave us absolutely nothing. It will go down in history as one of the worst deals ever negotiated.

Another humiliation came when President Obama drew a red line in Syria and the whole world knew it meant absolutely nothing.

In Libya, our consulate, the symbol of American prestige around the globe was brought down in flames.

America is far less safe and the world is far less stable than when Obama made the decision to put Hillary Clinton in charge of America's foreign policy. I am certain it is a decision he truly regrets.

Her bad instincts and her bad judgment, something pointed out by Bernie Sanders are what caused the disasters unfolding today. Let's review the record.

In 2009, pre-Hillary, ISIS was not even on the map. Libya was stable. Egypt was peaceful. Iraq had seen a big reduction in violence. Iran was being choked by sanctions. Syria was somewhat under control.

After four years of Hillary Clinton, what do we have? ISIS has spread across the region and the entire world. Libya is in ruins, and our ambassador and his staff were left helpless to die at the hands of savage killers. Egypt was turned over to the radical Muslim Brotherhood, forcing the military to retake control. Iraq is in chaos. Iran is on the path to nuclear weapons. Syria is engulfed in a civil war and a refugee crisis that now threatens the West. After 15 years of wars in the Middle East, after trillions of dollars spent and thousands of lives lost, the situation is worse than it has ever been before.

This is the legacy of Hillary Clinton: Death, destruction and terrorism and weakness.

But Hillary Clinton's legacy does not have to be America's legacy. The problems we face now — poverty and violence at home, war and destruction abroad — will last only as long as we continue relying on the same politicians who created them. A change in leadership is required to produce a change in outcomes.

Tonight, I will share with you for action for America. The most important difference between our plan and that of our opponents, is that our plan will put America first. Americanism, not globalism, will be our credo.

As long as we are led by politicians who will not put America first, then we can be assured that other nations will not treat America with respect. The respect that we deserve. The American people will come first once again.

First, my plan will begin with safety at home which means safe neighborhoods, secure borders, and protection from terrorism. There can be no prosperity without law and order.

On the economy, I will outline reforms to add millions of new jobs and trillions in new wealth that can be used to rebuild America.

A number of these reforms that I will outline tonight will be opposed by some of our nation's most powerful special interests. That is because these interests have

rigged our political and economic system for their exclusive benefit. Believe me. It is for their benefit. For their benefit.

Big business, elite media and major donors are lining up behind the campaign of my opponent because they know she will keep our rigged system in place. They are throwing money at her because they have total control over every single thing she does. She is their puppet, and they pull the strings. That is why Hillary Clinton's message is that things will never change. Never ever.

My message is that things have to change and they have to change right now. Every day I wake up determined to deliver a better life for the people all across this nation that had been ignored, neglected and abandoned.

I have visited the laid-off factory workers, and the communities crushed by our horrible and unfair trade deals. These are the forgotten men and women of our country, and they are forgotten, but they will not be forgotten long. These are people who work hard but no longer have a voice. I am your voice.

I have embraced crying mothers who have lost their children because our politicians put their personal agendas before the national good.

I have no patience for injustice. No tolerance for government incompetence. When innocent people suffer, because our political system lacks the will, or the courage, or the basic decency to enforce our laws, or worse still, has sold out to some corporate lobbyist for cash I am not able to look the other way. And I won't look the other way.

And when a Secretary of State illegally stores her emails on a private server, deletes 33,000 of them so the authorities can't see her crime, puts our country at risk, lies about it in every different form and faces no consequence — I know that corruption has reached a level like never ever before in our country.

When the FBI director says that the Secretary of State was "extremely careless" and "negligent" in handling our classified secrets, I also know that these terms are minor compared to what she actually did. They were just used to save her from facing justice for her terrible, terrible crimes.

In fact, her single greatest accomplishment may be committing such an egregious crime and getting away with it, especially when others who have been far less have paid so dearly.

When that same Secretary of State rakes in millions of dollars trading access and favors to special interests and foreign powers, I know the time for action has come.

I have joined the political arena so that the powerful can no longer beat up on people that cannot defend themselves.

Nobody knows the system better than me, which is why I alone can fix it. I have seen firsthand how the system is rigged against our citizens, just like it was rigged against Bernie Sanders. He never had a chance.

But his supporters will join our movement, because we will fix his biggest issue: Trade deals that strip our country of jobs and the distribution of wealth in the country.

Millions of Democrats will join our movement, because we are going to fix the system so it works fairly and justly for each and every American.

In this cause, I am proud to have at my side the next Vice President of the United States: Governor Mike Pence of Indiana. And a great guy. We will bring the same economic success to America that Mike brought Indiana, which is amazing. He is a man of character and accomplishment. He is the right man for the job.

The first task for our new administration will be to liberate our citizens from the crime and terrorism and lawlessness that threatens their — our communities.

America was shocked to its core when our police officers in Dallas were so brutally executed. Immediately after Dallas, we have seen continued threats and violence against our law enforcement officials. Law officers have been shot or killed in recent days in Georgia, Missouri, Wisconsin, Kansas, Michigan and Tennessee.

On Sunday, more police were gunned down in Baton Rouge, Louisiana. Three were killed, and three were very badly injured. An attack on law enforcement is an attack on all Americans.

I have a message to every last person threatening the peace on our streets and the safety of our police: When I take the oath of office next year, I will restore law and order to our country.

I will work with, and appoint, the best prosecutors and law enforcement officials in the country to get the job properly done. In this race for the White House, I am the law and order candidate.

The irresponsible rhetoric of our president, who has used the pulpit of the presidency to divide us by race and color, has made America a more dangerous environment than frankly, I have ever seen and anybody in this room has ever watched or seeing.

This administration has failed America's inner cities. Remember, it has failed America's inner cities. It's failed them on education. It's failed them on jobs. It's failed them on crime. It's failed them in every way and on every single level.

When I am president, I will work to ensure that all of our kids are treated equally, and protected equally. Every action I take, I will ask myself: Does this make life better for young Americans in Baltimore, Chicago, Detroit, and Ferguson who have really come in every way, have the same right to live out their dreams as any other child in America?

To make life safe in America, we must also address the growing threats from outside the country. We are going to defeat the barbarians of ISIS. And we are going to defeat them bad.

Once again, France is the victim of brutal Islamic terrorism. Men, women and children viciously mowed down. Lives ruined. Families ripped apart. A nation in mourning. The damage and devastation that can be inflicted by Islamic radicals has been proven over and over. At the World Trade Center, at an office party in San Bernardino, at the Boston Marathon, and a military recruiting center in Chattanooga, Tennessee. And many other locations.

Only weeks ago, in Orlando, Florida, 49 wonderful Americans were savagely murdered by an Islamic terrorist. This time, the terrorist targeted LGBTQ community.

No good. And we're going to stop it. As your president, I will do everything in my power to protect our LGBTQ citizens from the violence and oppression of a hateful foreign ideology. Believe me. And I have to say as a Republican, it is so nice to hear you cheering for what I just said. Thank you.

To protect us from terrorism, we need to focus on three things.

We must have the best, absolutely the best, gathering of intelligence anywhere in the world. The best.

We must abandon the failed policy of nation- building and regime change that Hillary Clinton pushed in Iraq, Libya, in Egypt, and Syria.

Instead, we must work with all of our allies who share our goal of destroying ISIS and stamping out Islamic terrorism and doing it now, doing it quickly. We're going to win. We're going to win fast. This includes working with our greatest ally in the region, the state of Israel.

Recently I have said that NATO was obsolete. Because it did not properly cover terror. And also that many of the member countries were not paying their fair share. As usual, the United States has been picking up the cost. Shortly thereafter, it was announced that NATO will be setting up a new program in order to combat terrorism. A true step in the right direction.

Lastly, and very importantly, we must immediately suspend immigration from any nation that has been compromised by terrorism until such time as proven vetting mechanisms have been put in place. We don't want them in our country.

My opponent has called for a radical 550 percent increase — think of this, this is not believable, but this is what is happening — a 550 percent increase in Syrian refugees on top of existing massive refugee flows coming into our country already under the leadership of president Obama.

She proposes this despite the fact that there's no way to screen these refugees in order to find out who they are or where they come from. I only want to admit individuals into our country who will support our values and love our people. Anyone who endorses violence, hatred or oppression is not welcome in our country and never ever will be.

Decades of record immigration have produced lower wages and higher unemployment for our citizens, especially for African-American and Latino workers. We are going to have an immigration system that works, but one that works for the American people.

On Monday, we heard from three parents whose children were killed by illegal immigrants: Mary Ann Mendoza, Sabine Durden, and my friend Jamiel Shaw. They are just three brave representatives of many thousands who have suffered so greatly.

Of all my travels in this country, nothing has affected me more, nothing even close than the time I have spent with the mothers and fathers who have lost their children to violence spilling across our borders, which we can solve. We have to solve it. These families have no special interests to represent them. There are no demonstrators to protect them and none too protest on their behalf.

My opponent will never meet with them, or share in their pain. Believe me. Instead, my opponent wants sanctuary cities. But where was sanctuary for Kate Steinle? Where was sanctuary for the children of Mary Ann, Sabine and Jamiel? Is so sad to even be talking about this. We can solve it so quickly. Where was sanctuary for all the other Americans who have been so brutally murdered, and who have suffered so horribly? These wounded American families have been alone. But they are not alone any longer.

Tonight, this candidate and this whole nation stand in their corner to support them, to send them our love, and to pledge in their honor that we will save countless more families from suffering the same awful fate.

We are going to build a great border wall to stop illegal immigration, to stop the gangs and the violence, and to stop the drugs from pouring into our communities.

I have been honored to receive the endorsement of America's Border Patrol agents, and will work directly with them to protect the integrity of our lawful, lawful, immigration system.

By ending catch-and-release on the border, we will stop the cycle of human smuggling and violence. Illegal border crossings will go down. We will stop it. It will not be happening very much anymore. Believe me.

Peace will be restored by enforcing the rules for the millions who overstay their visas, our laws will finally receive the respect they deserve.

Tonight, I want every American whose demands for immigration security have been denied and every politician who has denied them to listen very closely to the words I am about to say: On January 20 of 2017, the day I take the oath of office, Americans will finally wake up in a country where the laws of the United States are enforced.

We are going to be considerate and compassionate to everyone. But my greatest compassion will be for our own struggling citizens.

My plan is the exact opposite of the radical and dangerous immigration policy of Hillary Clinton. Americans want relief from uncontrolled immigration. Which is what we have now. Communities want relief. Yet Hillary Clinton is proposing mass amnesty, mass immigration, and mass lawlessness.

Her plan will overwhelm your schools and hospitals, further reduce your jobs and wages, and make it harder for recent immigrants to escape from the tremendous cycle of poverty they are going through right now and make it almost impossible for them to join the middle class.

I have a different vision for our workers. It begins with a new, fair trade policy that protects our jobs and stands up to countries that cheat — of which there are many.

It's been a signature message of my campaign from day one, and it will be a signature feature of my presidency from the moment I take the oath of office. I have made billions of dollars in business making deals. Now I'm going to make our country rich again. Using the greatest businesspeople of the world, I'm going to turn our bad trade agreements into great trade agreements.

America has lost nearly-one third of its manufacturing jobs since 1997, following the enactment of disastrous trade deals supported by bill and Hillary Clinton. Remember, it was Bill Clinton who signed NAFTA, one of the worst economic deals ever made by our country. Or frankly, any other country. Never ever again.

I am going to bring our jobs back our jobs to Ohio and Pennsylvania and New York and Michigan and all of America and I am not going to let companies move to other countries, firing their employees along the way, without consequences. Not going to happen anymore.

My opponent, on the other hand, has supported virtually every trade agreement that has been destroying our middle class. She supported NAFTA, and she supported China's entrance into the world trade organization. Another one of her husband's colossal mistakes and disasters. She supported the job killing trade deal with South Korea. She supported the Trans-Pacific Partnership which will not only destroy our manufacturing but it will make America subject to the rulings of foreign governments. And it is not going to happen.

I pledge to never sign any trade agreement that hurts our workers, or that diminishes our freedom and Independence. We will never ever sign bad trade deals. America first again. American first.

Instead, I will make individual deals with individual countries. No longer will we enter into these massive transactions with many countries that are thousands of pages long and which no one from our country even reads or understands. We are going to enforce all trade violations against any country that cheats. This includes stopping China's outrageous theft of intellectual property, along with their illegal product dumping, and their devastating currency manipulation. They are the greatest that ever came about, they are the greatest currently manipulators ever.

Our horrible trade agreements with China, and many others, will be totally renegotiated. That includes renegotiating NAFTA to get a much better deal for America and will walk away if we don't get that kind of a deal. Our country is going to start building and making things again.

Next comes the reform of our tax laws, regulations and energy rules. While Hillary Clinton plans a massive, and I mean massive, tax increase, I have proposed the largest tax reduction of any candidate who has run for president this year, Democrat or Republican. Middle-income Americans will experience profound relief, and taxes will be greatly simplified for everyone. I mean everyone.

America is one of the highest-taxed nations in the world. Reducing taxes will cause new companies and new jobs to come roaring back into our country. Believe me. It will happen and it will happen fast.

Then we are going to deal with the issue of regulation, one of the greatest job killers of them all. Excessive regulation is costing our country as much as \$2 trillion a year, and we will end and it very quickly. We are going to lift the restrictions on the production of American energy. This will produce more than \$20 trillion in job-creating economic activity over the next four decades.

My opponent, on the other hand, wants to put the great miners and steelworkers of our country out of work and out of business. That will never happen with Donald J Trump as president. Our steelworkers and are miners are going back to work again.

With these new economic policies, trillions of dollars will start flowing into our country. This new wealth will improve the quality of life for all Americans. We will build the roads, highways, bridges, tunnels, airports, and the railways of our tomorrow. This, in turn, will create millions of more jobs.

We will rescue kids from failing schools by helping their parents send them to a safe school of their choice. My opponent would rather protect education bureaucrats than serve American children. That is what she is doing and that is what she has done.

We will repeal and replace disastrous Obamacare. You will be able to choose your own doctor again.

And we will fix TSA at the airports, which is a total disaster. Thank you.

We are going to work with all of our students who are drowning in debt to take the pressure off these young people just starting out in their adult lives. Tremendous problems.

We will completely rebuild our depleted military. And the countries that we protecting at a massive cost to us will be asked to pay their fair share.

We will take care of our great veterans like they have never been taken care of before. My just-released 10 point plan has received tremendous better support. We will guarantee those who serve this country will be able to visit the doctor or hospital of their choice without waiting five days in a line and dying.

My opponent dismissed the VA scandal, one more sign of how out of touch she really is.

We are going to ask every department head and government to provide a list of wasteful spending projects that we can eliminate in my first 100 days. The politicians have talked about this for years, but I'm going to do it.

We are also going to appoint justices to the United States Supreme Court who will uphold our laws and our constitution. The replacement of our beloved Justice Scalia will be a person of similar views, principles and judicial philosophies. Very important. This will be one of the most important issues decided by this election.

My opponent wants to essentially abolish the 2nd Amendment. I, on the other hand, received the early and strong endorsement of the National Rifle Association. And will protect the right of all Americans to keep their families safe.

At this moment, I would like to thank the evangelical community because, I will tell you what, the support they have given me — and I'm not sure I totally deserve it — has been so amazing. And has been such a big reason I'm here tonight. They have much to contribute to our policies.

Yet our laws prevent you from speaking your mind from your own pulpits. An amendment, pushed by Lyndon Johnson, many years ago, threatens religious institutions with a loss of their tax-exempt status if they openly advocate their political views. Their voice has been taken away. I will work hard to repeal that language and to protect free speech for all Americans.

We can accomplish these great things and so much more. All we need to do is start believing in ourselves a in our country again. Start believing. It is time to show the whole world that America is back, bigger and better and stronger than ever before.

In this journey, I'm so lucky to have at my side my wife Melania and my wonderful children Don, Ivanka, Eric, Tiffany, and Barron: You will always be my greatest source of pride and joy. And by the way, Melania and Ivanka, did they do a job?

My dad, Fred Trump, was the smartest and hardest working man I ever knew. I wonder sometimes what he'd say if he were here to see this tonight. It's because of him that I learned, from my youngest age, to respect the dignity of work and the dignity of working people.

He was a guy most comfortable in the company of bricklayers, carpenters, and electricians and I have a lot of that in me also. I love those people.

Then there's my mother, Mary. She was strong, but also warm and fair-minded. She was a truly great mother. She was also one of the most honest and charitable people I have ever known, and a great, great judge of character. She could pick them out from anywhere.

To my sisters, Mary Anne and Elizabeth, my brother Robert and my late brother Fred, I will always give you my love. You are most special to me. I have loved my life in business.

But now, my sole and exclusive mission is to go to work for our country, to go to work for you. It is time to deliver a victory for the American people. We don't win anymore, but we are going to start winning again. But to do that, we must break free from the petty politics of the past.

America is a nation of believers, dreamers, and strivers that is being led by a group of censors, critics, and cynics. Remember: All of the people telling you you can't have the country you want, are the same people, that would not stand, I mean they said Trump does not have a chance of being here tonight, not a chance, the same people. We love defeating those people, don't we? Love it.

No longer can we rely on those same people. In the media and politics who, will say anything to keep a rigged system in place. Instead, we must choose to believe in America.

History is watching us now. It's we don't have much time. We don't have much time. It's waiting to see if we will rise to the occasion, and if we will show the whole world that America is still free and independent and strong.

I am asking for your support tonight so that I can be year champion in the White House. And I will be a champion. Your champion.

My opponent asks her supporters to recite a three-word loyalty pledge. It reads: "I'm with her."

I choose to recite a different pledge. My pledge reads: "I'm with you the American people."

I am your voice. So to every parent who dreams for their child, and every child who dreams for their future, I say these words to you tonight: I'm with you, and I will fight for you, and I will win for you.

To all Americans tonight, in all our cities and towns, I make this promise:

We will make America strong again.

We will make America proud again.

We will make America safe again.

And we will make America great again!

God bless you and goodnight! I love you!

ANEXO D

Tradução do aceite de nomeação do partido republicano²

Amigos, delegados e companheiros americanos: eu humilde e gratamente aceito sua nomeação para a presidência dos Estados Unidos.

Quem teria acreditado que quando começamos essa jornada no dia 16 de junho, do ano passado, nós – e eu digo isso porque somos uma equipe – teríamos recebido quase 14 milhões de votos, o maior número na história do Partido Republicano?

E que o Partido Republicano conseguiria 60% mais votos do que recebeu oito anos atrás. Quem teria acreditado? Os democratas, por outro lado, receberam 20% menos votos do que eles conseguiram quatro anos atrás, nada bom.

Juntos, vamos liderar nosso partido de volta para a Casa Branca, e vamos liderar nosso país de volta para a segurança. Nós vamos ser um país de generosidade e cordialidade. Mas também vamos ser um país de lei e ordem.

Nossa convenção acontece em um momento de crise para nossa nação. Os ataques em nossa polícia, e o terrorismo em nossas cidades, ameaçam nosso modo de vida. Qualquer político que não perceba este perigo não serve para liderar nosso país.

Americanos que estão assistindo a este comunicado nesta noite viram as imagens recentes de violência em nossas ruas e o caos em nossas comunidades. Muitos têm testemunhado essa violência pessoalmente. Alguns tem sido suas vítimas.

Eu tenho uma mensagem para todos vocês: o crime e a violência que hoje afligem nossa nação vai logo – e eu quero dizer muito em breve – terminar. Começando no dia 20 de janeiro de 2017, a segurança será reestabelecida.

A obrigação mais básica do governo é defender as vidas de seus cidadãos. Qualquer governo que falhe ao fazer isso é um governo que é indigno para liderar.

Finalmente é hora de uma avaliação direta do estado da nossa nação. Eu vou apresentar os fatos de forma simples e honesta. Nós não podemos mais nos permitir ser tão politicamente corretos.

Então se você quer ouvir a versão corporativa, as mentiras cuidadosamente criadas, e os mitos da mídia – os Democratas estão realizando a convenção deles na semana que vem. Vá lá.

Mas aqui, na nossa convenção, não haverá mentiras. Nós vamos honrar o povo americano com a verdade, e nada mais.

Aqui estão os fatos: décadas de progresso feitos para reduzir o crime agora estão sendo revertidos por essa falta de aplicação da lei deste governo. Homicídios no último ano aumentaram 17% nas 50 maiores cidades da América. Este é o maior aumento em 25 anos. Na capital de nossa nação, as mortes aumentaram em 50%. Elas estão 60% maiores na região de Baltimore. Na cidade de Chicago onde fica o lar do presidente, mais de dois mil foram vítimas de tiroteios apenas neste ano. E quase quatro mil foram mortos na área de Chicago desde que ele assumiu. O número de policiais mortos em ação aumentou em quase 50% comparado com este ponto no ano passado.

Quase 180 mil imigrantes ilegais com registros criminais condenados a serem deportados do nosso país estão nesta noite andando livres para ameaçar nossos cidadãos pacíficos. Eles estão sendo liberados aos milhares em nossas comunidades sem respeito pelo impacto na segurança pública ou recursos.

Um desses atravessadores de fronteiras foi liberado e foi até Nebraska. Lá, ele acabou com a vida de uma garota inocente chamada Sarah Root. Ela tinha 21 anos e foi morta um dia depois de se formar na faculdade com média de 4.0 pontos. O assassino dela depois foi libertado uma segunda vez, e agora ele é um fugitivo da lei. Eu conheci a bela família de Sarah. Mas para este governo, a incrível filha deles era apenas mais uma vida americana que não valia a pena ser protegida. Mais uma criança para sacrificar no altar das fronteiras abertas.

² Tradução nossa

E quanto à nossa economia? De novo, eu vou te contar fatos simples que foram retirados do seu noticiário da noite e do seu jornal da manhã: quase quatro em cada 10 crianças afro-americanas estão vivendo na pobreza, enquanto 58% da juventude afro-americana atualmente não está empregada. Mais 2 milhões de latinos estão na pobreza hoje do que quando o presidente fez seu juramento há oito anos. Outras 14 milhões de pessoas deixaram completamente a força de trabalho. A renda de lares está US\$4 mil menor do que no ano 2000. Isso foi 16 anos atrás.

Nosso déficit de trocas comerciais de produtos – pense nisso – nosso déficit está em US\$800 bilhões de dólares. Pense nisso. US\$800 bilhões apenas no ano passado. Precisamos consertar isso.

Nosso orçamento não está melhor. O Presidente Obama quase dobrou nossa dívida nacional para mais de 19 trilhões, e crescendo.

E o que temos para mostrar? Nossas estradas e pontes estão caindo aos pedaços, nossos aeroportos estão em condições de países de terceiro mundo, e 43 milhões de americanos estão usando cupons de alimentos.

Agora nos deixe considerar o estado dos negócios externos. Nossos cidadãos não apenas sofrem desastre doméstico, mas eles têm passado por humilhação internacional atrás da outra. Uma atrás da outra.

Todos nós lembramos das imagens de nossos marinheiros sendo forçados a ficarem de joelhos pelos seus captores iranianos com armas apontadas para eles. Isso foi logo antes da assinatura do acordo nuclear com o Irã, que devolveu a Irã US\$150 bilhões que não nos renderam absolutamente nada. Ele vai acabar na história como um dos piores acordos já negociados.

Outra humilhação veio quando o Presidente Obama traçou uma linha vermelha na Síria e o mundo todo viu que ela não significava nada.

Na Líbia, nosso consulado, o símbolo do prestígio americano ao redor do mundo, foi destruído em chamas.

A América está muito menos segura e o mundo está muito menos estável do que quando Obama tomou a decisão de colocar Hillary Clinton no comando da política externa americana. Eu estou certo de que essa é uma decisão que ele se arrepende verdadeiramente.

Os instintos ruins dela e o julgamento ruim dela, algo apontado por Bernie Sanders, são o que causaram os desastres que estão se desenrolando hoje. Vamos rever o registro.

Em 2009, pré-Hillary, o E.I. nem estava no mapa. A Líbia estava estável. O Egito estava pacífico. O Iraque via uma grande redução na violência. O Irã estava afogado em sanções. A Síria estava de certa forma sob controle.

Depois de quatro anos de Hillary Clinton, o que nós temos? O E.I. se espalhou pela região e pelo mundo inteiro. A Líbia está em ruínas, e nosso embaixador e seus funcionários foram deixados desamparados para morrer nas mãos de assassinos selvagens. O Egito foi entregue para a radical Irmandade Muçulmana, forçando os militares e retomar o controle. O Iraque está um caos. O Irã está no caminho para as armas nucleares. A Síria está mergulhada em uma guerra civil e uma crise de refugiados que agora ameaça o Ocidente. Depois de 15 anos de guerras no Oriente Médio, depois de trilhões de dólares gastos e milhares de vidas perdidas, a situação é pior do que nunca.

Este é o legado de Hillary Clinton: morte, destruição e terrorismo e fraqueza.

Mas o legado de Hillary Clinton não tem que ser o legado da América. Os problemas que nós encontramos agora – pobreza e violência em casa, guerra e destruição no exterior – vai durar enquanto nós continuarmos dependendo dos mesmos políticos que os criaram. Uma mudança na liderança é necessária para produzir a mudança nos resultados.

Nesta noite, eu vou compartilhar com você a ação para a América. A diferença mais importante entre o nosso plano e o dos nossos oponentes é que o nosso

plano vai colocar a América em primeiro lugar. Americanismo, não globalismo, será o nosso credo.

Enquanto nós formos liderados por políticos que não vão colocar a América em primeiro lugar, então nós podemos confiar que outras nações não vão tratar a América com respeito. O respeito que nós merecemos. O povo americano virá em primeiro lugar novamente.

Primeiro, meu plano vai começar com segurança em casa, que significa vizinhanças seguras, fronteiras seguras, e proteção de terroristas. Não pode haver prosperidade sem lei e ordem.

Na economia, eu vou esboçar reformas para acrescentar milhões de novos empregos e trilhões em nova riqueza que pode ser usada para reconstruir a América.

Um número dessas reformas que eu vou esboçar hoje será oposto por alguns dos grupos de interesses da nossa nação. Isso acontece porque esses interesses manipularam nosso sistema político e econômico para seus benefícios exclusivos. Acredite em mim. Isso é para o benefício deles. Para o benefício deles.

Grandes negócios, a grande mídia e grandes doadores estão alinhados atrás da campanha da minha oponente porque eles sabem que ela vai manter nosso sistema manipulado no lugar. Eles estão jogando dinheiro nela porque eles têm total controle sobre todas as mínimas coisas que ela faz. Ela é a marionete deles, e eles vão puxar os fios. É por isso que a mensagem de Hillary Clinton é que as coisas nunca vão mudar. Nunca, jamais.

Minha mensagem é que as coisas têm que mudar e que elas têm que mudar agora mesmo. Cada dia eu acordo determinado a entregar uma vida melhor para as pessoas dessa nação que têm sido ignoradas, negligenciadas e abandonadas.

Eu tenho visitado trabalhadores de fábricas demitidos, e as comunidades esmagadas pelos nossos injustos tratados comerciais. Esses são os homens e mulheres de nosso país, e eles estão esquecidos, mas não vão ficar esquecidos por muito tempo. Essas são pessoas que trabalham duro mas que não tem mais uma voz. Eu sou a sua voz.

Eu tenho abraçado mães que choram porque perderam seus filhos porque nossos políticos colocam seus interesses pessoais antes do bem nacional.

Eu não tenho paciência para injustiça. Nada de tolerância para a incompetência de governantes. Quando pessoas inocentes sofrem porque nosso sistema político não tem vontade, ou coragem, ou a decência básica de aplicar nossas leis, ou ainda pior, se vendeu para lobistas de empresas por dinheiro, eu não sou capaz de olhar para o outro lado. E eu não vou olhar para o outro lado.

E quando a Secretária de Estado ilegalmente armazena os e-mails dela em servidores particulares, deleta 33 mil deles para que as autoridades não vejam o crime dela, coloca nosso país em risco, mente sobre isso de toda forma diferente e não encara nenhuma consequência – eu sei que a corrupção alcançou um nível como nenhum outro antes em nosso país.

Quando o diretor de FBI diz que a Secretária de Estado foi “extremamente descuidada” e “negligente” ao manusear nossos segredos classificados, eu também sei que esses termos são pequenos quando comparado com o que ela realmente fez. Eles só foram usados para salvá-la de encarar a justiça por seus terríveis, terríveis crimes.

Na verdade, a única grande realização dela pode ter sido cometer um escandaloso crime e se livrado dele, especialmente quando outros que foram muito menos longe pagaram muito mais.

Quando esta mesma Secretária de Estado acumula milhares de dólares em acesso e favores a grupos de interesse e poderes estrangeiros, eu sei que o tempo para agir chegou.

Eu me uni à arena política para que os poderosos não possam mais bater em pessoas que não podem se defender.

Ninguém conhece o sistema melhor que eu, portanto apenas eu posso consertá-lo. Eu vi em primeira mão como o sistema é manipulado contra nossos cidadãos, da mesma forma que foi manipulado contra Bernie Sanders. Ele nunca teve uma chance.

Mas os apoiadores dele vão apoiar nosso movimento, porque nós vamos consertar seu pior problema: acordos comerciais que arrancam empregos e a distribuição de riqueza em nosso país.

Milhões de Democratas vão se unir ao nosso movimento, porque nós vamos consertar o sistema para que ele funcione justamente para cada e todo americano.

Nesta causa, eu tenho orgulho em ter ao meu lado o próximo vice-presidente dos Estados Unidos: governador Mike Pence de Indiana. É um ótimo cara. Nós vamos trazer o mesmo sucesso econômico para a América que Mike trouxe para Indiana, que é incrível. Ele é um homem de caráter e realizações. Ele é o homem certo para o trabalho.

A primeira tarefa do nosso novo governo será liberar nossos cidadãos do crime e terrorismo e falta de lei que ameaçam as vizinhanças deles – as nossas.

A América ficou chocada até o centro quando policiais de Denver foram tão brutalmente executados. Imediatamente depois de Dallas, nós vimos ameaças continuadas e violências contra nossos policiais. Policiais têm sido atingidos ou mortos em dias recentes na Georgia, Missouri, Wisconsin, Kansas, Michigan e Tennessee.

No domingo, mais policiais foram abatidos em Baton Rouge, Louisiana. Três foram mortos, e três foram muito feridos. Um ataque a um policial é um ataque a todos os americanos.

Eu tenho uma mensagem para todas as pessoas ameaçando a paz em nossas ruas e a segurança de nossa polícia: quando eu fizer o juramento da presidência no ano que vem, vou restaurar a lei e ordem em nosso país.

Eu vou trabalhar com, e delegar, os melhores promotores e policiais para cumprirem o trabalho de forma correta. Nesta corrida pela Casa Branca, eu sou o candidato da lei e ordem.

A retórica irresponsável de nosso presidente, que usou o púlpito da presidência para nos dividir em raça e cor, tem tornado a América um ambiente mais perigoso do que, francamente, eu já vi e que qualquer um nesta sala já assistiu ou viu.

Este governo falhou nas cidades do interior dos EUA. Lembre-se, ele falhou nas cidades do interior. Ele falhou na educação. Ele falhou com eles nos empregos. Ele falhou com eles nos crimes. Ele falhou neles de todas as formas em cada nível.

Quando eu for presidente, eu vou trabalhar para garantir que todas as nossas crianças sejam tratadas igualmente, e protegidas igualmente. Para cada ação que eu tomar, eu vou me perguntar: isso torna a minha vida melhor ou jovens adultos Americanos em Baltimore, Chicago, Detroit e Ferguson que vieram de todos os lados, têm o mesmo direito de viver seus sonhos quanto qualquer outra criança da América?

Para tornar a vida segura na América, nós precisamos discutir as ameaças crescentes de fora do país. Nós vamos derrotar os bárbaros do E.I.. E nós vamos derrotá-los muito.

Mais uma vez, a França é a vítima de um ataque terrorista brutal islâmico. Homens, mulheres e crianças agressivamente moídas. Vidas arruinadas. Famílias destroçadas. Uma nação em luto. O dano e devastação que pode ser infligida por radicais islâmicos tem sido provada mais e mais vezes. No World Trade Center, em uma festa de escritório em San Bernardino, na Maratona de Boston, e em um centro de recrutas militares em Chattanooga, Tennessee. E em vários outros lugares.

Apenas semanas atrás, em Orlando, Flórida, 49 americanos incríveis foram selvagememente assassinados por um terrorista islâmico. Desta vez, o terrorista teve como alvo a comunidade LGBTQ.

Nada bom. E vamos acabar com isso. Como seu presidente, eu vou fazer tudo em meu poder para proteger nossos cidadãos LGBTQ da violência e opressão da

ideologia de ódio estrangeira. Acredite em mim. E eu tenho que ser como um Republicano, é bom ouvir vocês torcendo pelo que eu acabei de falar. Obrigado.

Para nos proteger do terrorismo, precisamos focar em três coisas.

Temos que ter a melhor, absolutamente melhor, coleta de inteligência em qualquer lugar no mundo. A melhor.

Temos que abandonar a política falida de construir o país e mudar o regime que Hillary Clinton empurrou no Iraque, Líbia, Egito e Síria.

Ao invés disso, precisamos trabalhar com todos os nossos aliados que compartilham nosso objetivo de destruir o E.I. e impedir o terrorismo islâmico e fazer isso agora, fazer isso rapidamente. Nós vamos vencer. Nós vamos vencer rapidamente. Isso inclui trabalhar com nosso maior aliado na região, o estado de Israel.

Recentemente eu disse que a NATO estava obsoleta. Porque ela não cobriu o terror de forma correta. E também que muitos dos países membros não pagam a quantia justa. Como sempre, os Estados Unidos estavam arcando com os custos. Logo depois, foi anunciado que a NATO vai criar um novo programa para combater o terrorismo. Um passo verdadeiro na direção correta.

Por último, e muito importantemente, nós precisamos imediatamente suspender a imigração de qualquer país que foi comprometida pelo terrorismo até o momento em que for provado que temos mecanismos de veto colocados em funcionamento. Nós não os queremos em nosso país.

Minha oponente defendeu um aumento radical de 550% - pense nisso, isso não é acreditável, mas é o que está acontecendo – um aumento de 550% em refugiados sírios por cima dos fluxos massivos de refugiados que têm vindo para o nosso país sob a liderança do presidente Obama.

Ela propõe isso apesar do fato de que não há uma forma de filtrar esses refugiados para descobrir quem eles são ou de onde eles vêm. Eu só quero admitir indivíduos em nosso país que vão apoiar nossos valores e amar nossas pessoas. Qualquer um que apoiar a violência, o ódio ou a opressão não é bem-vindo em nosso país e nunca vai ser.

Décadas de imigração recorde têm produzido pagamentos mais baixos e maior desemprego para nossos cidadãos, especialmente para trabalhadores afro-americanos e latinos. Nós vamos ter um sistema de imigração que funciona, mas um que funciona para o povo americano.

Na segunda-feira, ouvimos de três pais cujos filhos foram mortos por imigrantes ilegais: Mary Ann Mendonza, Sabine Durden e meu amigo Jamiel Shaw. Eles são apenas três corajosos representantes de muitos milhares que sofreram grandemente.

Em todas as minhas viagens neste país, nada me afetou mais, nada chegou nem perto do tempo que passei com mães e pais que perderam seus filhos para a violência que transborda por nossas fronteiras, que nós podemos resolver. Nós temos que resolver isso. Essas famílias não têm grupos de interesses para representá-las. Não há ativistas para protegê-los e ninguém para protestar em nome deles.

Minha oponente nunca vai se encontrar com eles e nem partilhar da dor deles. Acredite em mim. Ao invés disso, minha oponente quer cidades santuário. Mas onde estava o santuário para Kate Steinle? Onde estava o santuário para os filhos de Mary Ann, Sabine e Jamiel? É tão triste falar sobre isso. Nós podemos resolver isso tão rapidamente. Onde estava o santuário para todos os outros americanos que foram tão brutalmente assassinados, e que sofreram tão horivelmente? Essas famílias americanas feridas têm ficado sozinhas. Mas eles não estão mais sozinhos.

Nesta noite, este candidato e toda esta nação se levantam para apoiá-los, para enviar a eles nosso amor, e jurar pela honra deles que vamos salvar incontáveis outras famílias de sofrerem o mesmo terrível destino.

Nós vamos construir um grande muro de fronteira para impedir a imigração ilegal, para impedir as gangues e a violência, e para impedir as drogas de se derramarem em nossas comunidades.

Eu fiquei honrado em receber apoio dos agentes de fronteiras da América, e vou trabalhar diretamente com eles para proteger a integralidade do nosso sistema de imigração legal.

Ao acabar com o prender-e-soltar na fronteira, nós vamos impedir o ciclo de contrabando de pessoas e violência. O cruzamento ilegal de fronteiras vai cair. Nós vamos impedir isso. Isso não vai mais acontecer muito. Acredite em mim.

A paz vai ser reestabelecida ao aplicar regras para milhões que extrapolam os seus vistos, nossas leis finalmente vão receber o respeito que elas merecem.

Hoje à noite eu quero todos os americanos que tiveram suas demandas sobre imigração negados e que todos os políticos que as negaram que escutem de perto as palavras que eu estou prestes a dizer: No dia 20 de janeiro de 2017, o dia que eu faço o juramento de presidente, os americanos finalmente vão acordar em um país onde as leis dos Estados Unidos são aplicadas.

Nós vamos ser ponderados e sensíveis com todos. Mas minha maior compaixão será com nossos próprios cidadãos em sofrimento.

Meu plano é exatamente o oposto da política de imigração radical e perigosa de Hillary Clinton. Os americanos querem alívio da imigração descontrolada. Que é o que temos agora. Comunidades querem alívio. Mas Hillary Clinton está propondo uma anistia massiva, imigração massiva e falta de lei massiva.

O plano dela vai sobrecarregar suas escolas e hospitais, reduzir ainda mais seus empregos e pagamentos, e tornar ainda mais difícil para imigrantes recentes escaparem do tremendo ciclo de pobreza que eles estão enfrentando neste momento e que torna quase impossível para eles se unirem à classe média.

Eu tenho uma visão diferente para nossos trabalhadores. Ela começa com um novo, justo acordo comercial que protege nossos empregos e reage a países que trapaceiam – há muitos deles.

Tem sido a mensagem assinatura de minha campanha desde o primeiro dia, e vai ser uma assinatura característica da minha presidência desde o momento que eu fizer o juramento. Eu ganhei bilhões de dólares fazendo negócios. Agora quero tornar nosso país rico novamente. Usando as melhores pessoas de negócios do mundo, eu vou tornar nossos acordos de comércio ruins em ótimos acordos de comércio.

A América perdeu quase um terço de seus empregos desde 1997, após a promulgação de acordos desastrosos apoiados por Bill e Hillary Clinton. Lembre-se, foi Bill Clinton quem assinou o NAFTA, um dos piores acordos econômicos já feitos por nosso país. Ou, francamente, em qualquer outro país. Nunca novamente.

Eu vou trazer nossos empregos de volta para Ohio e Pensilvânia e Nova York e Michigan e toda a América e eu não vou deixar empresas se mudarem para outros países, despedir seus empregados pelo caminho, sem consequências. Não vai mais acontecer.

Minha oponente, por outro lado, apoiou praticamente todos os acordos que estão destruindo nossa classe média. Ela apoiou o NAFTA, e apoiou a entrada da China na organização de comércio mundial. Outro dos erros colossais de seu marido. Ela apoiou o acordo comercial matador de empregos com a Coreia do Sul. Ela apoiou a parceria Transpacífica que vai destruir não apenas nossa manufatura mas vai tornar a América sujeita ao domínio de países estrangeiros. E isso não vai acontecer.

Eu juro que nunca vou assinar nenhum acordo comercial que fere nossos trabalhadores ou que diminui nossa liberdade e independência. Nós nunca vamos assinar acordos comerciais ruins. América primeiro de novo. América primeiro.

Ao invés disso, vamos fazer acordos individuais com países individuais. Não vamos mais entrar nessas transações massivas com muitos países que têm milhares de páginas e que ninguém do nosso país lê ou entende. Vamos cobrar todas as violações de comércio contra qualquer país que trapacear. Isso inclui impedir o roubo indignante da China de nossa propriedade intelectual, junto com seu despejo ilegal de produtos e a

manipulação devastadora de sua moeda. Eles são os melhores que já existiram, os melhores manipuladores de moeda de todos.

Nossos horríveis acordos de troca com a China, e com muitos outros, vai ser totalmente renegociado. Isso inclui renegociar o NAFTA para conseguir um negócio muito melhor para a América e vamos embora se não conseguimos esse tipo de acordo. Nosso país vai começar a construir e fazer coisas de novo.

Depois vem a reforma de nossas leis de impostos, regulações e regras de energia. Enquanto Clinton planeja um massivo, e eu quero dizer massivo, aumento de impostos, eu proponho a maior redução de impostos de qualquer candidato que concorreu neste ano. Democratas ou Republicanos. Americanos de renda média vão experimentar um enorme alívio, e impostos vão ser grandemente simplificados para todos. Quero dizer para todos.

A América é uma das nações que mais tem impostos no mundo. Reduzir os impostos vai resultar que novas empresas e novos empregos vão voltar voando para nosso país. Acredite em mim. Isso vai acontecer e vai acontecer logo.

Depois nós vamos lidar com o problema da regulamentação, um de nossos maiores matadores de empregos de todos. Regulamentação excessiva está custando ao nosso país quase US\$2 trilhões por ano, e vamos acabar e muito rápido.

Nós vamos restringir as restrições da produção de energia americana. Isso vai produzir mais de US\$20 trilhões em atividades geradoras de empregos nas próximas quatro décadas.

Minha oponente, por outro lado, quer colocar os ótimos mineradores e siderúrgicos de nosso país fora do negócio. Isso nunca vai acontecer com Donald J. Trump como presidente. Nossos siderúrgicos e nossos mineradores vão voltar a trabalhar.

Com essas políticas econômicas novas, trilhões de dólares vão começar a fluir para nosso país. Essa nova riqueza vai melhorar a qualidade de vida de todos os americanos. Nós vamos construir estradas, rodovias, pontes, túneis, aeroportos e ferrovias do nosso amanhã. Isso, por sua vez, vai criar milhões de empregos a mais.

Nós vamos resgatar crianças de escolas deficientes ao ajudar seus pais a enviá-los para uma escola de sua preferência. Meu oponente preferiria proteger burocratas da educação do que servir às crianças americanas. É isso que ela está fazendo e o que ela tem feito.

Nós vamos rejeitar e substituir o desastroso Obamacare. Você vai conseguir escolher seu próprio médico de novo.

Nós vamos consertar o TSA dos aeroportos, que é um desastre total. Obrigado.

Nós vamos trabalhar com todos os nossos estudantes que estão se afogando em débito para tirar a pressão desses jovens que estão começando suas vidas adultas. Problemas tremendos.

Nós vamos reconstruir completamente nossas forças armadas exauridas. E os países que estamos protegendo a custos massivos vão ser convidados a pagar sua parte justa.

Cuidaremos de nossos grandes veteranos como nunca foram cuidados antes. Meu recém-publicado plano de 10 pontos acaba de receber um tremendo apoio. Garantiremos que aqueles que servem este país poderão visitar o médico ou hospital de sua escolha sem esperar cinco dias morrendo em uma fila.

Minha oponente descartou o escândalo do VA, mais um sinal de como ela realmente está fora de forma.

Vamos pedir a cada chefe de departamento e governo que forneça uma lista de projetos de gastos desnecessários que podemos eliminar nos primeiros 100 dias. Os políticos têm falado sobre isso há anos, mas eu vou fazer isso.

Também vamos nomear juizes para a Suprema Corte dos Estados Unidos, que defenderão nossas leis e nossa constituição. A substituição do nosso querido Juiz

Scalia será por uma pessoa de opiniões, princípios e filosofias judiciais semelhantes. Muito importante. Esta será uma das questões mais importantes decididas por esta eleição.

Minha oponente quer essencialmente abolir a Segunda Emenda. Eu, por outro lado, recebi o endosso inicial e forte da National Rifle Association. E protegerei o direito de todos os americanos de manter suas famílias seguras.

Neste momento, gostaria de agradecer à comunidade evangélica porque, eu vou lhe dizer, o apoio que eles me deram – e não tenho certeza se eu mereço totalmente – tem sido tão incrível. E tem sido uma grande razão para eu estar aqui esta noite. Eles têm muito a contribuir para as nossas políticas.

No entanto, nossas leis impedem que vocês falem seus pensamentos a partir de seus próprios púlpitos. Uma emenda, empurrada por Lyndon Johnson, muitos anos atrás, ameaça as instituições religiosas com a perda de seu status de isenção de impostos se elas defenderem abertamente suas opiniões políticas. Suas vozes foram caladas. Eu trabalharei duro para revogar essa linguagem e proteger a liberdade de expressão para todos os americanos.

Podemos realizar essas grandes coisas e muito mais. Tudo o que precisamos fazer é começar a acreditar em nós mesmos no nosso país novamente. Comece a acreditar. É hora de mostrar ao mundo inteiro que a América está de volta, maior e melhor e mais forte do que nunca.

Nesta jornada, tenho muita sorte de ter ao meu lado minha esposa Melania e meus maravilhosos filhos Don, Ivanka, Eric, Tiffany e Barron: Vocês sempre serão minha maior fonte de orgulho e alegria. E a propósito, Melania e Ivanka, elas fizeram um bom trabalho?

Meu pai, Fred Trump, era o homem mais inteligente e mais trabalhador que já conheci. Eu me pergunto às vezes o que ele diria se ele estivesse aqui para ver isso hoje à noite. É por causa dele que aprendi, desde a minha tenra idade, a respeitar a dignidade do trabalho e a dignidade das pessoas que trabalham.

Ele era um cara mais à vontade na companhia de pedreiros, carpinteiros e eletricitistas e eu tenho muito disso em mim também. Eu amo essas pessoas.

Então há minha mãe, Mary. Ela era forte, mas também calorosa e justa. Ela era uma ótima mãe. Ela também era uma das pessoas mais honestas e caridosas que eu já conheci, e um grande e grande avaliadora de caráter. Ela poderia escolhê-los do nada.

Para minhas irmãs, Mary Anne e Elizabeth, meu irmão Robert e meu falecido irmão Fred, sempre lhes darei meu amor. Vocês são muito especiais para mim.

Eu amei a minha vida nos negócios.

Mas agora, minha única e exclusiva missão é ir trabalhar para o nosso país, trabalhar para você. É hora de entregar uma vitória para o povo americano. Nós não ganhamos mais, mas vamos começar a ganhar novamente. Mas para fazer isso, devemos nos libertar da política mesquinha do passado.

A América é uma nação de crentes, sonhadores e pessoas de sucesso que está sendo liderada por um grupo de censores, críticos e cínicos. Lembre-se: todas as pessoas dizendo que você não pode ter o país que você quer, são as mesmas pessoas que não suportariam, quero dizer que eles disseram que Trump não tem chance de estar aqui esta noite, nem uma chance, as mesmas pessoas. Nós amamos derrotar essas pessoas, não é mesmo? Adoro.

Não podemos mais confiar nessas mesmas pessoas. Na mídia e na política que dirão qualquer coisa para manter um sistema manipulado em funcionamento. Em vez disso, devemos escolher acreditar na América.

A história está nos observando agora. Somos nós que não temos muito tempo. Nós não temos muito tempo. Ela está esperando para ver se vamos conseguir e se mostraremos ao mundo inteiro que a América ainda é livre, independente e forte.

Estou pedindo seu apoio hoje à noite para que eu possa ser campeão do ano na Casa Branca. E eu serei um campeão. Seu campeão.

Minha oponente pede a seus partidários que repitam uma promessa de lealdade de três palavras. Diz: "Eu estou com ela".

Eu escolho recitar uma promessa diferente. Minha promessa diz: "Eu estou com você, o povo americano".

Eu sou sua voz. Assim, para todos os pais que sonham por seus filhos e para todas as crianças que sonham com seu futuro, digo estas palavras para vocês esta noite: Eu estou com vocês e lutarei por vocês e conquistarei para vocês.

Para todos os americanos hoje à noite, em todas as nossas cidades grandes e pequenas, eu faço esta promessa:

Vamos tornar a América forte novamente.

Vamos tornar a América orgulhosa novamente.

Nós vamos tornar a América segura novamente.

E faremos a América grandiosa novamente!

Deus te abençoe e boa noite! Eu te amo!